

02:070
S593r
T

**A representação social da AIDS
construída a partir das informações
veiculadas nos jornais diários:**

análise da cobertura sobre AIDS
no jornal "Estado de Minas"

Adriana Machado Simões

02:070
S593r
T

Adriana Machado Simões

**A representação social da AIDS
construída a partir das informações
veiculadas nos jornais diários:**

**análise da cobertura sobre AIDS
no jornal "Estado de Minas"**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação Social

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suzy de Souza Queiroz

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



189719711

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Belo Horizonte
Escola de Biblioteconomia da UFMG

1997

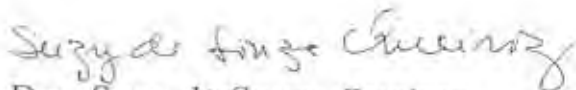
FOLHA DE APROVAÇÃO

Titulo da Dissertação: "A representação social da AIDS construída a partir das informações veiculadas nos jornais diários: análise da cobertura sobre AIDS no jornal Estado de Minas".

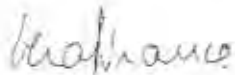
Nome da aluna: **Adriana Machado Simões**

Dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, aprovada pela banca examinadora, constituída pelos professores Suzy de Souza Queiroz (orientadora), Vera Regina Veiga França (FAFICH), Ana Maria Pereira Cardoso/EB e Alcenir Soares dos Reis/EB.

Belo Horizonte(MG), 03 de abril de 1997.




Profª. Dra. Suzy de Souza Queiroz
Orientadora



Profª. Dra. Vera Regina Veiga França



Profª. Dra. Ana Maria Pereira Cardoso



Profª. Alcenir Soares dos Reis

Para meus pais e Elisa.

Para Lete e Paulinho, com saudade.

*"Enganam-se os que
pensam que me deixam
quando se põem a morrer."*

Affonso Romano de Sant'Anna

Agradecimentos

Durante minha vida acadêmica, desde mesmo a primeira aula ainda na graduação, na Fafich, venho ouvindo e lendo sobre o distanciamento do pesquisador; sua racionalidade e objetividade. Nas aulas de metodologia, o discurso do "não envolvimento do cientista com seu universo de pesquisa" se repelia ao longo dos anos e dos cursos. E eu me perguntava: como é possível calar o coração? Com o tempo, e as muitas pesquisas, fui aprendendo não a calar o coração, mas a não deixar que ele fosse determinante nas decisões da pesquisadora. Foi assim também com este trabalho. Por isso gostaria de aproveitar este espaço que se abre nestes agradecimentos, para deixar, finalmente, o coração falar...

É um privilégio poder aprender através do prazer da leitura de Adélia Prado, Rubem Alves, Affonso Romano de Sant'Anna, Fernando Pessoa e tantos outros. Nesse prazeroso aprendizado, fui alertada, um dia, por Guimarães Rosa, em Grande Sertão Veredas:

"Eu atravesso as coisas - e no meio da travessia não vejo! - só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada."

Desde as provas e a entrevista de seleção para o mestrado, em dezembro de 1993, até hoje, quando finalmente esta dissertação se concretiza, procurei viver mais essa travessia em todos os seus momentos. E foram muitos os que dividiram esses momentos comigo. Hoje, divido com eles esta dissertação...

Com minha família, em especial meus pais, Tia Querida, Tê e Ana, pelo "orgulho" e carinho, demonstrados cada um a sua maneira; com Suzy, por saber respeitar meu vôo, quando foi preciso voar, e por sabiamente trazer-me de volta à terra, no momento certo; com os professores do mestrado em

Ciência da Informação, em especial Ana e Alcenir, por tudo o que extrapolou a sala de aula e pela presença na banca da defesa e na banca do exame de qualificação, assim como com a professora Vera Regina, da Fafich; com os colegas do mestrado, por transformarem nossas aulas em deliciosos encontros, e em especial com Regina - que hoje sabe de jornais tanto quanto eu sei de arquivos - e com Marconi - que ainda consegue me ouvir falar dos paradigmas nas Ciências Sociais -; com o jornal "Estado de Minas", pelo acesso ao seu acervo e a ajuda em diversos momentos no decorrer desses três anos; com Cristina, bibliotecária da Faculdade de Medicina, pela paciente busca dos artigos sobre AIDS e Imprensa; com o GAPA e os atendentes do INFORME AIDS; com os amigos Pedro e Osvaldinho, pelos esclarecimentos sobre a AIDS, Itamar, pela revisão final do texto e, em especial, Manoel, não porque "promessa é dívida", mas porque, nesta e nas outras travessias em que está ao meu lado, às vezes, minha impaciência e nossas brigas são sinônimos de carinho e cumplicidade.

.. "A morte tem dois lados. Um é a sua realidade física. E nisto todas elas se parecem. O outro são as palavras que dizemos uns aos outros, diante dela. É aqui que se encontra a diferença. [...] O que nos diferencia não é que alguns sejam sadios e outros enfermos. A diferença está nos poemas que recitamos diante do horizonte que se aproxima. E é com estas palavras que a vida trava a sua batalha contra a morte. Pois o corpo, como diz o texto sagrado, não se alimenta só com o pão - e remédios -, mas com toda palavra que sai da boca de Deus. A linguagem de Deus é a poesia. É a beleza que faz acordar em nós o desejo de viver.

Quem sabe haverá poetas que saberão dizer aos doentes de AIDS as palavras que os arrancarão dos túmulos onde os nossos olhos os colocaram."

Rubem Alves

Sumário

RESUMO	8
1 INTRODUÇÃO INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E CONSTRUÇÃO DE REALIDADES	9
1.1 Imprensa e construção de realidades	12
2 CAPÍTULO I AIDS: O DESAFIO DO VÍRUS E DA INFORMAÇÃO	17
2.1 A nova epidemia	20
2.2 Epidemia da informação	24
2.3 Aids no Brasil	27
3 CAPÍTULO II IMPrensa: DO FATO À NOTÍCIA	34
3.1 As notícias	36
3.2 A edição dos jornais	41
3.3 Jornalismo científico	44
4 CAPÍTULO III IMPrensa E AIDS: A ESPECIFICIDADE DA QUESTÃO	49
5 CAPÍTULO IV O CAMINHO PERCORRIDO: DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS	62
5.1 Abordagem qualitativa	65
5.2 "Grounded theory": a descoberta através dos dados	70
5.3 Representatividade dos conceitos: definindo a amostra	79
6 CAPÍTULO V A AIDS SOB A ÓTICA DA IMPrensa: ANÁLISE DOS DADOS	84
6.1 AIDS - o que a imprensa informa	85
6.1.1 Classificação segundo as editorias	89
6.1.2 Classificação quanto à categoria de exposição ao vírus	102
6.1.3 Classificação quanto aos temas abordados	121
6.2 AIDS - como a imprensa informa	145
6.2.1 Classificação quanto aos aspectos subjetivos das notícias	145
7 CAPÍTULO VI CONCLUSÃO	168
SUMMARY	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	182

Resumo

Ao informar sobre o mundo o jornal o faz através de um recorte que passa por diversas escolhas. Essas escolhas acabam por determinar a representação social da imprensa sobre os mais diversos assuntos. Partindo do problema colocado acima, este trabalho tem como tema a representação social da imprensa sobre a AIDS - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. Busca, através da análise da cobertura sobre a doença no jornal "Estado de Minas", no período de 1984 a 1995, responder a duas questões: que tipo de informação está sendo levada ao leitor e qual é a relação entre a representação da AIDS construída a partir da imprensa e a representação científica da doença. Ou seja, "o que" e "como" o jornal informa. Utilizou-se da "grounded theory", método proposto para o tratamento qualitativo dos dados, em que a teoria é construída a partir do próprio dado e o cientista é incentivado a ser o seu próprio metodologista. A comparação e os princípios básicos da triangulação foram os meios de validação utilizados para verificar a análise realizada. Definindo informação como um processo que envolve três momentos - informação potencial, informação consolidada e informação transformada em conhecimento -, este trabalho procurou analisar as informações contidas nas notícias, agrupando-as em conceitos, construídos a partir da leitura das próprias notícias. Esses conceitos, por sua vez, foram agrupados em quatro categorias: editoriais, categoria de exposição ao vírus, temas abordados e aspectos subjetivos das matérias. A fragmentação das notícias, a desinformação de alguns jornalistas, as contradições e abrangência da própria doença, além de problemas relacionados às fontes de informação a que têm acesso os jornalistas e à edição das páginas dos jornais, levaram à conclusão de que a imprensa não está apta a oferecer uma educação formal sobre a AIDS, que leve efetivamente a uma mudança de comportamento, apesar do jornal apresentar notícias abrangentes, freqüentes, bem distribuídas, informativas e contemporâneas, considerando-se os temas abordados, ainda que não reflitam os números oficiais da doença, considerando-se as categorias de exposição ao vírus da AIDS.

1 INTRODUÇÃO

INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO
E CONSTRUÇÃO DE REALIDADES

"Não temos como conhecer o que é a 'realidade em si' independentemente das descrições lingüísticas que nos levam a percebê-la e a interpretá-la de tal ou qual maneira. Podemos apenas saber como se comporta o que chamamos 'realidade' à luz de diferentes descrições."

Richard Parker

Qual a relação que existe entre a realidade apresentada pelos jornais diários, cada manhã, nas bancas de jornais, e a realidade social que serviu de matéria-prima aos jornalistas que redigiram e editaram suas notícias? Essa é a pergunta que está por trás deste trabalho. O senso comum atribui ao jornal uma objetividade que é impossível de existir. Ao informar sobre o mundo, o jornal o faz através de um recorte que passa por diversas escolhas. Essas escolhas acabam por determinar a representação social da imprensa sobre os mais diversos assuntos.

Este trabalho tem como tema a representação social da imprensa sobre a AIDS - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. Busca, através da análise da cobertura sobre a doença do jornal "Estado de Minas", no período de 1984 a 1995, responder a duas questões: que tipo de informação está sendo levado ao seu leitor e qual é a relação entre a representação da AIDS construída a partir da imprensa, no caso a partir do jornal "Estado de Minas", e a representação científica da doença.

Apesar dos muitos conceitos de informação existentes, tento construir aquele que poderia sintetizar minhas reflexões nesse sentido. Hoje, penso a informação como um processo que envolve três momentos. O primeiro, onde temos uma "informação potencial", ainda sem valor, porque não está sendo utilizada e que só terá significado diante da noção de futuro que permitirá a construção desse significado. No segundo momento essa

informação é selecionada para e pelo usuário, se transformando em uma informação com valor agregado, ou "informação consolidada". É no terceiro momento que a informação se transforma em conhecimento e deixa de ser um fim para tornar-se um meio. Conhecimento este que assume uma dupla função em relação com o social: o conhecimento instituído no social e "instituinte" socializador.

Partindo das correntes positivistas - que acreditam que o homem não tem instrumental técnico ou teórico para apreender a realidade, porque esta é muito complexa - e passando por Mannheim - para quem o conhecimento é perspectivista, pois diferentes grupos sociais percebem a realidade sobre diferentes perspectivas -, chegamos à teoria, com a qual tendo a concordar, que aponta o conhecimento decorrendo não apenas das posições dos indivíduos nos diferentes grupos sociais, mas também de suas práticas sociais, das ações que os indivíduos executam. Desta forma, o conhecimento é sempre um aspecto seletivo de determinado objeto. Além disso, o conhecimento decorre de uma prática que se dá em um determinado contexto sócio-histórico; logo, é preciso compreender cada conhecimento a partir da realidade sócio-histórica na qual ele foi construído.

BERGER e LUCKMANN (1993), ao analisarem a produção do conhecimento a partir da experiência do indivíduo - experiência não enquanto experimento (empirismo), mas enquanto vivência -, afirmam que o conhecimento é um produto social e um fator de transformação social, afirmação que coincide com aquela colocada anteriormente de que o conhecimento tem uma dupla função em relação com o social. Se por um lado o conhecimento decorre das práticas sociais dos indivíduos, das ações que esses executam, sendo, portanto, produzido socialmente, à transmissão desse conhecimento se associa o conceito de socialização - transmissão de padrões culturais e de desenvolvimento coletivo, ou seja, aprendizagem social.

Quando um novo objeto ou tema surge na sociedade e se faz realidade para os homens, inicia-se um processo de construção do código de interpretação desta nova realidade. Ao falarmos em construção estamos falando de uma conduta social e de um conhecimento apreendidos. Estabelecem-se símbolos que sejam partilhados pelos membros da sociedade permitindo-lhes comunicar a respeito dessa nova realidade. Diversas instituições contribuem na formação desses símbolos e, muitas vezes, acabam por construir diferentes realidades para um mesmo objeto ou tema.

1.1 Imprensa e construção de realidades

Esse trabalho surge de minhas reflexões sobre o papel da imprensa nesse processo, ou seja, minhas reflexões sobre o papel da imprensa na construção de realidades. Uma pesquisa desenvolvida na Escola de Enfermagem da UFMG busca analisar a morte através das notícias veiculadas em vários jornais diários do país. Segundo suas pesquisadoras,

"o jornal é um órgão formador de opinião. As opiniões das pessoas a respeito de determinado objeto ou fenômeno estão impregnadas de juízos de valor, repletas de concepções consideradas como verdade, pois quem as emite acredita naquilo que está sendo afirmado. A notícia no jornal exprime um conjunto de explicações e representações acerca da realidade." (FELIPE, 1996:9)

Esta dissertação tem como objetivo determinar, através da análise das notícias publicadas em jornais diários, o que é a AIDS à luz da descrição da imprensa e que tipo de informação sobre a doença está sendo transmitido aos leitores. Assim, esta análise da representação social da AIDS construída a partir das notícias veiculadas nos jornais diários representa, antes de mais nada, um exercício metodológico, o início de um trabalho mais amplo e que tem como objetivo, como foi dito no início deste capítulo, um tema mais complexo: a relação entre imprensa e construção de realidade, com a conseqüente reflexão sobre a importância da informação veiculada nos jornais.

"posto que, a grande imprensa é de circulação diária, ela se insere na vida cotidiana onde projeta suas construções de sentido como uma inquestionável reprodução de realidade social concreta." (MOTTER, 1992:113)

Cabe ao jornalista, ao redigir suas matérias, tentar ser tão isento quanto possível, não permitindo que o processamento da informação seja posto a serviço de fins políticos, ideológicos e pessoais. Entretanto, ao selecionar e dar pesos diferentes aos elementos das informações que serão veiculadas nos meios de comunicação decide-se como determinado aspecto da realidade será apresentado à opinião pública e isso é inevitável, já que uma isenção total, por parte do jornalista é impossível. A neutralidade - ou "objetividade absoluta", segundo MOTTER (1992) -, não existe, o que faz com que as informações veiculadas nos jornais acabem por divulgar "visões de mundo" e valores preestabelecidos.

"Os meios de comunicação, como os jornais que deles fazem parte, detêm o poder de dizer. Trata-se, verdadeiramente, de uma instância de poderes: poder dizer, poder fazer saber, poder fazer crer e poder fazer querer, que se articulam numa estrutura complexa da qual resulta a construção da realidade, o poder sobre a existência das coisas, sobre a difusão das idéias, sobre a criação da opinião. Grupos sociais são definidos, assim como pessoas melhores ou piores, confiáveis ou não. Detendo a palavra, constroem identidades pessoais ou sociais." (MOTTER, 1992:98)

Por tudo isso ressaltamos nosso interesse nesse importante aspecto a ser considerado, quando pensamos no principal papel da imprensa, ou seja, o de informar: a influência das informações veiculadas nos jornais na construção dos códigos de interpretação de uma dada realidade, ou seja, na construção social dessa realidade. Afinal, de acordo com FRANÇA (1993: 72),

"Les médias ouvrent une nouvelle voie de création et de matérialisation du symbolique. De la page écrite qui apparaît chaque jour à l'image télévisuelle, c'est un nouveau champ et nouvelles formes d'expression et de matérialisation du symbolique qui s'ouvrent à nous."

Buscando atingir os objetivos propostos, a pesquisa foi desenvolvida em seis momentos, que acabaram por originar seus capítulos. Os três primeiros constituem, na verdade, uma revisão de literatura sobre os temas que norteiam essa dissertação: a AIDS e a imprensa.

Em um primeiro momento - **Capítulo I - AIDS: o desafio do vírus e da informação** - buscou-se determinar o que representa a AIDS para a comunidade científica, seu perfil durante os doze anos que cobrem a análise do "Estado de Minas" e quais são os números relativos à doença divulgados pelos órgãos oficiais de saúde. Procurou-se, assim, estabelecer um padrão que pudesse servir de contra-ponto ao que a imprensa vinha informando sobre a doença. Vale ressaltar que a AIDS, cientificamente, não é considerada uma doença. Entretanto o emprego da palavra "doença" para se referir à AIDS foi observado nos vários trabalhos que fazem parte da revisão de literatura, e a palavra será utilizada também nesta dissertação.

Em um segundo momento - **Capítulo II - Imprensa: do fato à notícia** - buscou recuperar o trabalho de transformar o fato em notícia, observando o tratamento dado às informações durante o processo jornalístico. Da concreta rotina diária dos jornais às questões mais abstratas sobre a subjetividade do jornalista e sua influência na forma de informar sobre a realidade, procurou-se levantar elementos que pudessem subsidiar a análise da cobertura sobre AIDS do jornal "Estado de Minas".

O **Capítulo III - Imprensa e Aids: a especificidade da questão** procurou fechar a revisão de literatura, com a especificidade do próprio tema. O levantamento das pesquisas sobre imprensa e AIDS, se a princípio apontava para a "falta de originalidade" de minha escolha, acabou por reforçar a preocupação de alguns profissionais da imprensa de todo o mundo, com relação à informação jornalística e à representação social da AIDS construída a partir dela.

As reflexões deste trabalho partem da análise da cobertura sobre AIDS do jornal "Estado de Minas", no período de 1984 a 1985. O **Capítulo IV - O caminho percorrido: definições metodológicas** - descreve a "grounded theory", técnica utilizada na análise das notícias, que propõe a descoberta da teoria através dos dados. Procura decodificar o significado das informações sobre a doença veiculadas no jornal através de uma abordagem qualitativa, que envolveu a descoberta de conceitos e categorias. Procura ainda, validar essa análise através da comparação e da triangulação. A impossibilidade de analisar todas as notícias sobre AIDS veiculadas nesses doze anos levou a uma amostra de 626 notícias.

O **Capítulo V - A AIDS sob a ótica da imprensa: análise dos dados** - foi dividido em duas etapas. Na primeira, procurou apontar o que a imprensa informa sobre AIDS, através da análise das notícias, considerando-se as editoriais em que as matérias foram veiculadas, as categorias de exposição ao vírus apontadas nas notícias e os temas abordados pelo jornal nesses doze anos. Na segunda, procurou apontar como a imprensa informa. Essa segunda análise baseou-se em aspectos mais subjetivos das notícias, tais como a desinformação de alguns jornalistas sobre a doença, a "veracidade" da informação transmitida, o contexto no qual se passou o fato relatado, as possíveis contradições entre a redação da notícia e a edição das páginas, a linguagem utilizada na redação das notícias, a relação entre o tema abordado e a editoria em que a matéria foi veiculada e a importância da informação contida na notícia na educação, prevenção e esclarecimento da AIDS.

O **Capítulo VI - Conclusão** -, em consequência dos diferentes níveis das questões que se colocaram no início da pesquisa, divide-se em duas etapas. Na primeira, responde às questões referentes à cobertura sobre AIDS do jornal "Estado de Minas": que tipo de informação está sendo levado ao seu leitor e qual é a relação entre a representação da AIDS construída a

partir da imprensa, no caso a partir do jornal "Estado de Minas", e a representação científica da doença. Na segunda, aponta para uma reflexão mais profunda sobre a responsabilidade da imprensa em informar e suas limitações para educar, principalmente com relação a um tema tão polêmico quanto a AIDS. A primeira procura fechar as propostas colocadas para esse mestrado, que significou, antes de mais nada, um caminhar no aprendizado da pesquisa científica. A segunda busca abrir novas perspectivas, levantando questões que permitam a continuidade desse caminhar e as reflexões sobre a responsabilidade da imprensa na construção de realidades.

2 CAPÍTULO I

AIDS: O DESAIO DO VÍRUS E DA
INFORMAÇÃO

"No ano 2000 teremos 24 milhões de pessoas com AIDS e 40 milhões de pessoas vivendo com o HIV. Vai ser difícil ignorar tanta gente."

Campanha Mundial Contra a AIDS -1994

Uma análise sócio-histórica da racionalidade científica mostra que o conhecimento científico moderno acaba por ordenar a sociedade e essa ordenação tem efeitos políticos e sociais - regulação social -, e que por isso esse é também um conhecimento social. Não é diferente com o conhecimento médico, e portanto é preciso estar atento aos efeitos sociais do discurso científico sobre o corpo doente e suas conseqüências na construção dos códigos de interpretação de uma dada realidade. Ou ainda, segundo LUZ (1994:11) é preciso

"compreender as relações entre ciência e sociedade, [...], como este aspecto estratégico da sociedade moderna que é a ciência, constrói novas realidades, novas representações coletivas, novos agentes e mesmo novos grupos sociais, prestigiados ou estigmatizados."

No caso específico do conhecimento científico médico, vários são os autores, dentre eles CAMARGO (1994) e LUZ (1994), que acreditam que esse conhecimento médico passou por um deslocamento epistemológico: da arte de curar indivíduos doentes é, hoje, uma disciplina das doenças; uma disciplina que reduz o organismo a um conjunto de peças movendo-se segundo uma lógica articuladora; uma disciplina que classifica os males que podem danificar e destruir essa máquina. Esse "sistema classificatório das morbidades" transforma o discurso médico em um discurso sobre o patológico, sobre a morte, e a medicina em uma ciência das doenças, excluindo desse discurso a vida, a cura e a saúde, que passará a ser vista como ausência de uma patologia.

Esse discurso, assim como a sociologia positivista, também tenta deduzir o "normal" em função dos desvios que são considerados patológicos. Esses desvios supõem uma "ordem reguladora", logo as categorias **normal** e **patológico** estão embasadas nas categorias de ordem - existência de um estado padrão normativo - e de progresso - evolução. E ao tentar deduzir o normal em função de manifestações de sintomas - expressão dos desvios considerados patológicos - adota-se um padrão normativo e uma ordem reguladora que podem ter implicações moralizadoras. É o que pode ser percebido com relação à AIDS.

Quando a doença surgiu, associada a homossexuais e, posteriormente, a viciados e prostitutas, o discurso médico, não muito diferente do discurso social, apontava condutas moralizadoras como a prevenção da doença. Se o doente era o homossexual, o saudável seria o heterossexual; se o doente era a prostituta, o saudável seria a mulher monogâmica; se o doente era o viciado, o saudável seria o não usuário de droga. Ampliando o preconceito inerente à doença, o saudável era visto como sinônimo de normal. A doença não estava nos homens, mas na sua opção sexual, na sua transgressão à ordem preestabelecida.

Este trabalho, entretanto, não pretende analisar a AIDS do ponto de vista científico ou médico. Recuperar a sua história tem como único objetivo oferecer subsídios para que a cobertura da imprensa sobre o tema possa ser analisada comparando as informações veiculadas nos jornais com as descobertas e informações de que dispunham os cientistas quando da publicação das notícias. A história da AIDS foi escrita, e ainda o é, simultaneamente por médicos, cientistas, sociólogos, antropólogos e jornalistas. Torna-se importante, portanto, para este trabalho, deixar claro que em alguns momentos as informações divulgadas pela imprensa refletiam as contradições, inseguranças e dúvidas dos próprios cientistas. Por isso essa tentativa de relatar rapidamente a história dessa nova epidemia.

2.1 A nova epidemia

A partir da década de 80 a história das patologias passou a conhecer aquela que seria denominada a doença do século e um dos maiores desafios científicos enfrentados pela humanidade. No final dos anos 70 e início dos anos 80 surgiram, nos Estados Unidos, os primeiros casos de morte causada por uma nova doença que parecia associar pneumonia e um tipo de câncer, o sarcoma de Kaposi, além de alterar o sistema imunológico dos pacientes. Desconhecida da comunidade médica, a epidemia surgiu na "comunidade gay" das cidades de São Francisco, Los Angeles e Nova Iorque. Em setembro de 1981, a imprensa americana ainda não havia se manifestado sobre a nova epidemia, que em apenas sete meses teve o número de doentes elevado de 5 para 152, apresentando uma mortalidade de 40%. Médicos já afirmavam que este índice poderia chegar a 100%.

A história da AIDS apresenta momentos significativos. O primeiro deles, foi o do surgimento da doença, associada aos homossexuais. Inicialmente a AIDS era conhecida como "câncer gay", "peste gay", ou ainda "peste rosa", alusão ao símbolo rosa utilizado pelos nazistas para identificar os homossexuais nos campos de concentração durante a II Guerra Mundial. Esses nomes foram, posteriormente, substituídos por Deficiência Imunológica Relacionada a Gays - GRID. Em apenas cinco meses - de outubro/81 a março/82 - o número de doentes nos Estados Unidos cresceu em 70%. Apesar das pesquisas indicarem sua transmissão sexual, o Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos - CDC - não admitia publicamente essa informação e qualquer tentativa de controle da doença, como o fechamento das saunas freqüentadas por homossexuais em São Francisco, era vista, pelos próprios homossexuais, como medida, antes de mais nada, moralizadora e de controle de comportamento.

Em 1982 surgiram os primeiros casos envolvendo não homossexuais: comunidade de haitianos, uma mulher usuária de drogas, um

hemofílico. A doença passou a ser conhecida, também, pela sigla 4-H, que identificava os novos grupos de riscos: homossexuais, hemofílicos, haitianos e viciados em heroína (em inglês, heroin-addicts). Esse era, entretanto, o padrão da doença nos Estados Unidos, uma vez que na África homens e mulheres se infectavam através de relações heterossexuais. Aos poucos surgiram novos casos de infectados que estavam excluídos dos chamados grupos de risco, como um bebê que recebera transfusão de sangue ao nascer. A GRID já era a segunda causa de morte em hemofílicos, quando, em 1982, o nome Deficiência Imunológica Relacionada aos Gays foi substituído, pelo CDC, por Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS, uma vez que outros grupos também passavam a apresentar a doença. O novo nome surgiu das características da própria doença: síndrome, por tratar-se de um conjunto de sintomas; imunodeficiência, por afetar o sistema imunológico que deixa de funcionar, e adquirida, por ser causada por um agente externo. Buscava-se, assim, diminuir o preconceito que o nome GRID sugeria. Essa foi uma importante etapa no processo de conhecimento da doença e na luta para o combate à discriminação de grupos sociais, como os homossexuais.

Seguindo seu caminho, a doença passou a enfrentar o poderio econômico da indústria americana de sangue. A Administração de Alimentos e Remédios dos Estados Unidos - FDA - não reconhecia a AIDS como uma epidemia, pois desconhecia, oficialmente, sua forma de transmissão. Também não havia prova científica de sua transmissão por sangue. A obrigatoriedade do teste para Hepatite B, 88% eficiente em detectar os doentes da AIDS e sugerido pelos médicos do CDC para todos os que fossem doar sangue, não foi aceita pelos laboratórios americanos, devido ao seu alto custo. Em oito meses o número de hemofílicos com AIDS quadruplicou nos Estados Unidos, sendo que 89% desses hemofílicos foram contaminados por transfusão de sangue. A omissão dos bancos de sangue, que somente a partir de 1985 passaram a testar as doações, permitiu que 28.000 pacientes recebessem sangue contaminado, nos Estados Unidos.

A descoberta do vírus da AIDS foi outro marco importante na história dessa doença e responsável por uma discussão ética nos meios científicos. Em outubro de 1983, a equipe do Dr. Luc Montagnier, do Instituto Pasteur, descobriu, em Paris, um retrovírus denominado LAV. Em abril de 1984, o governo americano anunciou o Dr. Robert Gallo como o descobridor do vírus da AIDS - HTLV3 - e prometeu a descoberta da vacina para os próximos seis meses. Mais tarde o vírus da AIDS foi rebatizado de HIV, nome pelo qual é conhecido até hoje. Dr. Robert Gallo obteve a patente para o teste da AIDS, apesar de os franceses a terem solicitado antes dos americanos. Em fevereiro de 1985 foi anunciado que o vírus HTLV3 era, na verdade, o vírus LAV, isolado no Instituto Pasteur. Alguns anos depois, Dr. Gallo reconheceu a semelhança dos dois vírus e que o vírus francês poderia ter contaminado acidentalmente suas amostras. Em um acordo envolvendo franceses e americanos, o Instituto Pasteur e o laboratório do Dr. Robert Gallo concordaram em apresentar-se como co-descobridores do vírus da AIDS. Em 1986 outro retrovírus - batizado como HIV-2 - foi identificado em alguns países da África Ocidental. Assim como o HIV, o HIV-2 também é transmitido pelo sangue e pelas secreções sexuais.

A primeira batalha contra a AIDS terminou com a descoberta do teste sorológico, no final de 1984. Entretanto, o ELISA - Enzima Imuno Ensaio, nome dado ao teste - não era 100% exato, podendo apresentar resultados que ficaram conhecidos como "falso positivo" ou "falso negativo". Além disso, o teste poderia levar de seis semanas até três meses após a infecção para acusar positivo. Foram registrados casos em que o teste só acusou positivo três anos após a infecção.

Somente no final dos anos 80 uma droga, o AZT - zidovidina -, foi testada e, ainda hoje, apresenta-se como a primeira alternativa no tratamento contra a ação do vírus HIV. Apesar de seus efeitos colaterais, o AZT consegue, durante algum tempo, impedir a proliferação do vírus HIV. Hoje,

outras drogas, como o DDI - didanosina - e o DDC - zalcitabina -, são introduzidas no tratamento, quando o vírus começa a apresentar uma certa resistência ao AZT.

Enquanto isso, a AIDS extrapolava as fronteiras dos Estados Unidos. A epidemia, que já demonstrara não ter como vítima grupos específicos, ganhava o mundo. A AIDS passou a ser uma doença de países desenvolvidos e em desenvolvimento; de ricos e pobres; homens e mulheres; heterossexuais, homossexuais e bissexuais, crianças, adolescentes e adultos.

Em um primeiro momento, a Organização Mundial de Saúde - OMS - tentou estabelecer padrões para a nova doença, determinando três grandes "padrões epidemiológicos":

(a) padrão I, em que os homossexuais masculinos e usuários de drogas injetáveis formariam o grande grupo de risco, com baixa incidência entre as mulheres. Esse era o perfil dos infectados nos Estados Unidos e Europa ocidental;

(b) padrão II, em que homens e mulheres apresentavam o mesmo risco de contaminação e a relação heterossexual surgia como principal via de transmissão. Era, especificamente, o caso da África, onde a história da AIDS pode levar até mesmo a um impacto demográfico, com um aumento significativo no número de mortes.

(c) padrão III, em que estariam agrupados os países com nenhuma ou pouco significativa incidência de casos de AIDS.

Essa tentativa de mapear as diferenças entre os diversos casos de AIDS pelo mundo levou a especulações que acabaram adicionando à homofobia, que surgiu junto com a doença, o preconceito racial. Apesar de a OMS nunca ter afirmado que existiam diferentes epidemias surgiram

terminologias como "AIDS americana", "AIDS africana", "AIDS brasileira". Na verdade, os contrastes econômicos, sociais e culturais de cada um dos países sempre foram os responsáveis pelas diferentes manifestações da doença. Enquanto na África encontramos sociedades em que a poligamia é legitimada e há um número elevado de doenças sexualmente transmissíveis, Estados Unidos e Europa apresentam um maior número de usuários de drogas e de homossexuais.

2.2 Epidemia da informação

A história da AIDS não se limita a números e descobertas. "*Além do vírus biológico, havia sido isolado um vírus ideológico*" (IMPrensa, 1994:3). A história da AIDS extrapola as fronteiras da ciência médica, e chega até as ciências sociais.

A AIDS expôs o que a sociedade tem de melhor e o que ela tem de pior. A falta de informação e o medo da contaminação levaram ao isolamento dos portadores do vírus, à discriminação dos chamados grupos de risco, ao medo de contaminação. Funcionários dos hospitais recusavam-se a tratar os doentes de AIDS, escolas recusavam crianças portadoras do vírus, famílias inteiras eram discriminadas pelos vizinhos, quando suspeitava-se que um de seus membros poderia estar com a doença. Mas se de um lado estavam a discriminação, o preconceito e o medo, de outro lado estavam a solidariedade e o resgate da cidadania. O carinho surgiu como o melhor remédio para aqueles que já contrairam a doença; a informação, a prevenção e a cobrança constante de verbas para as pesquisas sobre AIDS passaram a ser direito e dever de todos.

Se a descoberta do teste sorológico representou o fim da primeira batalha, tinha início a segunda batalha dessa guerra contra o vírus: prevenção, educação e cura. Enquanto os cientistas desenvolviam suas pesquisas em

busca da vacina da AIDS, diversos setores da sociedade, com destaque para as organizações não-governamentais, grupos de hemofílicos e homossexuais e alguns setores médicos, começavam uma intensa campanha em busca de recursos para os doentes da AIDS: pressionavam o governo, para que campanhas de esclarecimento fossem levadas a toda a população; apontavam a prevenção como o único caminho na luta contra a AIDS. A informação ganhou força nessa guerra, sendo apontada pelos cientistas como a mais poderosa das armas. A única capaz de vencer o vírus até hoje.

Entretanto, como os cientistas, que apesar de algumas conquistas como a descoberta do vírus e do teste, ainda são desafiados pelo desconhecido na busca de uma vacina, os responsáveis pelas campanhas de esclarecimento da população e divulgação da informação, como única forma de prevenção da doença, ainda têm o desafio de frear a contaminação.

"Já se sabe muito sobre o vírus da AIDS, foi identificado o agente causador, o HIV, mapearam-se e analisaram-se seus genes, ele não é um vírus voador e nem se pega como piolho, não há nenhum inseto, alimento ou água agindo entre o vírus e a humanidade. A rota de transmissão do HIV é bem básica: sexo, sangue e da mãe para o feto ou na amamentação. Então onde está a dificuldade de se acabar com a epidemia?" (SILVA, 1995:6)

Quando percebemos que a AIDS vem vencendo também a epidemia da informação, uma revisão do trabalho desenvolvido até agora torna-se imprescindível. Psicólogos, sociólogos, comunicólogos, pedagogos, cientistas da informação, entre outros, têm hoje, diante da inexistência de uma vacina ou de uma perspectiva de cura para a AIDS, o desafio de fazer com que a população se previna da contaminação.

Um dos erros das campanhas educativas desenvolvidas quando da descoberta da AIDS foi relacionar às medidas preventivas, mensagens de cunho moral, que condenavam o homossexualismo, a prostituição e o uso de

drogas. Uma série de desentendimentos envolveram a Igreja, o Judiciário e aqueles que realmente buscavam uma forma concreta de prevenção contra a AIDS. De um lado estava a legislação que proibia o relacionamento sexual em alguns dos presídios do país e, conseqüentemente, a distribuição de camisinhas aos presos; do outro lado, o crescente número de presos infectados com o HIV. De um lado estava a legislação que proibia a Prefeitura de Santos de distribuir agulhas descartáveis para viciados; de outro, o crescente número de adolescentes infectados com o HIV. De um lado estava a Igreja, condenando a utilização de preservativos na relação dos casais e apontando a monogamia, a fidelidade ou a abstinência sexual como única forma de prevenção; de outro, o crescente número de mulheres infectadas com o HIV.

Outro aspecto a ser revisto relaciona-se à descontinuidade das campanhas sobre a AIDS. Essa descontinuidade, segundo PINEL e INGLESÍ (1996), leva as pessoas a pensar na AIDS apenas quando as campanhas estão em evidência. O mesmo ocorre com relação à mídia. Na sua maioria, as notícias diárias tratam de aspectos diversos da doença, como números de infectados, divulgação de encontros e seminários, pesquisas desenvolvidas, ficando as informações sobre prevenção e modos de contágio para as entrelinhas. As matérias especiais, com informações diretas e objetivas, que no caso dos jornais chegam a ocupar uma página inteira e são veiculadas em vários dias, como uma série, acabam agindo como as campanhas descontinuas, ou seja, promovem a discussão sobre a AIDS apenas nos dias em que são veiculadas.

Na busca por informar para prevenir, o governo, através de suas campanhas; as escolas, através de suas aulas de educação sexual e ciências biológicas; as empresas, através dos folhetos informativos distribuídos aos seus funcionários; a classe médica e científica, através de palestras, congressos e seminários; e os meios de comunicação, através das

informações transmitidas em suas notícias, não podem esquecer que somente no dia em que o número de pessoas contaminadas com o vírus diminuir seus objetivos terão sido alcançados. Até hoje, os números e previsões da OMS nos mostram que a AIDS vem vencendo também a batalha da informação.

2.3 AIDS no Brasil

No Brasil, a nova doença chegou através da mídia. No início, apenas uma doença que atingia homossexuais nos Estados Unidos. Em junho de 1983, a partir da morte de um costureiro famoso, surgiram os primeiros casos no país. As vítimas eram identificadas como homossexuais que viveram algum tempo nos Estados Unidos. Daí a idéia de a AIDS ter sido importada para o Brasil. Em outubro de 1983 eram confirmados em São Paulo 13 casos de AIDS com nove mortes. Já em abril de 1984 eram 113 casos no país, com 20 mortes confirmadas só em São Paulo. As principais vítimas ainda eram os homossexuais. No início de 1985 já eram registrados um caso por dia e quatro mortes por semana.

As mesmas questões moralistas manifestadas nos Estados Unidos quando do surgimento dos primeiros casos de AIDS, envolveram a doença no Brasil - para muitos, castigo divino para os transgressores. Acrescentava-se a idéia de que a AIDS era doença de gente rica e famosa que poderia viajar para o exterior, onde ela era adquirida. A associação da AIDS a artistas e celebridades, reforçada pelas notícias veiculadas na imprensa sobre a morte dessas pessoas, desviou, a princípio, o olhar da população do crescente número de cidadãos desconhecidos e anônimos que se infectavam com o HIV.

Mas os números começavam a aparecer e nem mesmo eles conseguiram com que as autoridades brasileiras vissem a AIDS como uma epidemia. Em um país com tantos problemas de saúde, essa "doença pós-moderna" não merecia a atenção dos órgãos oficiais. As diversas áreas

médicas envolvidas ainda tratavam a AIDS apenas como um problema médico. As discussões que buscavam tratá-la como um problema social, como já havia acontecido nos Estados Unidos, ficavam por conta das organizações não-governamentais, dos grupos que lutam pelos direitos humanos, de alguns profissionais da saúde pública ou de grupos geralmente liderados por homossexuais e hemofílicos. Esses grupos mostravam-se preocupados em iniciar um movimento em busca de financiamento para a luta anti-AIDS e de esclarecimento para a população sobre as formas de contágio, como prevenir-se, como combater o preconceito ou como lidar com os pacientes com AIDS. No início muitos foram os conflitos envolvendo ONGs e Governo. A parceria só viria mais tarde, em 1992.

Em 1985, foi criado, através de portaria ministerial, o Programa Nacional de AIDS. Em 1986, iniciaram-se os trabalhos da Divisão Nacional de Controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e AIDS, subordinada ao Ministério da Saúde.

"A ação dessa divisão, nos anos iniciais, traduziu-se na publicação de uma série de manuais com recomendações para profissionais de saúde, na elaboração regular de um boletim epidemiológico e sua distribuição (não tão regular) pelo país, no estabelecimento de medidas para a vigilância epidemiológica, em campanhas de sensibilização e prevenção, na articulação com a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde) e a OMS, na coordenação de revisões sobre a definição de casos de AIDS, na promoção de teleconferências e na legislação em face do controle de sangue e hemoderivados." (PARKER et al., 1994:43)

Ainda em 1986, aprovou-se lei federal estabelecendo a obrigatoriedade do teste de AIDS, associado ao teste de sífilis, hepatite B, malária e doença de Chagas, para o sangue e seus derivados. Somente em 1987, quando 2.284 novos casos foram registrados no país, o teste ELISA chega ao Brasil. Sua utilização extrapola os benefícios no controle da infecção e ele passa a ser exigido nas empresas aos candidatos a emprego, ou por

alguns médicos antes de cirurgias, aumentando o preconceito que desde o seu surgimento acompanha a doença.

Em 1988, é lançada, oficialmente, a primeira campanha maciça sobre a AIDS, que tinha como tema "AIDS, transmita a informação". Nesse mesmo ano, uma portaria dos Ministérios do Trabalho e da Saúde estimulava a participação das empresas na prevenção contra a AIDS, através de campanhas e programas internos.

No início dos anos 90, quando já se ultrapassava a marca de 6.000 novos casos registrados por ano, ao contrário do esperado, diminui o número de funcionários da Divisão de DST e AIDS. As medidas que buscavam o controle da epidemia mostravam-se ineficazes. Além disso, a campanha de sensibilização pública desenvolvida recebeu críticas dos diversos grupos sociais, dentre eles as ONGs e profissionais de saúde do setor público, que não tinham como tratar de seus pacientes, devido à falta de recursos para pesquisa, leitos nos hospitais e remédios para seus pacientes.

Também no Brasil os homossexuais surgiram como o principal grupo de risco, seguidos pelos viciados em drogas intravenosas e os hemofílicos. Somente na década de 90 a expressão "grupo de risco" passou a ser substituída, por alguns segmentos da sociedade, por "comportamento de risco". Enquanto isso, o número de mulheres infectadas em relação ao número de homens infectados passava de uma mulher para 40 homens, em 1983, para uma mulher para três homens, em 1995.

A situação da AIDS, hoje, no Brasil não é muito diferente da situação da AIDS no resto do mundo. Exceto pelo nada desejável terceiro lugar no número de doentes e infectados, atrás apenas dos Estados Unidos e França. Ao contrário das expectativas, a curva da AIDS permanece ascendente. Ao contrário do esperado, a vacina não foi descoberta e, segundo previsões dos próprios cientistas, se fosse descoberta hoje só estaria

disponível - e a preços inacessíveis à maioria da população - daqui a cinco anos. Ao contrário do desejado, o preconceito ainda existe. Duas décadas após o seu surgimento, a AIDS ainda é um desafio para todos.

As tabelas que se seguem procuram apresentar uma visão dos números da AIDS, no Brasil, desde 1980 até 1995, último ano de análise desta pesquisa.

TABELA I

Distribuição dos casos de AIDS no Brasil
segundo ano de diagnóstico e categoria de exposição - 1980-1995

Ano de Diagnóstico	Sexual	Sangüínea	Perinatal	Ignorado ⁽¹⁾	Total
1980	1	-	-	-	1
1981	-	-	-	-	-
1982	8	1	-	-	9
1983	31	4	-	6	41
1984	111	15	-	18	144
1985	425	61	1	51	538
1986	813	161	7	129	1110
1987	1550	579	30	365	2524
1988	2275	1085	72	724	4156
1989	2995	1459	111	1048	5613
1990	3669	2183	175	1755	7782
1991	4952	3015	224	2196	10387
1992	6673	3573	268	2277	12791
1993	7621	3961	347	2509	14438
1994	7969	3189	428	2973	14559
1995	6428	3022	335	2420	12205
Total	45521	22308	1998	16471	86298

(1) Caso e/ou categoria não investigada ou transmissão investigada sem, entretanto, ser caracterizada.
Fonte: AIDS: Boletim Epidemiológico - Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS - Ministério da Saúde

TABELA II

Distribuição dos casos de AIDS no Brasil
segundo ano de diagnóstico e categoria de exposição
Exposição Sexual - 1980-1995

Ano de Diagnóstico	Homossexual	Bissexual	Heterossexual	Total
1980	-	1	-	1
1981	-	-	-	-
1982	5	3	-	8
1983	21	10	-	31
1984	75	34	2	111
1985	283	129	13	425
1986	540	251	22	813
1987	1014	467	69	1550
1988	1428	673	174	2275
1989	1758	874	363	2995
1990	2154	1023	492	3669
1991	2561	1416	975	4952
1992	2843	1567	2263	6673
1993	2730	1523	3368	7621
1994	2691	1495	3783	7969
1995	1954	1082	3392	6428
Total	20057	10548	14916	22308

Fonte: AIDS: Boletim Epidemiológico - Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS - Ministério da Saúde

TABELA III

Distribuição dos casos de AIDS no Brasil
segundo ano de diagnóstico e categoria de exposição
Exposição Sangüinea - 1980-1995

Ano de Diagnóstico	Droga Intravenosa	Hemofilico	Transfusão	Total
1980	-	-	-	-
1981	-	-	-	-
1982	1	-	-	1
1983	2	-	2	4
1984	1	10	4	15
1985	13	32	16	61
1986	49	47	65	161
1987	297	89	193	579
1988	735	104	246	1085
1989	1099	111	249	1459
1990	1789	110	284	2183
1991	2565	109	341	3015
1992	3070	62	441	3573
1993	3492	48	421	3961
1994	2818	39	332	3189
1995	2655	39	328	3022
Total	18586	800	2922	45521

Fonte: AIDS: Boletim Epidemiológico - Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS - Ministério da Saúde

TABELA IV

Distribuição dos casos de AIDS no Brasil
segundo ano de diagnóstico e sexo - 1980-1995

Ano de Diagnóstico	Número de casos			M/F	Total
	Masculino	Feminino	Não registrado		
1980	1	-	-	1/-	1
1981	-	-	-	-	-
1982	9	-	-	9/-	9
1983	40	1	-	40/1	41
1984	139	5	-	28/1	144
1985	505	18	15	28/1	538
1986	1021	65	24	16/1	1110
1987	2193	248	83	9/1	2524
1988	3571	512	73	7/1	4156
1989	4858	691	64	7/1	5613
1990	6667	1021	94	7/1	7782
1991	8572	1680	135	5/1	10387
1992	10326	2386	79	4/1	12791
1993	11277	3124	37	4/1	14438
1994	11271	3275	13	3/1	14559
1995	9131	3057	17	3/1	12205
Total	69581	16083	634	4/1	86298

Fonte: AIDS; Boletim Epidemiológico - Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS - Ministério da Saúde.

3 **CAPÍTULO II**

IMPrensa:
DO FATO À NOTÍCIA

"Notícia vem de notar. E o "notar" varia de corpo para corpo. Urubu não nota madressilva. Beija-flor não nota carniça. Jornal de beija-flor é diferente de jornal de urubu."

Rubem Alves

Já faz algum tempo que a imprensa tornou-se objeto de estudo científico no Brasil. Se muitos são os trabalhos que utilizam-se dela como fonte de pesquisa - destacam-se aqui os de Gilberto Freire, dentre eles "O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX" - tantos outros têm nos jornais o próprio objeto de pesquisa. O professor Pedro Parafita de Bessa, da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, realizou a primeira pesquisa sobre Jornalismo no Brasil, denominada "Uma análise do conteúdo dos jornais". Bessa analisou três jornais de Belo Horizonte durante o período de 11 a 17 de agosto de 1944, procurando caracterizar as mensagens publicadas sob dois aspectos: conteúdo e uso da linguagem. BESSA (s.d.:p1.p25) inicia sua pesquisa afirmando que

"Dentre as várias instituições sociais dos nossos dias, avulta em importância, pela influência na formação de opinião, dos hábitos, dos gostos, das atitudes, dos desejos, etc, do público, a imprensa. Dentro da imprensa, considerada do modo mais geral, podemos distinguir os jornais como um dos principais meios de comunicação das sociedades modernas. A importância da imprensa, reconhecida geralmente por todos, justifica que se lhe dediquem estudos especiais. Os próprios jornais têm merecido as atenções de pesquisadores em outros países e, podemos dizê-lo, mesmo no Brasil.

[...] O conteúdo dos jornais pode ser estudado de outro ponto de vista, qual seja o da natureza das notícias e informações que fornecem ao público. Grande parte da população alfabetizada do Brasil lê, senão exclusivamente, pelo menos principalmente, os jornais. São estes, pois, o principal veículo educativo e de extensão cultural e de interesses do nosso povo. Interessa, portanto, aos jornalistas, educadores, governantes e demais encarregados do progresso social, saber o que, de fato, é fornecido à população."

Esta dissertação enquadra-se dentre os trabalhos que têm no jornal o próprio objeto de estudo, pois busca responder às questões colocadas em seu objetivo, através da análise das notícias sobre AIDS, publicadas no jornal "Estado de Minas", durante o período de 01/01/84 a 31/12/95.

3.1 As notícias

Acreditamos que a principal função social dos jornais é a informação. A imprensa não surgiu como consequência da descoberta dos lípos móveis, mas da necessidade de circulação de informações.

A informação sempre fez parte da vida dos grupos humanos, dos tempos primitivos aos nossos dias. Se os antigos persas construíam torres, que eles chamavam "postes de chamadas", e homens no alto delas retransmitiam as mensagens gritando de uma torre para a seguinte, se os romanos possuíam seu serviço de mensageiro denominado *cursus publicus*, a história encarregou-se de desenvolver novos meios que possibilitassem a transmissão de informações. Primeiro os correios e mais tarde, com o aumento do volume de informações que deveriam ser transmitidas, o telégrafo e o telefone. Naquela época, entretanto, a sociedade desenvolvia a produção em massa e consumia em massa. Assim, tornava-se fundamental que também se transmitissem as informações em massa. Os correios levavam informações a milhões de pessoas, mas não rapidamente; o telefone levava informação rapidamente, mas não a milhões de pessoas. A solução chegou com os meios de comunicação. No caso específico dos jornais, a invenção da imprensa criou a possibilidade de atendimento à demanda de difusão em grande escala das idéias e dos acontecimentos. Surgem depois o rádio e a televisão. Com o tempo esses meios de comunicação - jornais, revistas, rádio, televisão - ganham uma nova denominação: mídia, palavra de origem latina significando "meio". Não importa se gritada através de torres, transmitida via satélite para

todo o mundo ou impressa diariamente nos jornais: estamos falando de informação

Como já dissemos anteriormente, muitos são os conceitos para informação. Mas, quando pensamos em informação e imprensa, o mais importante a considerar é a idéia colocada anteriormente de que a informação é instituída no social e "instituinte" socializador.

No jornalismo a informação recebe o nome de notícia e é definida, nos dicionários de Comunicação, como:

"Relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade, e capaz de ser compreendido pelo público. [...] é a informação exata e oportuna dos acontecimentos, descobrimentos, opiniões e assuntos de todas as categorias que interessam aos leitores [...]"
(RABAÇA, BARBOSA, 1987:418)

Sintetizando o conceito acima temos que notícia é a técnica de relatar um fato. Através de técnicas de redação jornalística transforma-se a informação em notícia. Mas para que uma informação seja transformada em notícia é preciso que essa seja de interesse público. Temos, então, que as notícias veiculadas nos jornais surgem do interesse e da necessidade da sociedade, sendo, portanto, instituídas no social. Mas ao apresentarem uma versão de um fenômeno social têm também importante participação no processo de socialização. Este trabalho, ao analisar as notícias sobre AIDS, tenta pensar essas duas funções: busca entender até que ponto a sociedade e os meios científicos influenciaram na elaboração do noticiário sobre a doença, mas busca, sobretudo, apontar como essas notícias acabaram por construir uma realidade sobre a AIDS, que certamente influenciou e influenciará a atitude das pessoas frente à doença.

Ainda associando os conceitos básicos da teoria da informação ao trabalho do jornalista, temos que a tarefa de escrever a notícia envolve um

processo de decodificação e codificação do fato relatado. O acontecimento será decodificado pelo jornalista que só após a compreensão do mesmo será capaz de codificá-lo de forma a torná-lo acessível ao maior número de leitores. Essa nem sempre é uma tarefa fácil, devido à complexidade dos assuntos que compõem o universo de acontecimentos mundiais de onde são selecionados aqueles que serão noticiados. Apesar das dificuldades que se impõem, é preciso elaborar a notícia

"de forma que seja decodificada ou entendida por pessoas com diferentes repertórios, diferentes formações e informações, pessoas com nível universitário, alfabetizadas, das cidades e do campo." (LUSTOSA, 1996:65)

Esse processo de decodificação e codificação leva ao questionamento da objetividade do jornalista. Em tese o jornalista deveria assumir uma posição neutra, relatando os fatos como eles na verdade ocorreram. Essa idéia, entretanto, já não predomina nos meios jornalísticos. Para MARCONDES FILHO (1993:130),

"o jornalismo não é nem neutro nem objetivo. Essas categorias fazem parte de uma mitologia que foi desenvolvida no Iluminismo, de acreditar que fatos pudessem ser apresentados de forma mais ou menos livre das intervenções e dos interesses humanos. Como em qualquer outra atividade humana, a produção jornalística sofre o filtro e a regulação dos agentes pelos quais passa."

Também segundo a FOLHA DE SÃO PAULO (1992:19),

"Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções."

Entretanto, isso não significa que o jornalista não tenha que buscar essa objetividade, ou seja, tentar ser o mais objetivo possível. Nessa busca pela objetividade possível, adotou-se como prática, para os assuntos que envolvam diferentes opiniões, ouvir os dois lados, que quase sempre apresentam comentários opostos. Se em tese essa parece ser a solução, na

prática o jornal poderá estar passando a seus leitores pelo menos uma informação falsa, quando uma das versões apenas puder ser a verdadeira - em alguns casos as duas versões poderão ser falsas. Esse é um problema que surgirá com relação às notícias sobre a AIDS e que será analisado posteriormente. Como fica o leitor diante de informações contraditórias de dois cientistas sobre um tema em que não possui conhecimentos que permitam sua opção por uma ou outra versão?

Além da objetividade possível, outros atributos das notícias apontados pelas teorias de comunicação merecem ser observados. Imediatismo, interesse e importância são alguns desses atributos e têm um significado especial neste trabalho.

O imediatismo - ou critério da atualidade - diferencia a informação jornalística da informação histórica. A notícia relata o que está acontecendo no mundo hoje. É a informação factual a principal matéria-prima do jornal. O leitor diário do jornal não quer a notícia de ontem ou aquela que outros meios de comunicação - televisão e rádio, por exemplo - já noticiaram. Ele quer saber o que acabou de acontecer e, no caso dos fatos já noticiados pela televisão e/ou rádio, ele busca nos jornais a profundidade do relato e as informações complementares, que acabam por diferenciar a cobertura da mídia impressa das realizadas por outros meios de comunicação. Entretanto, devido seu imediatismo, as notícias que se apresentam como verdadeiras hoje, podem mostrar-se erradas amanhã. Esse é um aspecto importante a ser observado nessa pesquisa e que será tratado na análise de dados, uma vez que a AIDS foi sendo descoberta pelos cientistas ao longo do tempo e ainda apresenta aspectos desconhecidos. É preciso diferenciar a informação errada da informação que tornou-se errada, devido a novas descobertas.

Uma exceção é aberta aos "*acontecimentos intemporais*"¹ que levam à discussão, ao debate e a uma análise desses acontecimentos. Com relação à AIDS esse tipo de reportagem tornou-se mais comum nos últimos anos, quando procura-se, por exemplo, apresentar uma retrospectiva da doença. Entretanto, essas reportagens especiais surgem, normalmente, em consequência de um fato específico. Recentemente, por exemplo, os testes com a vacina para AIDS em voluntários levaram a uma série de notícias publicadas no "Estado de Minas" e em outros jornais brasileiros.

O jornalista tem de estar atento para que possa descobrir o interesse e a importância que determinado fato possa ter para a sociedade. É imprescindível o significado social da notícia a ser veiculada. No caso específico de nosso trabalho, observamos que a AIDS não foi, durante muito tempo, tema de destaque da maioria dos jornais em todo o mundo. Se hoje a notícia da descoberta da cura da AIDS é o sonho de todo jornalista, as infinitas mortes que ela causou custaram a ganhar espaço na mídia e essa é uma das críticas apontadas pelos que estudam a cobertura da AIDS pela imprensa. Resta-nos perguntar até que ponto o imediatismo não prejudicou essa avaliação sobre o interesse e a importância das notícias sobre AIDS. Hoje, temos a visão histórica da doença que nos permite avaliar que o tema não mereceu o destaque necessário. Hoje, quando a prevenção ainda é o melhor remédio contra a AIDS, falamos da importância dos jornais enquanto meios de comunicação de massa em informar sobre a doença. Mas durante seus primeiros anos outros assuntos e até mesmo outras doenças mostravam-se mais preocupantes para a população e, conseqüentemente, mais atrativas para a mídia. É preciso saber buscar nos acontecimentos o que de fato interessa aos leitores. CRATO (1982: 113) exemplifica o critério do interesse:

¹ ROSSI, 1995, p.17

"A criação, pela engenharia genética, de um novo gênero de batata pouco interessará à larga maioria dos leitores de um jornal. Mas se aparecem batatas com 10 kg de peso cada, isso será seguramente notícia de primeira página."

Este trabalho utilizará os termos "notícia" e "matéria" como sinônimos, uma vez que por matéria entende-se

*" tudo o que é publicado, ou feito para ser publicado, por um jornal ou revista, incluindo texto e ilustrações. Tanto o **original** de qualquer notícia, artigo, crônica, nota, etc., quanto a sua forma impressa recebem, genericamente, o nome de matéria."*
(RABAÇA, BARBOSA, 1987:390)

3.2 A edição dos jornais

No processo diário de edição de um jornal, muitos são os que participam na elaboração da notícia que chegará até o leitor. A análise dos dados mostrou-nos a importância de recuperar essa rotina, para uma melhor compreensão de nossas conclusões.

Essa rotina inicia-se com a pauta, elaborada, na maioria das vezes, por um pequeno grupo de jornalistas. Apenas eventualmente aqueles que elaboram as notícias participam dessas reuniões, onde é decidido o que será publicado e com que enfoque. Apesar de não ser normativa - acontecimentos não previstos inicialmente podem e devem mudar a orientação inicial -, a pauta procura orientar e direcionar o trabalho do repórter. Um resumo do assunto, sugestões de nomes a serem entrevistados e a forma como o tema deverá ser abordado são alguns dos itens que a compõem. De certa forma, podemos apontar a elaboração da pauta como um primeiro momento em que a subjetividade do profissional pode estar manifestada. Possivelmente dois jornalistas elaborariam diferentes pautas para um mesmo assunto. A seleção das fontes de informação é outro momento em que essa subjetividade se faz presente. Diversas são as fontes de informação dos jornalistas: os *press-*

*releases*³, que chegam às redações; as editorias de Pesquisa e Documentação dos próprios jornais; as pessoas envolvidas no fato a ser noticiado; as declarações das assessorias de imprensa de grandes empresas ou as matérias enviadas pelas agências de notícias nacionais e internacionais. Entretanto, conforme alerta ROSSI (1995: 51),

"extrair dessas fontes informações que as prejudiquem é, evidentemente, muito difícil, se não impossível. Cabe, então, ao repórter, pesar cada informação passada pelas fontes, confrontá-la com outras, oriundas de outros informantes, avaliá-la em função de seus próprios conhecimentos ou informações anteriores sobre o tema - e, assim, compor o seu próprio quadro."

No caso da cobertura sobre a AIDS, a não apuração dos fatos e das informações que chegam até às redações dos jornais vai levar, muitas vezes, à notícias que refletem apenas o interesse da indústria farmacêutica, divulgam pesquisas que ainda não foram aprovadas pela comunidade científica, ascendem no doente da AIDS a esperança de uma cura que ainda não existe.

Apurados os fatos, colhidas e analisadas as informações, a notícia é, finalmente, redigida. O "Manual de Redação do Globo" (GARCIA, 1992:15) inicia seu capítulo sobre o estilo de redação perguntando: "Como escreve um jornalista?". A resposta vem em uma só palavra: rápido. Ainda segundo o "Manual", enquanto alguns tipos de textos exigem precisão de informação - como os relatórios técnicos - ou elegância de estilo - como as obras literárias - o jornalismo exige tudo isso em um tempo determinado pela pressão do rígido horário para o fechamento do jornal. Entretanto, independente da velocidade com que se escreve, o estilo jornalístico pede textos claros, concisos, diretos, sintéticos e exatos. Dessa forma estará não apenas facilitando a leitura, mas também a compreensão das notícias.

³ "Texto informativo distribuído à imprensa por uma instituição privada, governamental, etc., para ser divulgado gratuitamente entre as notícias publicadas pelo veículo." (RABAÇA, BARBOSA, 1987, p. 507).

A edição das páginas do jornal envolve a escolha das fotos, a redação das legendas, títulos e subtítulos e a distribuição espacial das matérias, elegendo aquela que será destaque ou selecionando e agrupando aquelas que tratam de assuntos que se complementam. Também nessa etapa a subjetividade de um terceiro profissional poderá influenciar a forma como as informações de cada notícia chegarão aos leitores. Em algumas editorias³, principalmente naquelas que noticiam os fatos nacionais e internacionais, grande parte das matérias publicadas chegam aos jornais através de agências de notícias. Mais uma vez a subjetividade estará presente: o enfoque para a notícia será o enfoque escolhido pela agência que a produziu e a publicação ou não da matéria dependerá de uma seleção pessoal do editor.

No momento da edição serão selecionados, de todos os acontecimentos importantes ocorridos no mundo naquele dia, aqueles considerados verdadeiramente importantes para o leitor. Esses acontecimentos envolvem a guerra civil na Bósnia e a reunião da associação de bairro que discute o orçamento participativo da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. A decisão do campeonato mineiro de futebol e o novo financiamento proposto pela Caixa Econômica Federal para a compra de imóveis. É claro que a importância dos acontecimentos varia em cada país, em cada estado, em cada cidade, em cada jornal. Caberá a cada editoria selecionar o que de principal aconteceu em cada uma das áreas. Certamente essa não é uma tarefa fácil.

Outro aspecto importante a ser considerado no processo de edição diz respeito à titulação das matérias. Quem prepara os títulos ou faz cortes nas matérias, para atender exigências gráficas com relação ao tamanho das mesmas, não são os profissionais que as redigiram, mas o editor encarregado do fechamento da página. Isso poderá levar ao corte de alguma informação

³ Editoria: cada uma das seções de uma empresa editorial, de um órgão de imprensa, de uma obra de referência, etc., sob a responsabilidade de um editor especializado. Ex.: editoria econômica, editoria política, editoria de artes, editoria de esportes, etc. (RABAÇA, BARBOSA, 1987, p. 227).

relevante ou a um título inadequado para o tema principal da notícia. Além das limitações impostas pelo tempo para o fechamento das páginas e pelo *lay-out* do jornal - que leva o diagramador⁴ a programar títulos de uma linha com 42 toques, de três linhas com oito toques cada, ou a solicitar corte de quatro linhas na matéria já redigida, por exemplo -, o editor terá que buscar ressaltar no título a informação principal a ser comunicada ao leitor, estimulando nele a curiosidade pela notícia. Veremos na análise dos dados que alguns dos problemas relacionados à cobertura da imprensa sobre a AIDS está nos títulos escolhidos.

Sendo a notícia, inevitavelmente, influenciada pela história de quem a escreve, como vem sendo discutido nesse capítulo, devemos observar não sua objetividade, mas a qualidade do relato jornalístico; a informação ética. Se o papel político e social da notícia ressalta o direito à informação e a liberdade de informar, não podemos nos esquecer do dever de informar corretamente.

Na análise de dados, esse processo de edição do jornal - escolha do que será noticiado, seleção das fotos, redação das legendas, títulos e subtítulos, distribuição espacial das matérias - será retomado, observando sua influência na forma como as informações sobre a AIDS são transmitidas aos leitores.

3.3 Jornalismo científico

O jornalista tem a difícil tarefa de escrever de forma acessível a seus leitores sobre assuntos os mais diversos possíveis. Das notícias econômicas às políticas, passando pelas notícias sobre agropecuária, esportes, turismo, polícia, veículos e, mais recentemente, ciência e tecnologia,

⁴ O jornalista que planeja a distribuição gráfica das matérias, fotos, ilustrações e títulos na página.

o jornalista é o profissional que vai tornar inteligível qualquer informação para o grande público. As redações dos jornais estão divididas em editorias, mas a especialização ainda não é a realidade da maioria dos profissionais. Entretanto, já podemos, de certa forma, falar em macroespecializações. Começam a surgir os jornalistas econômicos, os jornalistas políticos, os jornalistas esportivos e os jornalistas científicos.

Segundo Willian Laurence, um dos primeiros jornalistas científicos do "New York Times", citado por NELKIN (1987:1),

"true descendants of Prometheus, science writers take the fire from the scientific Olympus, the laboratories and the universities, and bring it down to the people."

Assim, o jornalista científico tem como objetivo democratizar o conhecimento produzido pelo cientista, ou seja, democratizar a ciência. E ciência, segundo AMARAL (1969:108),

"inclui tudo que os cientistas descobrem sobre a natureza e qualquer descoberta básica sobre como as coisas existem e por que existem. A ciência inclui também o modo pelo qual esta informação é utilizada para fins práticos, sejam eles um novo modo de curar doenças, a invenção de uma nova máquina ou a criação de um novo fertilizante."

Quase sempre, excetuando-se a televisão e o rádio, o jornal é o único meio através do qual as pessoas têm conhecimento das mudanças que estão acontecendo no campo científico e de suas conseqüências na sua vida. Muitas vezes as informações científicas estão nas notícias do dia-a-dia. A notícia sobre uma criança que não foi aceita em uma determinada escola por ser portadora do vírus HIV, traz, por exemplo, informações sobre formas de contágio do vírus da AIDS.

Segundo MELO (1985:142), o jornalismo científico deve ser uma atividade dirigida à grande massa da população, promovendo a popularização do conhecimento produzido nas universidades e centros de pesquisa. Para tal

"deve utilizar uma linguagem capaz de permitir o entendimento das informações pelo cidadão comum e gerar o desejo do conhecimento permanente, despertando interesse pelos processos científicos e não pelos fatos isolados e seus personagens."

Entretanto, assim como acontece com as notícias econômicas, nem sempre é fácil, e às vezes é até mesmo impossível, encontrar termos coloquiais para substituir expressões científicas

Também não é tranquilo o relacionamento entre jornalistas e cientistas. Os primeiros afirmam ter nos cientistas a principal, e algumas vezes única, fonte de informação sobre as pesquisas e descobertas científicas, e que por isso têm que acreditar em suas informações. Se estas estão erradas, a culpa não poderia, portanto, ser creditada a eles, jornalistas.

*"A divulgação dos fatos ligados à área de saúde foi tema de uma tese levada à reunião da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência, realizada em Belém do Pará, em 1983, e reapresentada na Conferência Nacional dos Jornalistas que se reuniu em Belo Horizonte, no ano seguinte. O autor daquele trabalho, militante veterano da imprensa, mostrava as distorções, as lacunas e os erros cometidos nas notícias veiculadas sobre o assunto, em sua esmagadora maioria de responsabilidade das próprias fontes de informação e, em pequena parte, da afoiteza de alguns profissionais, principalmente dos mais novos, e inexperientes, diante da aparente grandiosidade de um fato."*⁵

Por sua vez, os cientistas tentam controlar as notícias, recusando entrevistas ou condicionando-as a uma revisão do que foi escrito antes de sua publicação; acusando jornalistas de criarem crises onde essas não existem,

⁵ A informação perigosa. Estado de Minas, Belo Horizonte, 29 jun 1985, 1º Caderno, p. 2. (Materia pertencente a amostra selecionada)

além de transformarem hipóteses científicas em esperança para a população. Outra crítica na cobertura de assuntos científicos realizada pela imprensa é apontada por NELKIN (1987:51-52):

"The press coverage of new technological developments plays on and probably encourages the public's desire for easy solutions to economic, social and medical problems.[...] Similar messages have recently been conveyed in the reporting on AIDS. The press has focused extensively on the search for a vaccine well before this technological solution is in sight, helping to divert public attention from the more immediate need to prevent the transmission of the disease."

Por outro lado, é reconhecida a influência da cobertura da imprensa e a pressão que a mesma exerce, por exemplo, na solução de casos como o citado anteriormente, onde a matrícula de uma criança foi recusada por ser a mesma portadora do vírus HIV, ou, atingindo mais diretamente os próprios cientistas, na liberação de recursos financeiros para pesquisas científicas. Ainda segundo NELKIN (1987:83),

"The dramatization of infantile paralysis in the press in the 1950s attracted millions of dollars to the support of research in this area. More recently, dramatic news stories on AIDS, especially when they involved well-known public figures such as Rock Hudson, have helped to generate public funds for AIDS research."

Por fim, este trabalho procura pensar o jornalismo científico observando sua função educativa. Para MELO (1985:10), cabe ao jornal o papel de "educador coletivo", uma vez que esse leva aos indivíduos um conhecimento que os vincula à contemporaneidade. Entretanto, esse processo surge como um processo de educação informal. A educação formal, que passa não somente pela alfabetização, mas sobretudo pela capacitação do indivíduo para que esse assuma uma posição crítica frente às informações veiculadas nos próprios jornais, essa seria de responsabilidade de profissionais

especializados, ligados à área pedagógica. No caso da AIDS, essa educação formal incluiria a participação dos profissionais da área de saúde.

4 CAPÍTULO III

IMPrensa E AIDS:
A ESPECIFICIDADE DA QUESTÃO

Retomando os capítulos I e II, este momento da revisão de literatura procurou contemplar, especificamente, os artigos e pesquisas que abordam temas relacionados à imprensa e à AIDS sob diversos aspectos. Portanto, constam desta revisão artigos que apresentam revisões de literatura de outros autores; estudos que alertam para o papel dos sistemas de informação na divulgação de informações sobre a doença; artigos que alertam para o papel da imprensa na educação sobre a AIDS; trabalhos que apontam as responsabilidades e falhas na cobertura da imprensa sobre a AIDS e, por fim, pesquisas similares a esta desenvolvidas em outros países.

A utilização do **negrito** em alguns trechos procurou destacar observações que, ao longo desta dissertação, foram contestadas ou confirmadas, ainda que não tenham sido retomadas explicitamente.

O surgimento da AIDS no mundo levou à produção, acumulação e circulação de uma grande quantidade de informação. Essa informação foi, pouco a pouco, ganhando espaço em jornais científicos, principalmente da área médica, nos meios de comunicação de massa, nos programas de saúde dos governos. GLUCK (1989) constata que, se em 1983 não existia nenhum jornal específico sobre AIDS e poucas eram as informações sobre a doença em outras publicações, já em 1989 existiam dez jornais específicos sobre o assunto. Antes disso, porém, em 1985, já existiam preocupações no sentido de se oferecer, ao público em geral, um arquivo contendo informações sobre a doença, com o objetivo de facilitar o acesso a essas informações, que em sua grande maioria não estavam indexadas.

O trabalho de SANTA VICCA (1987) relata a experiência da biblioteca da "Cleveland State University", onde mais de 1000 itens - dentre panfletos, cartazes e artigos de jornais - podem ser consultados em complementação às informações contidas nos livros e periódicos científicos.

Desde 1987 várias pesquisas realizam revisões da literatura sobre AIDS, abordando diversos aspectos. ROBERTS *et al.* (1987) fazem uma revisão do desenvolvimento da literatura sobre AIDS e sugerem, devido à variedade de fontes de informação sobre a doença, o desenvolvimento de instrumentos de recuperação que considerem o tipo de informação que será acessada. ANDERSEN (1988) aponta a importância da sensibilidade ao selecionar o material sobre AIDS uma vez que esse material incluirá tópicos "censurados" por parte da população, o que reflete o preconceito que envolve a doença. A revisão de literatura realizada por KLEIN (1993) cobre o período de 1980-1992 e tem como objetivo analisar a questão da privacidade daqueles que estão infectados com o vírus. HOFACKET (1993) apresenta um levantamento de fontes alternativas sobre AIDS como vídeos, revistas, jornais, cartazes e panfletos.

Com a expansão da doença e a constatação, pelos cientistas, de que pouco se caminhou em direção a sua cura, a prevenção surge como a principal estratégia contra a doença - e a prevenção passa, necessariamente, pela educação e informação. Para MUELLER *et al.* (1987) o crescente número de casos da doença leva para as escolas e as bibliotecas públicas o importante papel de organizar e disseminar informações sobre AIDS. A educação se dá através da informação, mas **as informações sobre a doença mudam diariamente** e muitos livros já estão desatualizados antes mesmo de serem impressos. **Por isso os autores incluem os jornais entre as fontes de informação que devem constar no desenvolvimento de programas educacionais por parte das escolas e bibliotecas.** XU *et al.* (1992) publicam estudo onde demonstram a importância de sistemas de informação sobre AIDS na prevenção da doença, além da influência desses sistemas no desenvolvimento de pesquisas.

Os trabalhos que têm como tema a AIDS e a informação/educação, alertam para o papel da imprensa nesse processo. PÁDUA (1986) aponta a

importância da divulgação das informações corretas, com a devida serenidade, pelos jornais, com o objetivo de evitar o pânico e levar as pessoas a questionarem suas condutas de afastamento e preconceitos.

Para GINN (1987), o dramático crescimento do número de casos e mortes de AIDS desde 1981 vem acompanhado de uma explosão de informação nesse sentido. O governo, os profissionais de saúde, consumidores e os meios de comunicação são vitais nas redes de informação informais e formais sobre AIDS. Novas fontes de informação têm surgido nesses setores e a imprensa tem que estar atenta para o seu papel, segundo o autor, de máxima importância naquele momento. **Observa, ainda, que, quando a AIDS entrou para as páginas do jornal, era basicamente relacionada aos homossexuais e usuários de drogas.**

BENNETT (1987), em seu estudo sobre a AIDS, descreve **reações jurídicas, políticas e de comportamento e respostas sociais, tais como estigmatização e mudanças no papel do doente, que surgem quando a população se vê frente à doença.** Para ele está claro que uma educação maciça tem que ser a base para um programa de controle. Ainda segundo o autor, essa educação passa necessariamente pela imprensa.

SANTANA *et al.* (1991) descrevem o esforço de Cuba para desenvolver um programa compreensivo para controlar a epidemia do vírus HIV. O programa inclui, dentre outras medidas, a educação na área de saúde através dos meios de comunicação, dentre eles o jornal. Também REARDON *et al.* (1991) analisam o papel vital dos meios de comunicação. Sua pesquisa indica que **algumas pessoas desconfiam da exatidão e objetividade da imprensa e, por isso, apontam caminhos para se recuperar a credibilidade com relação às notícias sobre AIDS veiculadas nos jornais.**

NOVELLINO (1993) fala da importância de se estender as campanhas de prevenção à AIDS a toda a população, uma vez que as

campanhas do governo, no seu início, voltavam-se apenas para os chamados grupos de risco, o que era reforçado pela imprensa. Apresenta como exemplo o trabalho de disseminação de informação sobre a epidemia desenvolvido no Centro de Documentação da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, que utiliza para isso tanto instrumentos e canais próprios aos centros de documentação, como também outros espaços convencionais e mais abrangentes como os jornais.

Para LIMA (1993), paralela à epidemia do vírus HIV e da doença AIDS temos a epidemia das informações. Os meios de comunicação de massa aparecem como poderosos disseminadores de informação sobre a AIDS e quase tudo ganha espaço na mídia: a origem do vírus, a pesquisa de vacinas, os pacientes famosos, os casos de discriminação e a morte. Mais do que informação, a imprensa acaba por determinar padrões de comportamento "autorizados", certos modos de agir e de ser considerados mais seguros no controle de prevenção da doença.

A literatura alerta para a responsabilidade da imprensa na prevenção da AIDS, mas também aponta falhas na maneira como a cobertura da doença vem sendo realizada, até então. CHECK (1987) admite que os meios de comunicação de massa, dentre eles os jornais, têm transmitido bem muitas das informações básicas sobre a epidemia da AIDS. Entretanto, para o autor, a cobertura da mídia tem apresentado falhas e para ele essas falhas são resultado das limitações e convenções do jornalismo tradicional, especialmente a necessidade de agradar a uma grande audiência. Sua análise mostra que a imprensa dá prioridade ao sensacionalismo, excluindo reportagens sobre fatos científicos.

Para SOURNIA (1987) o papel da imprensa é interpretar o comportamento das pessoas frente a um novo evento, mas ela tem também grande responsabilidade nas reações da sociedade frente a este

novo problema. Com o surgimento da AIDS a imprensa passou a difundir a doença, apontando a diferença entre grupos que ela denominava "normais" e os homossexuais e drogados. Dessa forma a imprensa acaba por incitar atitudes etnocêntricas que levam à segregação e à exclusão dos doentes e portadores do vírus HIV. Para o autor, a imprensa ainda deturpa dúvidas científicas, descrevendo hipóteses como certezas. Para ele, a imprensa acaba por fazer mais vítimas - vítimas sociais da doença - que o próprio vírus.

Para ALTMAN (1988) a AIDS é um tema que, desde o seu surgimento, trouxe vários dilemas para os jornalistas, que acabaram tratando tarde do assunto nas páginas dos jornais e foram criticados por não definirem claramente, e de forma a contribuir na prevenção da epidemia, termos como "fluidos".

DANIEL (1991) aponta a irresponsabilidade da imprensa ao realizar uma cobertura sobre a AIDS, salientando a expansão da doença dentro da comunidade gay americana, criando uma "aura de imunidade" para o Brasil. Ignorando a crescente taxa de AIDS no meio dos pobres e das mulheres, a doença foi caracterizada pela imprensa como uma "desordem estrangeira".

CLINE *et al.* (1991), em uma pesquisa que tem como objetivo investigar a percepção de estudantes sobre as fontes que melhor lhes informam sobre AIDS, classificam 35 tipos de fontes. A imprensa aparece como a fonte que apresenta a maior variedade e quantidade de informação, mas surge também como a de menor aceitabilidade.

ROSS *et al.* (1988) pesquisam, na Austrália, quais são os meios de comunicação mais utilizados como fonte de informação sobre a AIDS. A televisão aparece em primeiro lugar, seguida dos jornais e, em terceiro lugar, do rádio. Dentre os que apontaram os jornais como a fonte de informação mais utilizada estão aqueles classificados na pesquisa como "grupo com

interesse pessoal sobre AIDS", além dos homossexuais e usuários de drogas.

Segundo DRUSHEL (1991), apesar de inicialmente parecer relutante em cobrir os fatos ligados à AIDS, a imprensa nos USA tem realizado quase que diariamente reportagens sobre a doença, desde os anos 80. O autor examinou algumas dessas reportagens com o objetivo de avaliar a validade das críticas de que jornalistas super-enfatizam o papel do homossexual no progresso da doença e de que utilizam-se de termos negativos e sensacionalistas. O autor percebeu pequenas evidências que confirmam essas críticas.

DEAN (1992), em seu artigo, fala da desaprovação, por parte dos cientistas, da maneira como os jornalistas redigem as notícias sobre a AIDS, dando um significado mais popular às suas informações. Aponta como principal problema a **falta de conhecimento científico básico por parte dos jornalistas**. Por outro lado, e em consequência dessa falta de conhecimento, jornalistas afirmam ter que confiar nas informações que lhes são transmitidas pelos cientistas e redigir suas matérias com base nessas informações. Surgem, então, divergências nas matérias veiculadas, mas essas divergências estariam não na imprensa, mas entre os cientistas.

Em um dos principais trabalhos enfocando a AIDS e a imprensa, NELKIN (1991) afirma que **as notícias tratando da doença apresentam controvérsias**, mas que essas controvérsias nada mais são do que reflexos das controvérsias que envolvem as descobertas dos riscos causados pelo HIV. As normas e práticas do jornalismo, as incertezas técnicas sobre a evolução do vírus e as pressões colocadas na mídia por vários interesses têm influenciado as reportagens sobre a AIDS. Resulta, ainda, que as informações veiculadas também dão forma ao contexto

social da epidemia, afetando a percepção pública e o comportamento das pessoas. A imprensa não pode se esquecer disso.

HALLETT *et al.* (1994) examinam em sua pesquisa se as opiniões dos soropositivos são marginalizadas nas matérias sobre AIDS veiculadas na imprensa. Utilizando as técnicas de análise de conteúdo a pesquisa examina 535 principais notícias sobre HIV/AIDS publicadas em dois jornais concorrentes, procurando detectar o nível de participação dos soropositivos nas entrevistas sobre a doença. **Os autores concluem percebendo tendências contra homossexuais e de marginalização dos soropositivos na prática de produção de notícias.**

CRAWSHAW (1990) apresenta em seu artigo os resultados das reflexões da Conferência de Jornalistas no Oregon, que discutiu como a imprensa vem tratando as notícias sobre saúde, especialmente a AIDS. **As conclusões apontam a necessidade de se redigir tais notícias de forma a relatar para seus leitores informações básicas e que levem ao esclarecimento de suas dúvidas mais freqüentes.** Foram levantadas, também, questões relacionadas às questões éticas, tais como "o que, quando e de que forma deve-se escrever sobre AIDS?".

VELIMIROVIC (1987) faz uma análise da AIDS como fenômeno social e lembra que, como tal, é um tema de interesse não só dos cientistas e dos profissionais da saúde - médicos, enfermeiros, psiquiatras - mas, também, dos políticos e profissionais da imprensa. Afirma que nem sempre a relação desses grupos com os doentes, ou entre si, é tranqüila, sem tensões. Lembra que esses profissionais devem estar atentos às questões econômicas, políticas, éticas e legais que envolvem a AIDS. É preciso estar atento aos valores sociais, às percepções de medo dos contaminados e à relação de interesse envolvendo o individual *versus* o coletivo.

SONI *et al.* (1991) buscaram, em sua pesquisa, determinar a relação entre a intensidade de publicações sobre AIDS na mídia e os sintomas do que definem como "AIDS panic". **Contrariando as expectativas, os sintomas de "AIDS panic" eram maiores nos primeiros meses da pesquisa, quando as notícias e publicidades sobre AIDS nos jornais e outros meios de comunicação eram menores.** Esses sintomas foram decrescendo com o tempo, enquanto aumentava o espaço dedicado ao tema na mídia.

Vários pesquisadores, em vários países, vêm desenvolvendo pesquisas com o objetivo de analisar a cobertura da imprensa sobre a AIDS. BASCHUK (1988) realiza um estudo sobre a cobertura temática e de conteúdo na imprensa de Lima (Peru). Conclui afirmando que **existe uma tendência ao sensacionalismo nas notícias sobre AIDS veiculadas na imprensa de Lima e que esta não tem uma linha de opinião definida sobre os diversos aspectos da doença.** Recomenda, ainda, focar a imprensa como meio de difusão de informação para a prevenção da doença.

CUNNINGHAM (1989) analisa todos os artigos que usaram a palavra AIDS e que apareceram nos cinco maiores jornais de Porto Rico desde 1982, para avaliar a maneira como a doença tem sido apresentada na imprensa diária. Todos os artigos, principalmente aqueles sobre a doença em Porto Rico, apresentam controvérsias, reflexo das diferenças entre as duas principais correntes políticas da ilha. As vítimas da AIDS, os homossexuais, drogados e hemofílicos, pertencentes aos grupos de risco, não são consultados a respeito dessas divergências. A solução proposta pelo autor é o direcionamento das questões relativas a AIDS pelas vítimas, impedindo que divergências políticas prejudiquem os programas de tratamento e prevenção da doença em Porto Rico.

Para HERZLICH *et al.* (1989), a análise de artigos sobre AIDS publicados de 1982 a 1986 em seis jornais diários da França deixou claro

como a "AIDS fenômeno social" foi construída durante esse período. A imprensa, ao passar informações sobre a nova doença do domínio médico para a esfera pública, enfatizou a rápida expansão e a catastrófica proporção dessa imprevista epidemia, tornando a AIDS um tema em torno do qual as relações sociais se polarizaram entre os que têm e os que não têm preconceito.

A pesquisa de ROSA *et al.* (1990) tem como objetivo analisar as notícias sobre AIDS publicadas nos mais importantes jornais da Espanha, observando sua evolução temporal, seu impacto social e sua influência nos programas de educação de saúde. Após a análise de 1166 artigos, através de variáveis tais como autor, conteúdo, localização e extensão, os autores concluem que **a AIDS é a doença que mais aparece nas notícias dos jornais**. Os assuntos que ganham destaque na Espanha são aqueles que causam impacto como, por exemplo, atores com AIDS e problemas legais relacionados à doença.

PITTS *et al.* (1989) realizam estudo similar em Zimbábue. Uma análise de artigos sobre HIV e AIDS nos jornais daquele país, no período de janeiro/87 a setembro/88 revela várias áreas de interesse. Com base nessas áreas de interesse foram criadas sete categorias: estatística, cura ou vacina, prevenção, educação e conscientização, transmissão e riscos, conselhos e cuidados e política e economia. Em uma segunda pesquisa PITTS *et al.* (1993) examinam as notícias publicadas nos dois principais jornais diários do Zimbábue, de 1987 a 1991, estendendo a pesquisa anterior. As notícias foram analisadas e catalogadas nas categorias já determinadas. Para os autores, os poucos artigos tratando da AIDS no país reforçam a idéia da AIDS como uma doença distante e diminuem o medo de contaminação.

Apesar da importância da educação e prevenção da AIDS através dos meios de comunicação, dentre eles os jornais, JACOB *et al.* (1989) alertam

que, em alguns países, como a Índia, onde o índice de analfabetismo chega a 94%, é preciso pensar urgentemente em formas alternativas de disseminação de informações sobre a AIDS.

STROMAN *et al.* (1989) desenvolvem uma pesquisa que busca estabelecer a relação entre conhecimento sobre AIDS, jornais e televisão. A análise dos dados obtidos demonstra que **pessoas que freqüentemente lêem os jornais possuem um maior conhecimento sobre os diversos aspectos da AIDS do que aquelas que freqüentemente assistem à televisão.** Já aqueles que raramente lêem jornais e freqüentemente assistem televisão tendem a ter informações erradas a respeito da AIDS. Também são os que assistem à televisão aqueles que demonstram atitudes mais repressivas com relação à AIDS.

O "AIDS Media Research Project" da Universidade de Glasgow está dividido em três principais temas que buscam relacionar AIDS e imprensa: a) a produção da mídia, ou seja, os fatores que determinam a forma como a AIDS será coberta, como as notícias serão produzidas; b) o conteúdo das notícias e c) a compreensão da cobertura pelos leitores. A pesquisa de KITZINGER (1990) tem como foco o terceiro tema, ou seja, busca responder à questão: como as pessoas compreendem as mensagens da imprensa sobre AIDS. Após uma dinâmica que envolveu desde questionários focalizando o conhecimento sobre a AIDS, até técnicas de trabalho que utilizavam atividades em grupos - tais como, a construção de notícias sobre AIDS através de figuras e discussões informais -, conclui-se que **as pessoas que lêem as notícias acabam por deixar que suas experiências e interpretações sobre doença, sexualidade, moralidade e morte influenciem na compreensão das mesmas.**

PARKER (1987, 1990) faz uma análise da AIDS no Brasil, ressaltando a importância de se entender as formas de transmissão da doença

no país, considerando-se a cultura sexual e a estrutura ideológica brasileiras, uma vez que o modelo usado até então baseia-se nas formas de transmissão da Europa ocidental e dos Estados Unidos. **Ressalta, ainda, a importância de se buscar uma análise cultural que permita entender as diferenças que influenciaram a AIDS internacionalmente, uma vez que as características culturais acabam contaminando a percepção da doença.**

Outros estudos buscam analisar a AIDS sob a perspectiva social e cultural. GOLDESTEIN (1994) analisa a questão da AIDS e as mulheres no Brasil, examinando o que essas mulheres pensam sobre sexo anal, virgindade, fidelidade, uso de preservativos nas relações. HUGHES (1994) analisa a AIDS da perspectiva antropológica e procura determinar o impacto da doença no pensamento e na prática política e moral.

Em outro trabalho, PARKER (1994) analisa as políticas de AIDS na sociedade brasileira, descrevendo o desenvolvimento dos programas de AIDS do início dos anos 80 ao início dos anos 90 e o surgimento de grupos de ativistas não-governamentais, em resposta à ineficiência dos programas do governo. Aponta, ainda, a importância de se reconhecer o contexto histórico e político no qual a epidemia se desenvolveu no país: a herança do período de autoritarismo, a tentativa de retornar à democracia e as interrupções nos programas causadas pelas mudanças de administração.

Os artigos selecionados enfocam, ainda, a difícil relação entre jornalistas e cientistas. Segundo NELKIN (1987), **os cientistas acusam os jornalistas de irresponsabilidade ao noticiar sobre ciência, transformando muitas vezes hipóteses em certezas, enquanto jornalistas se queixam de ter nos cientistas sua única fonte de informação, o que os coloca nas mãos desses.** Para PETERS (1995), a relação cientista-jornalista é semelhante à relação professor-estudante. Entretanto a hierarquia que envolve a relação professor-estudante, não se aplica à relação cientista-jornalista. Jornalistas

podem interpretar a didática do cientista como arrogante e cientistas podem interpretar a relutância dos jornalistas em aceitar as regras do "estudante obediente" da mesma maneira. A solução para o conflito, segundo ele, passa pela diminuição das diferenças culturais entre os dois grupos.

ADEODATO FILHO *et al.* (1990) analisam a cobertura sobre AIDS dos quatro maiores jornais brasileiros, durante três anos, com o objetivo de provar a redução de publicações em contraposição ao aumento de casos da doença. Procuram verificar a abordagem adotada, as fontes de informação e a origem geográfica da informação. Concluíram que mensalmente os jornais publicaram uma média de 25 matérias sobre AIDS cada. As agências internacionais foram a fonte mais freqüente, além das organizações governamentais e institutos de pesquisa. Constataram ainda uma redução de 58,9% no número de publicações entre 1987 e 1989. Observaram que apesar do aumento do número de casos de AIDS os jornais preferiam relatar estatísticas sobre a doença ou destacar termos científicos inacessíveis ao público em geral.

GRUBE *et al.* (1988) realizaram uma pesquisa em que estudaram a cobertura sobre AIDS de cinco revistas européias e americanas. Procuraram apontar a relação entre o número de infectados e o número de artigos e total de espaço (em cm²) dedicados à AIDS; a relação entre números de ilustrações, tabelas e fotos; a relação entre notícias sobre o país de origem da revista e notícias de outros países.

Já ECKHLOM (1989) aponta em seu artigo as **dificuldades em se noticiar sobre AIDS: decidir o que e como cobrir, os diferentes níveis de necessidades dos leitores as incertezas que envolvem o tema.** Questiona, ainda, qual seria o verdadeiro papel da imprensa ao informar sobre AIDS.

5 **CAPÍTULO IV**

**O CAMINHO PERCORRIDO:
DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS**

"Compreender uma manifestação simbólica significa saber sob que condições sua pretensão de validade poderia ser aceita."

Habermas

Esta pesquisa surgiu da preocupação com relação ao papel da imprensa na construção de realidades. Se diferentes visões acabam por determinar diferentes leituras para uma mesma realidade, a maneira como as informações são veiculadas pela mídia acaba por determinar a leitura da imprensa. Ou ainda, as notícias, que surgem de fatos acontecidos em uma realidade, acabam por apresentar aos seus leitores uma releitura dessa realidade. Este trabalho busca analisar a relação entre a representação da AIDS construída a partir da imprensa, no caso a partir do jornal "Estado de Minas", e a representação científica da doença, observando, ainda, que tipo de informação está sendo levado ao leitor do jornal.

O levantamento bibliográfico apontou trabalhos realizados em todo o mundo onde se buscava esse mesmo objetivo. Esses trabalhos faziam suas análises considerando um curto período de tempo e acabavam por oferecer uma análise da cobertura da imprensa de certa forma fragmentada. A literatura específica sobre o tema apontou períodos de pico ou de ausência na cobertura jornalística sobre a AIDS. A análise fragmentada não permitia, assim, uma comparação entre esses períodos de pico ou ausência de notícias.

Pensou-se, então, em um período maior, que cobrisse desde as primeiras notícias publicadas até as mais recentes. Os primeiros casos daquela nova doença, que atingia principalmente os homossexuais e desafiava o conhecimento médico, foram descritos em 1980, e somente em 1983 o vírus causador da síndrome, já denominada AIDS, foi isolado. O levantamento bibliográfico realizado indicou que as publicações sobre AIDS nos periódicos

nacionais e internacionais surgiram a partir de 1983, mas ainda de forma muito tímida.

"For more than two years, until mid-1983, the American media largely ignored one of the biggest stories of this century: AIDS. And not until mid-1985, following the death of Rock Hudson, did the epidemic become an item newsworthy enough to become a regular assignment at major newspaper magazines, and the networks." (KINSELLA, 1988:115)

No Brasil as primeiras notícias surgiram apenas no final de 1983 e início de 1984. A opção pelo período de doze anos - notícias veiculadas entre 01/01/84 e 31/12/95 - tem como objetivo estender a análise da cobertura realizada pela imprensa, desde o surgimento da doença na mídia brasileira até 1995, uma vez que em 1996 iniciou-se a análise dos dados. Essa análise buscou comparar a cobertura do jornal "Estado de Minas" com os dados oficiais, além de traçar um paralelo entre as diversas formas como o jornal lidou com o tema, no decorrer desses doze anos.

Na impossibilidade de pesquisar todos os grandes jornais brasileiros de circulação diária, optou-se pela análise do jornal "Estado de Minas". Essa escolha justifica-se por diversos motivos, destacando-se a viabilidade de consulta e reprodução de seu acervo e a identidade do jornal com a realidade da cidade onde a pesquisa se desenvolve. O "Estado de Minas" é, ainda, o jornal mineiro de maior tiragem diária, segundo o Instituto Verificador de Circulação.

Esse projeto elegeu a AIDS como tema de estudo por sua contemporaneidade; todos nós acompanhamos e participamos de sua construção social.

"Em um lapso de tempo relativamente curto, esta nova categoria diagnóstica surgiu, teve seus grupos de risco identificados, seu agente etiológico isolado e conquistou as atenções não só da comunidade médico científica como também da opinião pública, mobilizando a maior investigação epidemiológica das últimas décadas." (CAMARGO, 1994:53)

Buscava-se uma realidade que tivesse surgido nos últimos anos e, portanto, permitisse uma análise do tratamento dado pela imprensa desde seu começo. A AIDS, desde o início, mostrou-se um tema polêmico, não apenas pelo preconceito que a acompanha ainda hoje, como também pelo descaso com que foi tratada pelos governos em todo o mundo. Além disso, a informação é apontada, ainda hoje, como a mais eficaz arma contra o vírus HIV. Por último, meu envolvimento pessoal com alguns portadores do vírus HIV acabaram aproximando-me do tema, o que, segundo KINSELLA (1988:118), não faz da minha história uma história muito diferente dos demais jornalistas que acabaram se envolvendo com a cobertura da AIDS.

"Thousands of journalists across the country were also being touched by the plague. After all, many are gay, or have brothers or friends who were dying from the disease."

Este trabalho busca analisar o tratamento dado às notícias sobre a epidemia, sem perder de vista as críticas de que o que existe na imprensa, ainda hoje, é uma tímida cobertura do assunto, que está longe de corresponder às necessidades de informação da população que a gravidade da evolução da epidemia determina.

5.1 Abordagem qualitativa

Os métodos qualitativos de análise de dados, criticados por muitos autores que tentam validá-los através de normas e procedimentos aplicados nos métodos quantitativos, vêm atraindo o interesse cada vez maior dos pesquisadores. Cientes de suas limitações, esses pesquisadores buscam, em

suas análises, algo além de números e tabulações; buscam percepções não passíveis de quantificação.

*"By the term **qualitative research** we mean any kind of research that produces findings not arrived at by means of statistical procedures or other means of quantification. It can refer to research about person's live, stories, behavior, but also about organizational functioning, social movements, or interactional relationships. Some of the data may be quantified as with census data but the analysis itself is a qualitative one."*
(STRAUSS et. al., 1990:17)

Este trabalho propõe uma análise qualitativa das notícias, que permita decodificar o significado das informações que elas contêm. Entretanto, dados quantitativos são apresentados, visando oferecer um painel das notícias analisadas, na impossibilidade de reproduzi-las, na sua totalidade, nesta dissertação.

A diferença entre os métodos quantitativos e qualitativos pode ser ilustrada através de uma charge inserida em um trabalho que discutia as duas abordagens: um repórter, representando a abordagem qualitativa, pergunta a um jogador de futebol (no original, um jogador de beisebol): - "No último ano você fez dois gols em toda a temporada. Esse ano, você fez cinco gols em um mês. Qual é a diferença?". O jogador, representando a abordagem quantitativa, responde: - "Três."

Nem sempre os números, ainda que corretos, justificam ou explicam determinados fenômenos. Para alguns filósofos da ciência, dentre eles Thomas Kuhn, os métodos quantitativos são superiores aos métodos qualitativos, pois enquanto os dados quantitativos aparecem como "hard data"- e aqui "hard" significa precisão e estatística - os dados qualitativos aparecem como "soft data". Nos anos 20, 30 e 40, a maioria dos sociólogos também considerava a análise estatística sinônimo de método científico. Blumer, da Escola de Chicago, foi um dos primeiros sociólogos a questionar o uso de

técnicas quantitativas nas ciências sociais. Segundo HAMMERSLEY (1990), Blumer discorda da idéia de que, para desfrutar do sucesso das ciências exatas e naturais, as ciências sociais tenham que desenvolver técnicas que garantam a objetividade do dado, adequando-o ao tratamento quantitativo.

"Human behavior is complex and fluid character, not reducible to fixed patterns, and it is shaped by, and in turn produces, varied cultures. Adopting this conception of the social world, qualitative method often involves an emphasis on process rather than structure [-]" (HAMMERSLEY, 1990:1)

A crítica mais comum aos métodos qualitativos diz respeito à subjetividade do pesquisador ao analisar os dados. Entretanto, os números não protegem a análise da subjetividade, apenas disfarçam-na. Até mesmo os dados estatísticos são baseados em parâmetros definidos por alguém. Uma pesquisa que indicasse a opinião sobre determinado governo, poderia apresentar como possibilidades de respostas à pergunta "Como você vê a atuação do Presidente da República?" as seguintes opções: ruim, regular e ótima ou, em um segundo caso, péssima, ruim, regular, boa e ótima. Alguém que tenha votado regular na primeira opção, poderia decidir por ruim, boa ou manter o regular na segunda opção. Certamente os resultados levariam a análises diferentes sobre a atuação do governo.

A subjetividade, quando apontada em oposição à objetividade na análise dos dados, aparece como tendenciosa, falível, incerta e irracional. Entretanto,

Some areas of study naturally lend themselves more to qualitative types of research, for instance, research that attempts to uncover the nature of person's experiences with a phenomenon, like illness, religious conversion or addiction." (STRAUSS et al. 1990:19)

Ainda que a discussão envolvendo as abordagens qualitativa e quantitativa se dê por oposição, os dois métodos não são excludentes,

podendo ser usados em uma mesma pesquisa. Nesta dissertação, os dados quantitativos, por exemplo, são utilizados para oferecer uma visão geral das notícias analisadas, observando suas características, e como subsídio para a análise qualitativa dessas notícias. Entretanto, os resultados não se esgotam nos próprios números e têm na comparação, observação, interpretação e revisão dos dados seus principais procedimentos de análise.

Os diferentes debates que envolvem a discussão sobre os métodos qualitativos abordam temas como validade, credibilidade e confiabilidade. Validade, credibilidade e confiabilidade dos dados dependem, dentre outras coisas, da prática metodológica, da sensibilidade e da integridade do pesquisador, que deverá registrar os detalhes da coleta de dados e do processo de análise de forma a permitir que outros pesquisadores possam julgar a qualidade dos resultados.

"In qualitative inquiry the researcher is the instrument. Validity in qualitative methods, therefore, hinges to a great extent on the skill, competence, and rigor of the person doing fieldwork." (PATTON, 1990:14)

A comparação e a triangulação consistem, dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa, nos meios de validação mais usados, pois utilizam-se de procedimentos contínuos, reiterativos, que acompanham todo o processo de investigação. Assim, os princípios básicos desses dois procedimentos foram utilizados, nesta dissertação, para verificar a validade da análise qualitativa realizada.

A comparação esteve presente em todo o processo de investigação: notícias foram comparadas entre si; os resultados desta pesquisa foram observados com relação aos resultados obtidos em pesquisas similares, relacionadas na revisão de literatura; os conceitos estabelecidos foram confrontados com os conceitos estabelecidos naquelas pesquisas e analisados em suas semelhanças e diferenças.

A triangulação implica na combinação de pontos de vistas, cruzamentos de fontes, comparação de métodos e observações provenientes de conclusões e opiniões de outros pesquisadores. Segundo PATTON (1990:464), existem basicamente quatro tipos de triangulação, que contribuem na verificação e validação da análise qualitativa. Cada pesquisador deverá identificar o tipo de triangulação possível de ser utilizado em seu trabalho, observando as características do tema proposto e dos dados analisados.

O primeiro deles - "Triangulação dos métodos" - sugere que as conclusões obtidas através de diferentes abordagens sejam comparadas. Ou seja, que os resultados das análises qualitativa e quantitativa, envolvendo um mesmo dado, sejam avaliados através de uma análise comparativa. A "Triangulação dos métodos" foi utilizada em vários momentos desta pesquisa.

A "Triangulação das fontes" inclui a comparação dos dados obtidos em uma entrevista e na observação do entrevistador; a comparação do que as pessoas dizem na vida pública e na vida privada, e a checagem do que é dito sobre determinado assunto em vários momentos, preocupação básica desta pesquisa, que por isso engloba em sua proposta doze anos de análise.

A "Triangulação através de múltiplas análises" propõe que dois ou mais pesquisadores analisem os mesmos dados, para que uma comparação posterior possa ser realizada. Algumas pesquisas, por sua própria natureza, impossibilitam a utilização desse tipo de triangulação. É o caso deste trabalho, que por tratar-se de uma dissertação de mestrado impossibilitava a participação de outros pesquisadores. Entretanto, um diálogo com outros pesquisadores, através de seus trabalhos analisados na revisão de literatura, esteve presente durante o seu desenvolvimento.

Por fim, a "Triangulação de teorias" propõe examinar os dados através de diferentes teorias. Esse tipo de triangulação poderá ser utilizado, mais freqüentemente, nas análises sociológicas, quando, por exemplo, a

questão do trabalho e das classes sociais poderá ser analisada através das perspectivas weberiana, marxista ou durkheimiana.

5.2 "Grounded theory": a descoberta através dos dados

A coleta e a análise dos dados apresentam-se como dois dos principais momentos de uma pesquisa. Nesta dissertação, especificamente, a análise do material coletado foi o momento mais difícil, principalmente, devido ao exercício metodológico que se propõe realizar.

São muitas as discussões envolvendo pressupostos teóricos e métodos e técnicas para a análise dos dados. Alguns estudos apontam a análise de conteúdo, que propõe um esforço teórico para superar a subjetividade na interpretação dos dados através da *"descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações"* (MINAYO, 1993:220), como a melhor opção. Já a análise do discurso, ao contrário da análise de conteúdo, busca, antes de mais nada, a compreensão do processo produtivo do discurso. Segundo MINAYO (1993:211), seu objetivo básico é realizar *"uma reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação de textos produzidos nos mais diferentes campos"*. Entretanto, um terceiro conceito - o de hermenêutica - que busca a compreensão do texto nele mesmo, permite a análise dos dados a partir do contexto em que foram produzidos. Esse conceito procura superar a ênfase quase absoluta atribuída ao dado, tanto na análise de conteúdo quanto na análise discurso.

Uma das teorias propostas para o tratamento qualitativo dos dados é a "grounded theory", desenvolvida por Glaser e Strauss, e que significa, segundo definição dos mesmos, a descoberta da teoria a partir dos dados.

"A grounded theory is one that is inductively derived from the study of the phenomenon it represents. That is, it is discovered, developed, and provisionally verified through systematic data collection and analysis of data pertaining to that phenomenon. Therefore, data collection, analysis, and theory stand in reciprocal relationship with each other. [...] The grounded theory approach is a qualitative research **method** that uses a **systematic set of procedures to develop an inductively derived grounded theory about a phenomenon.**" (STRAUSS et al., 1990:24-25)

Ou seja, não é o objeto que se adapta ao método, mas o método que surge a partir da natureza do fenômeno. Na "grounded theory"¹, através da comparação constante e da descoberta de conceitos, o pesquisador é encorajado a ser seu próprio "metodologista". Daí a importância dada à prática metodológica, à sensibilidade e à integridade do pesquisador, que deverá demonstrar sua capacidade de identificar e nomear conceitos e categorias, sendo os conceitos as unidades básicas de análise da "grounded theory".

Esse processo cognitivo dá-se através de alguns procedimentos, relacionados por CORBIN et al. (1990):

- a) A coleta e análise dos dados são processos interrelacionados, ou seja, a análise dos dados inicia-se desde o primeiro momento da pesquisa;
- b) Conceitos são a unidade básica de análise e, com o decorrer da pesquisa, vão tornando-se mais abstratos e em maior número. Identificar nos dados, através da comparação de similaridades e diferenças, os conceitos relevantes à pesquisa é a primeira etapa da análise;
- c) Durante a pesquisa, vários conceitos são identificados. Conceitos pertencentes a um mesmo fenômeno devem ser agrupados em categorias.

¹ Barney Glaser: veio da "Columbia University", enquanto Anselm Strauss pertenceu a "University of Chicago". Para maiores informações sobre a "Grounded Theory", ver STRAUSS, A. CORBIN J. Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques. Londres: Sage Publications, 1990. 270p.

Essas categorias têm que ser desenvolvidas e relatadas. As categorias são mais abstratas que os conceitos que representam;

d) A representatividade de conceitos, não de pessoas ou números, é o que importa na amostra;

e) A análise dos dados usa a comparação constante, o que ajuda a alcançar maior precisão e consistência;

f) A regularidade dos dados, assim como suas variações, devem ser justificadas;

g) O procedimento tem que ser construído dentro da teoria;

h) Relatórios escritos são parte integrante do fazer "grounded theory". Durante o processo de pesquisa eles permitem a revisão da teoria;

i) As hipóteses sobre relação entre categorias devem ser desenvolvidas e verificadas durante o processo de pesquisa;

j) Os conceitos devem ser testados com pesquisadores da mesma área;

k) As condições ao redor do fenômeno também têm que ser analisadas, não apenas o ponto central de interesse.

É importante ressaltar que, segundo CORBIN *et al.* (1990:5),

"As in other qualitative approaches, the data for a grounded theory can come from various sources. The data collection procedures involve interviews and observations as well as such other sources as government documents, video tapes, newspaper, letters, and books - anything that may shed light on questions under study."

Este trabalho propõe a análise das notícias através desses procedimentos que acabam por definir a "grounded theory". Ainda no momento de seleção das notícias, as mesmas já apontavam alguns aspectos que deveriam ser observados. Com a leitura mais criteriosa, iniciou-se a identificação dos conceitos que permitiriam a análise das informações presentes nas matérias. Esses conceitos foram sendo redefinidos ao longo da pesquisa, no momento em que novos fenômenos se apresentavam. A partir dos conceitos algumas categorias foram desenvolvidas, observando o objetivo da pesquisa.

Assim, em um primeiro momento, as notícias foram selecionadas de acordo com as editorias em que foram veiculadas. Buscava-se observar, sobretudo, a relevância de cada editoria na divulgação de informações sobre AIDS. Surgiu, então, uma primeira categoria - **Editorias**, englobando os conceitos **Capa, Cidade, Nacional, Internacional, Interior, Medicina e Saúde, Ciência e Tecnologia, Opinião** (que inclui editoriais, cartas à Redação e artigos), **2ª Seção, Caderno Feminino, Gabarito e Outras Editorias**, onde foram incluídas editorias que veicularam apenas esporadicamente alguma notícia relacionada ou sobre AIDS, tais como **Esporte, Polícia, Caderno Fim-de-Semana, Caderno de Turismo**. Com isso pretendeu-se estabelecer onde estariam sendo veiculadas as notícias sobre AIDS.

Em um segundo momento, procurou-se relacionar as notícias segundo as categorias de exposição ao vírus da AIDS. Algumas dessas notícias identificavam os segmentos da população contaminados pelo vírus HIV e doentes da AIDS. Com essa análise pretendia-se a comparação entre as categorias de exposição apontadas pela imprensa e a evolução do quadro de infectados com o vírus no Brasil, ao longo desses doze anos. Os segmentos apontados pelas notícias foram relacionados e, considerando-se aqueles de maior incidência, chegou-se a onze conceitos, agrupados na categoria denominada **Categorias de exposição ao vírus: homossexuais,**

bissexuais, heterossexuais, toxicômanos, hemofílicos, mulheres, gestantes, crianças, adolescentes, presidiários, prostitutas. Estabeleceu-se o percentual de notícias que associavam a AIDS a essas categorias de exposição, em cada um dos anos. Na análise de dados os percentuais referentes aos conceitos gestantes e crianças e mulheres e prostitutas foram somados, já que para os dados apresentados pelo Ministério da Saúde esses grupos representam uma única categoria de exposição. Em algumas matérias mais de um conceito era citado. Quando o mesmo conceito era citado mais de uma vez, em uma mesma matéria, era considerada apenas uma citação. Os dados sobre a doença foram obtidos junto ao GAPA - Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS -, através do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde. Não existem números oficiais mundiais, uma vez que nem todos os países repassam seus dados à Organização Mundial de Saúde.

Uma terceira leitura das matérias selecionadas teve como objetivo uma análise dos temas abordados. Apesar de trabalhos anteriores oferecerem uma relação de temas abordados pela imprensa, como a pesquisa de PITTS *et al.* (1989), este trabalho criou seus próprios conceitos, conseqüência das próprias notícias analisadas. Foram identificados dez temas mais freqüentes e quatro temas esporádicos, agrupados na categoria **Temas**. A seguir, procura-se esclarecer os critérios que levaram a classificar as notícias em cada um dos temas identificados.

Temas mais freqüentes:

1) **Estatísticas e Previsões**: notícias que relatavam os números da doença, a evolução percentual dos infectados, previsões de crescimento da doença, percentual de distribuição dos infectados no mundo, etc.

2) **Pesquisas e Descobertas**: notícias que relatavam as experiências desenvolvidas por cientistas e médicos, as descobertas nesses

doze anos, testes com novos medicamentos, hipóteses e pesquisas desenvolvidas em todo o mundo.

3) **Informações gerais sobre a AIDS:** notícias que apresentavam um histórico da epidemia e, na maioria das vezes, uma análise do comportamento da sociedade frente à doença. Apresentadas, na grande maioria das vezes, como reportagens especiais.

4) **Formas de contágio e Medidas preventivas:** notícias que, de alguma forma, citavam as formas de transmissão do vírus da AIDS e abordavam as medidas preventivas. Esses dois temas foram reunidos em um só grupo por estarem estreitamente ligados um ao outro. Ao abordar as formas de contágio, muitas vezes as medidas preventivas eram apontadas.

5) **Campanhas e Programas do Governo:** notícias que divulgavam, comentavam ou reproduziam as campanhas e programas desenvolvidos pelos órgãos de governo em todo o mundo.

6) **Congressos, Seminários, Palestras, Encontros, Livros:** Notícias que divulgavam e cobriam os eventos que abordavam a AIDS.

7) **Pessoas públicas e AIDS:** notícias que informavam sobre a morte ou contaminação pelo vírus da AIDS de pessoas públicas, nacionais e internacionais.

8) **Histórias anônimas e AIDS:** notícias que relatavam casos específicos envolvendo pessoas comuns contaminadas pelo vírus, mas que receberam destaque por diversos motivos.

9) **Atendimento aos doentes de AIDS nos hospitais, laboratórios e ONGs:** notícias que informavam sobre o atendimento aos doentes, leitos disponíveis, locais de exames, apoio das organizações não-governamentais.

10) **Preconceito e Discriminação**: notícias que abordavam, sob forma de denúncia ou relato, preconceito e discriminação contra doentes da AIDS.

Temas esporádicos:

1) **Campanha nas empresas**: notícias que informavam sobre programas desenvolvidos pelas empresas visando a informação de seus funcionários.

2) **Direitos trabalhistas para doentes da AIDS**: notícias que orientavam sobre os direitos trabalhistas, relatavam as conquistas na legislação trabalhista com relação ao doente da AIDS, apresentavam casos envolvendo questões trabalhistas e portadores do vírus.

3) **AIDS e doação de sangue**: notícias que apelavam para a doação de sangue, esclareciam as diferenças entre doação e transfusão de sangue e os riscos de contaminação em cada situação.

4) **Cinema e Teatro**: notícias que divulgavam filmes ou peças que têm a AIDS como tema principal.

Foi criado o conceito **Outros Temas**, para as notícias que não se enquadravam em nenhum dos quatorze temas identificados acima e que não apresentaram número significativo de veiculação que justificasse uma nova categoria. Algumas matérias tratavam de dois ou até mesmo três temas. Nesses casos eram catalogadas em cada um deles.

A análise apontou, ainda, a necessidade de uma quarta categoria, onde as notícias pudessem ser classificadas em conceitos que abordassem seus aspectos mais subjetivos. Constatou-se, na leitura das notícias, que os seguintes aspectos deveriam ser observados e analisados:

- a) a **desinformação** de alguns jornalistas sobre a doença;
- b) a "**veracidade**" da informação transmitida;
- c) o **contexto** no qual se passou o fato relatado;
- d) as possíveis contradições entre a redação da notícia e a **edição** das páginas;
- e) a **linguagem** utilizada na redação das notícias;
- f) a **relação entre o tema abordado e a editoria** em que a matéria foi veiculada;
- g) a **importância da informação** contida na notícia **na educação, prevenção e esclarecimento** da AIDS.

Também esses conceitos foram construídos a partir da leitura das próprias notícias, que revelavam suas próprias contradições e as contradições que envolvem a AIDS desde o seu surgimento.

Essa quarta categoria - **Aspectos subjetivos das notícias** - possibilitou uma análise mais global da cobertura da imprensa sobre a AIDS. Se até esse momento as observações refletiam o tratamento adotado pelo jornal "Estado de Minas" nas notícias sobre a AIDS, aqui as observações assumiram uma abrangência maior, levando a reflexões que poderão estar presentes na análise da cobertura realizada por qualquer jornal.

Todo o procedimento de pesquisa nos jornais - seleção, análise e catalogação das notícias - foi realizado sem a participação de estagiários ou outro pesquisador. Essa limitação, imposta pela própria natureza da dissertação de mestrado, que deve ser individual, não permitiu a comparação e

discussão dos conceitos com outros pesquisadores. Entretanto, um diálogo com outros trabalhos sobre o tema permitiu a comparação dos conceitos e categorias estabelecidos e revelou-se uma importante etapa.

Com relação aos conceitos, verificou-se que aqueles definidos nesta pesquisa não eram muito diferentes daqueles apontados nas pesquisas levantadas na revisão de literatura. Já com relação às categorias analisadas, percebeu-se que alguns trabalhos, em função de seus objetivos, determinaram diferentes categorias. Este trabalho, por exemplo, não elegeu como categoria de análise o tamanho das matérias, utilizando-o como parâmetro para determinar sua importância. E não o fez por acreditar que nem sempre a maior matéria é a mais importante ou aquela que será lida pelo leitor. Ao contrário. Muitas vezes as menores notícias são a que despertam o interesse de leitura. Das maiores, muitas vezes, lêem apenas os títulos. Tampouco seria uma categoria que poderia oferecer subsídios para uma análise do tipo de informação que o jornal está levando ao seu leitor.

Por outro lado, esse critério único de análise, ainda que reflexo do olhar do pesquisador, permitiu um tratamento homogêneo às notícias durante todo o período em que o trabalho se desenvolveu.

Durante todo o processo de seleção e análise das notícias, os conceitos estabelecidos foram confrontados e comparados entre si, buscando avaliar os fenômenos que eles representavam e a validade de analisá-los separadamente como fenômenos diferentes ou uni-los em um só conceito, quando representavam um mesmo fenômeno. Esse processo pode ser exemplificado com o conceito "Medidas preventivas e Formas de contágio", primeiramente tratado como dois conceitos - assim como em diversas pesquisas analisadas - e que demonstrou, com as várias leituras das notícias, tratar-se de um só fenômeno, portanto, um só conceito.

A análise dos dados e as conclusões deste trabalho confirmaram a abordagem qualitativa como o principal instrumento para esse tipo de pesquisa. A explicação para muitos dos problemas relacionados à cobertura da imprensa sobre a AIDS, apontados nas várias pesquisas relacionadas na revisão de literatura, está nas entrelinhas das notícias, na época em que a notícia foi veiculada, em determinada palavra colocada no título ou, até mesmo, na ausência de um título. Se a catalogação das matérias muito contribuiu na visão geral do que representaram esses doze anos de notícias sobre AIDS, foi a leitura atenta de cada uma das matérias que nos possibilitou a reflexão sobre os erros e acertos desses doze anos. Foram os próprios dados que nos permitiram desenhar a análise da cobertura do "Estado de Minas" para o tema.

Certamente a análise desses mesmos doze anos em outros jornais brasileiros não levaria a um resultado geral muito diferente, no que diz respeito aos aspectos mais objetivos: os temas mais noticiados, a frequência de matérias em suas edições, os equívocos e contribuições na divulgação da informação. Entretanto, a análise dessas entrelinhas certamente revelaria algumas diferenças na abordagem da AIDS em seus aspectos mais subjetivos, consequência das diferenças culturais dos jornalistas, da linha editorial de cada jornal e do contexto em que os jornais se encontram. A análise dos dados obtidos nessa pesquisa jamais perdeu de vista a dificuldade que representa cobrir um tema tão polêmico quanto AIDS, em todos os seus aspectos: científicos, culturais, sociais, políticos e econômicos.

5.3 Representatividade dos conceitos: definindo a amostra

Após um primeiro levantamento, ainda na fase de elaboração do projeto de dissertação, e após a etapa da qualificação, decidiu-se trabalhar com amostragem. Nas pesquisas qualitativas as amostras são pequenas, se comparadas à tradição nas pesquisas quantitativas, e seu tamanho não é

definido por regras constantes e inflexíveis. Na verdade, nas pesquisas qualitativas a importância da amostra está na riqueza de informações que elas fornecem. No caso específico da "grounded theory", essa importância está na representatividade dos conceitos.

Para PATTON, citado por BRADLEY (1993), a amostra nas pesquisas qualitativas é selecionada no início do processo de pesquisa, mas poderá ser modificada durante a análise dos dados, se essa análise apontar novos tópicos que deverão ser observados. A idéia de "saturação" aparece como determinante na escolha do tamanho da amostra. Ainda segundo PATTON, os elementos da amostra serão escolhidos com base em critérios que tenham relevância para o objetivo proposto pela pesquisa.

Assim, nesta dissertação, a própria característica do universo de pesquisa - jornais que apresentavam seqüência cronológica que possibilitava a identificação de todos os elementos da população através do dia de circulação - levou a utilização da amostragem sistemática, utilizada em muitas das pesquisas sociais que abrangem um universo de elementos muito grande. Na amostragem sistemática os elementos da amostra são retirados da totalidade da população, através de intervalos de amplitude N/n , onde N representa o número populacional de elementos - tamanho do universo - e n representa o número de elementos amostrados nos jornais - tamanho da amostra.

Segundo GIL (1994), determinar o tamanho de uma amostra pode exigir cálculos estatísticos bastante especializados, mas todos eles têm seu fundamento na fórmula básica apresentada a seguir:

$$n = \frac{\sigma^2 p \cdot q \cdot N}{e^2 (N-1) + \sigma^2 p \cdot q}$$

n = tamanho da amostra
 σ^2 = nível de confiança escolhido, expresso em número de desvios-padrão
 p = percentagem com a qual o fenómeno se verifica
 q = percentagem complementar
 N = tamanho da população
 e^2 = erro máximo permitido

A definição dos fatores que determinaram a amostra deste trabalho teve como objetivo buscar um resultado que fosse, dentro dos parâmetros colocados para a amostragem sistemática, o mais próximo da realidade. Para tal, decidiu-se trabalhar com um nível de confiança de 95,5%, o que representa um desvio padrão igual a 2,0. Com o mesmo objetivo estipulou-se trabalhar com um erro estimado de 3%. Na impossibilidade de se determinar a percentagem com a qual o fenómeno se verifica, ou seja, os dias com notícias sobre AIDS publicadas no jornal, objeto desta pesquisa, adotou-se o padrão para as pesquisas em ciências sociais, ou seja, determinou-se que 50% era a probabilidade de que as edições diárias do jornal trouxessem alguma notícia sobre AIDS. Realizados os cálculos chegou-se a uma amostra de 887 elementos, conforme demonstrado a seguir:

$$n = \frac{\sigma^2 p \cdot q \cdot N}{e^2 (N-1) + \sigma^2 p \cdot q}$$

σ = desvio-padrão = 2,0 (nível de confiança: 95,5%)
 $p = q = 50$
 N = Estado de Minas de 01/01/84 a 31/12/95 = 4.383 dias
 erro máximo = 3%

Cálculo da amostragem:

$$n = \frac{2,0^2 \times 50 \times 50 \times 4.383}{3^2 (4.383 - 1) + (2,0^2 \times 50 \times 50)} = \frac{10.000 \times 4.383}{49.438} = 886,56 \quad n = 887$$

Cálculo do intervalo que irá determinar os dias que serão pesquisados: (N/n)

$$\text{intervalo} = \frac{4.383}{887} = 4,941 \quad \text{intervalo} = 5$$

Para efetuar a escolha da amostra selecionou-se, aleatoriamente, um ponto de partida entre 1 e 5 - inteiro mais próximo à razão entre o número de elementos da população e o número de elementos da amostra - e

procedeu-se à seleção em intervalos de amplitude de cinco dias. Selecionados os dias de circulação que iriam compor a amostra, iniciou-se a leitura dos jornais desses dias, buscando agrupá-los em três grandes blocos: os dias selecionados na amostragem sistemática em que o jornal não circulou, os dias em que não apresentou nenhuma notícia sobre AIDS e aqueles que apresentaram alguma notícia sobre AIDS ou relacionada ao tema - este bloco é o objeto de análise dessa pesquisa. É importante ressaltar que este trabalho não buscou analisar a incidência de notícias sobre AIDS no referido jornal, mas o conteúdo das notícias veiculadas, ainda que o total de notícias publicadas se apresente como elemento significativo de análise.

Do total de 877 dias selecionados para amostragem, o jornal não circulou em 112 dias (12,8% do total da amostra). Dos 765 dias em que o jornal circulou (87,2% do total da amostra), em 382 deles veiculou alguma notícia sobre AIDS. Como em alguns dias mais de uma notícia era veiculada o total de notícias encontradas nesses 382 dias e analisadas foi de 626, assim distribuídas.

Ano	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95
Total de notícias	7	41	27	100	70	60	51	38	42	62	64	64

Apesar da utilização de cálculos matemáticos para determinar o tamanho da amostra, durante todo o processo de análise dos dados a representatividade dos dados foi avaliada, observando as informações que forneciam, com relação aos conceitos e categorias estabelecidos a partir deles próprios.

No desenvolvimento da apresentação da análise dos dados, algumas notícias foram transcritas para o corpo do trabalho, com o objetivo de

ilustrar os itens analisados. Foi utilizado o negrito em alguns trechos dessas notícias, para destacar o aspecto que estava sendo exemplificado pelas mesmas. As notas de rodapé apresentam termos específicos da área de jornalismo e relacionam notícias pertencentes à amostra selecionada, cujos textos foram transcritos no desenvolvimento do trabalho, não para exemplificar a análise dos dados, mas para reforçar alguma afirmação teórica.

Os dados encontrados após a análise e classificação das matérias, foram transportados para alguns gráficos. Esses gráficos foram elaborados visando facilitar a visualização da amostra no que se refere aos temas abordados, a distribuição das matérias nas diversas editorias e as categorias de exposição ao vírus presentes nas notícias sobre AIDS publicadas pelo "Estado de Minas" nesses doze anos englobados pela pesquisa.

6 CAPÍTULO V

A AIDS SOB A ÓTICA DA IMPRENSA:
ANÁLISE DOS DADOS

"Jornalismo é essencialmente seleção, ordenação, atribuição ou negação de importância de acontecimentos dos mais diversos que passam a funcionar como se fossem um espelho do mundo."

Ciro Marcondes Filho

6.1 AIDS: o que a imprensa informa

A cobertura da imprensa sobre a AIDS tem sido alvo de constantes críticas. Ora as notícias são sensacionalistas (BASCHUK, 1988), ora divulgam informações erradas e incentivam o preconceito (SOURNIA, 1987). As informações são confusas e fragmentadas. Após a revisão de literatura essa era, também, a minha idéia sobre a cobertura da imprensa sobre a AIDS. A representação social da doença, criada a partir das notícias veiculadas no jornal, estaria longe de ser um reflexo da realidade. Além disso, a imprensa pouco teria contribuído no esclarecimento das dúvidas sobre a doença. Essas eram as conclusões de grande parte dos trabalhos que buscavam analisar a relação imprensa e AIDS em todo o mundo. A primeira notícia analisada, veiculada no "Estado de Minas" em 01/01/84, confirmava essa visão: falava de pânico entre norte-americanos, como se a realidade brasileira fosse diferente; citava a opinião de um grupo partidário da moral tradicional, para quem a Aids era um castigo divino contra os homossexuais; afirmava que a doença não é tão contagiosa, chegando mesmo a afirmar que ela é pouco contagiosa; afirmava que a simples permanência em "países atingidos pelo mal" poderia transmitir a doença. Somente no final alertava sobre outros grupos de risco, mas ainda assim de forma pouco esclarecedora.

Propagação da AIDS leva pânico entre os norte-americanos

PARIS (Por Brigitte Castalnu) - A progressão da síndrome de deficiência imunológica (Aids), enfermidade identificada pela primeira vez em 1981 no território americano, levantou em 1983 uma onda de pânico, que recordou, por momentos, o grande medo da Idade Média provocado pela peste e pela cólera.

Os partidários da moral tradicional logo interpretaram como um "código de Deus" este mal que se manifesta pela perda das defesas naturais do organismo. E não tardaram em esgrimir esta manifestação da "justiça divina" contra as principais vítimas: os homossexuais masculinos.

Convém, porém não exagerar. Em 1983, apesar da propagação da enfermidade (registraram-se até agora mais de 3.000 casos no mundo) e a mortalidade que ocasiona, a Aids está longe de ter dizimado populações inteiras, como as grandes epidemias do passado. Não é por conseguinte, tão contagiosa como se temia inicialmente. É, inclusive, "pouco contagiosa", segundo os especialistas, e não supõe uma ameaça para a grande massa da população. Entretanto, o pessoal sanitário que atende estes enfermos deve tomar precauções comparáveis às dos que estão em contato com doentes de hepatite.

Contudo, sua real gravidade justifica a mobilização dos cientistas em busca de pistas que conduzam à compreensão do mal e ao seu melhor tratamento possível.

[...]

A análise da situação epidemiológica nos Estados Unidos e depois em outros países tornaria imprópria a denominação de "câncer gay" ou "síndrome dos homossexuais", como foi chamada inicialmente nos EUA.

Depois dos homossexuais que mudam com freqüência de parceiros, foram surgindo novas categorias de enfermos da Aids: os viciados em entorpecentes com droga injetada nas veias, mulheres que tiveram relações sexuais com homens contaminados, hemofílicos, haitianos, africanos equatoriais e até mesmo pessoas que simplesmente passaram um tempo nos países atingidos pelo mal.

Entretanto, a leitura das notícias publicadas no "Estado de Minas", selecionadas na amostragem, abriram novas perspectivas de análise dessa cobertura.

Observando os gráficos construídos a partir dos dados obtidos na análise das notícias, chegou-se a algumas observações interessantes do ponto de vista quantitativo.

O GRÁFICO 1 (página 89) mostra que em seis, dos doze anos analisados, mais da metade dos dias selecionados na amostragem apresentou pelo menos uma notícia sobre AIDS. A média de dias com notícias sobre AIDS, nos doze anos, é de 43,8%. Observa-se um aumento significativo de matérias sobre o tema nos anos de 1987 a 1989, ao contrário do que foi observado por ÁDEODATO FILHO *et al.* (1990). Em 1987 as pesquisas científicas sobre a AIDS atingiram o auge nos Estados Unidos. A morte de Henfil, em 1988, também aumentou o interesse pela doença, no Brasil. Esse período coincidiu, ainda, com aquele em que foi elaborada e veiculada, no país, a primeira campanha oficial do governo, lançada em 1988. Esses fatores ajudam a explicar a incidência da AIDS na mídia no período de 1987 a 1989. As campanhas do governo foram interrompidas em 1989. Ao contrário do que a situação pedia, o governo diminuiu, em 1990, o número de funcionários da Divisão Nacional de Controle de DST e AIDS, demonstrando que a AIDS não parecia ser uma de suas prioridades. O desinteresse do governo teve como reflexo uma queda no número de dias com notícias sobre AIDS nos três anos seguintes: 1990 a 1992. Os próprios funcionários do Ministério da Saúde apontam para a relação entre as medidas governamentais frente à doença e a diminuição no interesse na prevenção da doença. Conseqüentemente, diminuiu, também, a repercussão do tema na imprensa.

Brasil pode ter 170 mil casos de Aids

Até 1995, o Brasil terá entre 100 e 150 mil casos de Aids. "O número de ocorrências tem sido progressivo e, ainda no próximo ano, poderemos ultrapassar os altos índices de países da África, como Zaire e Uganda" - alertou ontem o diretor da Divisão de Aids do Ministério da Saúde, Eduardo Cortes. Ele aguarda a definição de recursos para iniciar campanhas de esclarecimento que abordam inclusive os custos sociais e econômicos da doença que poderá se tornar o maior problema público brasileiro - segundo Cortes.

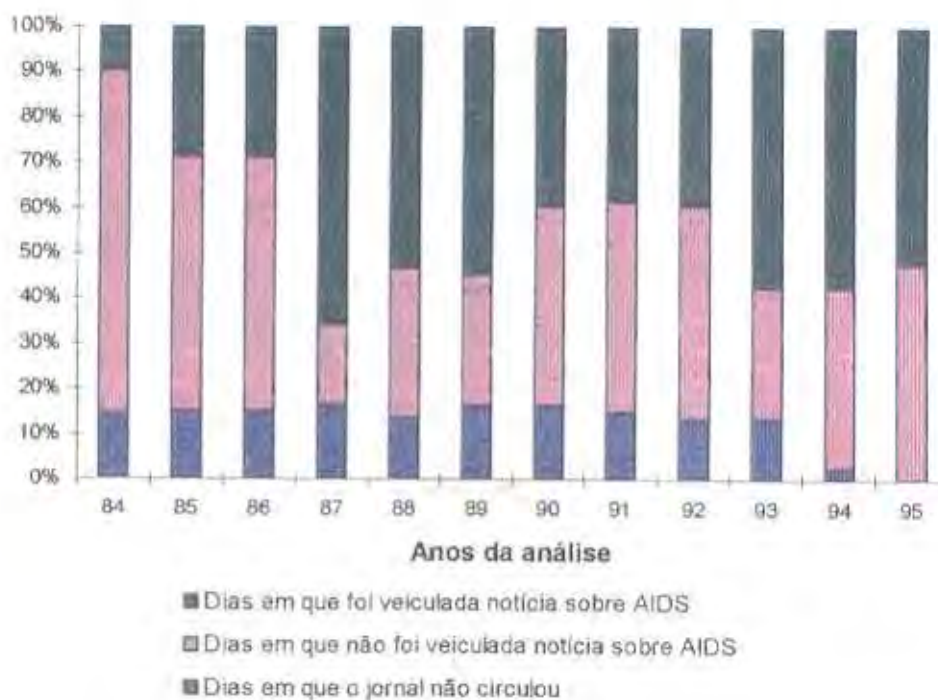
[...] Cortes admite que a interrupção das campanhas que não são realizadas desde o ano passado e a falta de conscientização dos profissionais de saúde levaram à diminuição do interesse na prevenção da doença.

Estado de Minas - 01/09/90 - p.7
Medicina e Saúde

A média de dias com notícias dos últimos seis anos - 47,5% - certamente coloca a AIDS entre os temas mais abordados pelo "Estado de Minas" e como a doença que mais aparece no jornal, assim como ocorre na imprensa espanhola, segundo pesquisa de ROSA *et al.* (1990).

GRÁFICO 1

Percentual de dias com notícias sobre AIDS considerando a amostra analisada por ano



6.1.1 Classificação segundo as editorias

Com relação às editorias onde as notícias foram veiculadas - GRÁFICO 2 (páginas 98 a 101) - percebe-se que, no início, a maioria das matérias estava nas editorias que tratavam de assuntos internacionais, nacionais e da cidade. Com o passar dos anos, a AIDS deixou de ser apenas de interesse dessas editorias e ganhou espaço nas chamadas de Capa, chegou à Segunda Seção e, eventualmente, surgia nas páginas de Esporte, Polícia, Cultura, Turismo, Política. Quando surgiu no jornal uma página dedicada aos assuntos relacionados a Ciência e Tecnologia ou relacionados a Medicina e Saúde, as notícias sobre AIDS assumiram a forma de reportagens especiais e passaram a ser veiculadas nesse novo espaço que se abria.

Observou-se que quando a AIDS surgiu nas editorias onde aparentemente não existiria lugar para as notícias sobre a doença, a idéia da prevenção como medida de moralização e de normatização, que acompanhou a AIDS nos seus primeiros anos, também estava presente.

Por trás das caneleiras anti-Aids

Alain FONTAN

Estamos na medicina esportiva do ano 2000? A polêmica continua firme em relação ao ofício da comissão técnica da Fifa pedindo o uso obrigatório de caneleiras pelos jogadores. As opiniões são bastante diversificadas entre médicos, dirigentes e massagistas. Mas afinal, trata-se de ... "uma medida profilática contra a transmissão da Aids (ou Sida, como dizem os europeus e os latino-americanos de língua espanhola).

A explicação é a seguinte: "Os ferimentos nas pernas são tratados, às vezes, com um material primário e não-esterilizado, como esponja com água, favorecendo contatos infecciosos com o sangue", explica a instrução.[...]

Na verdade, a onda internacional invadiu também o esporte. Ela poderá em breve virar psicose em certos países. As estatísticas oficiais assustam muita gente. [...]

Por outro lado, não há dúvida de que a Fifa tenta se aproveitar desta situação para impor um uniforme convencional, um "look-tipo" para todas as equipes do mundo.

Estado de Minas - 11/12/87 - p.21
Editoria de Esportes

É importante observar que, um ano após a criação de um suplemento semanal dedicado ao leitor adolescente - Gabarito, as notícias de AIDS estavam presentes em quase todas as edições. Os temas e a linguagem utilizada visavam atingir o leitor adolescente, procurando responder a suas dúvidas e fazê-lo refletir sobre sua posição frente à AIDS.

Medo é o remédio dos jovens contra a Aids

"Pânico, medo, pavor. Segundo uma nova pesquisa feita em Belo Horizonte, esses são os ingredientes que os adolescentes usariam caso fossem convidados a fazer campanhas sobre a Aids. O resultado assustou a sexóloga Lilian Geo, coordenadora do Grupo Pro-Geos de Educação Sexual. "Cuidamos melhor daquilo que amamos e que nos dá prazer do que daquilo que temos medo", preocupou-se ela, que organizou a pesquisa junto a alunos de 7ª e 8ª séries do Colégio Promove. Foram aplicados 810 questionários. Ao responderem sobre que recursos utilizariam numa campanha para realmente chamar a atenção dos jovens para a Aids, 65% dos adolescentes citaram itens ligados à disseminação do medo.

Na hora em que até mesmo o governo conseguiu mudar o tom das campanhas oficiais, os jovens estão na contramão dos fatos. Eles apostam no medo quando as campanhas já tentam abolir o pânico e o preconceito tão criticados, avançando aos poucos na prevenção e na solidariedade. [...]

O medo, diz Lilian, não impede as relações, mas leva as pessoas a não pensarem sobre elas. Por isso a sexóloga viu com espanto o resultado de sua última pesquisa. [...] "Usar imagens ameaçadoras e de medo nas campanhas de Aids tende a reforçar comportamentos como a ausência de reflexão, o baixo índice do uso da camisinha, e por consequência, o sexo irresponsável no lugar do prazer saudável".

Estado de Minas - 09/12/94 - p.4 e 5
 Gabarito

A editoria Internacional, na média geral, foi a que sempre apresentou maior número de notícias sobre a doença. Entretanto, é preciso ressaltar que grande parte dessas notícias apareceram em uma coluna específica do jornal - Um dia no mundo -, onde não apresentavam mais do que dez linhas e títulos que raramente ultrapassavam doze toques. Apesar do destaque da coluna e do tamanho da matéria, que acabava atraindo muitos

leitores que buscavam por notícias curtas, as informações, geralmente, não passavam de números e estatísticas nos diversos países do mundo. Muito raramente eram abordados nessas notas temas como prevenção ou formas de contágio.

Aids

Existem na Colômbia 3.300 casos de Aids registrados e outros 60 mil não comprovados, o que significa um aumento da doença de 10% em 1991. O ministro da Saúde colombiano, Camilo Gonzalez Posso, quer implantar um plano arrojado para atacar o problema, envolvendo todas as instituições do setor da saúde, as quais em muitos casos permanecem à margem do assunto.

Estado de Minas - 10/11/91 - p.19
 Editoria Internacional
 Um dia no mundo

As notícias veiculadas na editoria Internacional - depois chamada Exterior - eram, na sua quase totalidade, provenientes das agências internacionais de notícias. Isso, entretanto, não exime os jornais da responsabilidade da publicação, uma vez que são eles os responsáveis pela avaliação das informações que estão transmitindo através das matérias que o jornal está veiculando.

As editorias Nacional e Cidade - essa última posteriormente substituída por Gerais - alternaram sua posição se considerada a incidência de matérias sobre AIDS veiculadas em suas páginas. Até 1989 as notícias nacionais sobre a epidemia eram em maior número que as notícias locais. A partir de 1990 as notícias da cidade apareceram em maior frequência, chegando mesmo a apresentarem maior incidência que as notícias internacionais nos anos de 1994 e 1995. De uma certa forma os próprios números da doença explicam essa inversão. A AIDS, inicialmente doença que atingia homossexuais americanos, chega ao país e, em pouco tempo, está

bem próxima de cada um de nós. A divulgação das campanhas realizadas em Minas Gerais, dos problemas envolvendo o atendimento aos doentes na cidade e dos diversos cursos, seminários e palestras sobre AIDS organizados na cidade, são alguns dos temas responsáveis por essa inversão de incidência nas editorias. Alguns estudos afirmam que a imprensa sempre tratou a AIDS como coisa de estrangeiro. Analisando as notícias dessas três editorias percebeu-se que a maior incidência de notícias internacionais possivelmente ocorreu muito mais em consequência do atraso com que o governo brasileiro começou a enfrentar a AIDS, do que como consequência de uma posição da imprensa em relação à doença e sua "aura de imunidade" para o Brasil, conforme aponta DANIEL (1991).

Ao se iniciar o período de chuvas, pode-se prever que algumas áreas de risco serão soterradas e programar matérias que alertem para esse perigo. Mas como se adiantar aos fatos, quando o assunto é AIDS? Como prever números futuros e o desenvolvimento da epidemia? Quando até mesmo as autoridades da área de saúde viam a AIDS como uma doença americana ou africana, que não ameaçava o país, como exigir postura diferente da imprensa?

Ministro não vê Aids como uma epidemia

RECIFE - "Os casos de ocorrência de Aids no Brasil ainda não são tão evidentes que possam configurar uma epidemia", declarou ontem o ministro da Saúde, Carlos Santana, destacando que, no País, "apenas 305 pessoas já foram acometidas pela doença. Mas temos 130 milhões de habitantes".

Acrescentou o ministro que, deste contingente populacional, "8 milhões têm doença de chagas; 6 milhões, esquistossomose; 250 mil são tuberculosos e 300 mil portam lepra. Logo a Aids é, realmente, uma preocupação médica, mas certamente jamais a principal."

Estado de Minas - 03/08/85 - p.1
Capa

Entretanto, a incidência de notícias sobre AIDS nas editorias Nacional e Cidade, e esporadicamente até mesmo na editoria de Interior, além do conteúdo das mesmas, nos leva à conclusão de que, se em algum momento e para alguns setores a idéia da AIDS associada a doença estrangeira esteve presente, foi logo sendo substituída pela certeza de que a AIDS é uma doença do mundo. As notícias, em menor incidência nos primeiros anos analisados por esta pesquisa e mais freqüentes com o passar do tempo, ressaltavam, entre outras coisas, o aumento de casos de AIDS no Brasil. Os fatos determinavam a notícia.

Aumentam os casos de Aids e Brasil já exporta a doença

SÃO PAULO - Somente nessa última semana surgiram 20 casos suspeitos de portadores do vírus da Aids em São Paulo e nos últimos quatro meses o total de pessoas já contaminadas pelo vírus ultrapassou a 100, mais de 60 por cento do total de casos ocorridos no ano passado (120). **Dez estados brasileiros já registraram casos de Aids e o Brasil exportou a doença para o Uruguai, Argentina e Paraguai.**

Esses dados são revelados em pesquisa do jornalista Vital Battaglia de São Paulo, destacando que nos Estados Unidos e Europa a doença duplicava a cada ano. Agora dobra a cada seis meses. **Mais de 11 mil casos de Aids já foram constatados em todo o mundo desde 1981, quando a doença foi identificada. [...]**

Estado de Minas - 21/05/85 - p.6
Editoria Nacional

Aids: doença já atinge 7 mil em JF

JUIZ DE FORA (Sucursal) - Existem sete mil pessoas (quase dois por cento da população) infectadas com o vírus da Aids em Juiz de Fora. É o que indica levantamento realizado pela Coordenadoria de Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde. Desde 1986, já foram noticiados 178 casos de pacientes com Aids na cidade, número que pode chegar a 200, incluídas as subnotificações. [...]

Estado de Minas - 23/02/92 - p.31
 Editoria de Cidades

Com o crescimento do número de infectados com o vírus HIV no Brasil, as notícias relatando situações de doentes da AIDS em todo o país ganharam as páginas dos jornais. Em forma de denúncia contra a discriminação a esses doentes, ou contra o descaso da saúde pública para com a nova epidemia.

Prevenção no Brasil é precária

O Professor titular de doenças infecciosas e parasitárias da Faculdade de Medicina da USP, Ricardo Veronesi, criticou o atraso na realização de campanhas de prevenção contra a Aids no Brasil, onde são realizadas por ano cinco milhões de transfusões, atingindo 50% dos bancos de sangue. Ele condenou a precariedade de recursos destinados à saúde pública, que não tem como agir com eficiência no controle e combate às doenças de uma forma geral e, especificamente, à Aids. [...]

Estado de Minas - 23/06/89 - p.11
 Editoria Nacional

Outras vezes, em matérias que denunciavam os problemas enfrentados pelos diversos setores no controle da epidemia.

Presidiários paulistas são atacados pela AIDS

SÃO PAULO - Paulo Roberto Teixeira, coordenador do programa de controle de AIDS da Secretaria da Saúde, confirmou ontem a existência de 19 casos da doença entre presidiários do sistema penitenciário do Estado. Há duas semanas apenas dois casos eram registrados e, segundo ele, o número atual tende a aumentar bastante segundo a proporção apresentada pela sociedade em geral, onde os casos mensais passaram de 25 para 40. "Não há como controlar. Basicamente, o programa prevê uma campanha educativa junto aos presidiários e à produção". [...]

Para Paulo Roberto Teixeira, muitas das decisões encontraram vários obstáculos dentro das próprias celas. "Tentamos isolar os 19 casos numa ala especial do hospital da penitenciária do Estado. Os pacientes se revoltaram, porque não querem ficar isolados de seus companheiros, com quem ainda vêm se relacionando como se estivessem sadios. Mantém relações sexuais e, muitas vezes, assaltam a farmácia do hospital para conseguirem tóxicos. A mesma seringa utilizada por um doente de Aids é usada por várias pessoas. Além disso, o relacionamento sexual é mantido e quando souberam da possibilidade de ficarem isolados, os presidiários prometeram incendiar o hospital e fazer uma verdadeira revolução".

Controle

O controle da doença ultrapassa, segundo o coordenador, o âmbito das penitenciárias. "Um grande potencial de risco está na casa de detenção, por exemplo. Lá, a lei impede o relacionamento sexual ou as visitas íntimas. Mas todos sabem que isso acontece. Não há como impedir que um portador da doença visite os detentos e não se pode distribuir preservativos, porque estaríamos burlando nossa própria lei. [...]

Estado de Minas - 15/01/87 - p.6
Editoria Nacional

Ou ainda em notícias que expunham a privacidade das pessoas.

AIDS (não era) provoca pânico geral em Araguari

ARAGUARI - A paranóia nacional da contaminação da Aids fez sua primeira vítima no Triângulo Mineiro. Agarrado por policiais, por ordem do promotor de justiça de Araguari, Waldir Dias, que foi pressionado pela população da cidade, o cabeleireiro Everaldo Marques, de 32 anos, foi internado a força no Hospital das Clínicas de Uberlândia e submetido a vários exames desde a última quarta-feira. O resultado não correspondeu à expectativa da população, ficando constatado apenas que ele sofria de um distúrbio hepático, já estando quase recebendo alta.

Everaldo Marques, conhecido como Aldo "Sam", porque morou em Nova York 11 anos, de onde chegou há três, começou a emagrecer há cerca de quatro meses. Dono de um dos mais freqüentados salões de beleza de Araguari, pois é considerado um competente profissional, viu de repente sua clientela se afastar. Surgiram, então, na cidade, os primeiros boatos de que ele estava contaminado pelo vírus da Aids.

Tomada de pânico, a população passou a pressionar as autoridades para que ele fosse internado, esbarrando sempre em sua firme recusa. Segundo testemunhas contaram ao promotor Waldir Dias, o cabeleireiro passou a ameaçar de contaminação a população da cidade, chegando inclusive a "tocar em frutas na feira, dizendo que era para levar mais uns dez".

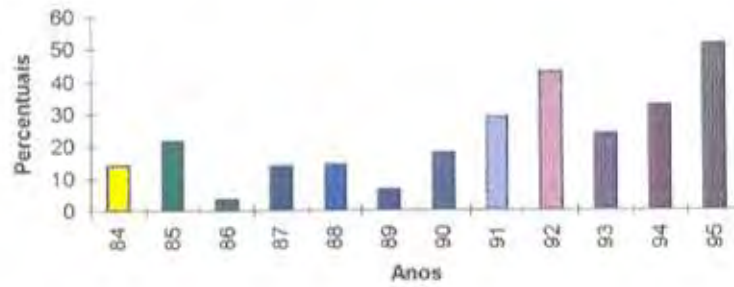
Diante do pânico generalizado, o promotor entrou em contato com autoridades médicas locais, como o chefe do Centro de Saúde, Carlos Morais, que garantiram a ele que o cabeleireiro tinha "99,9% de chance de estar contaminado com Aids". Com esse dado e as diversas reclamações, cerca de 50 telefonemas por dia e até ameaça de linchamento, o promotor achou melhor determinar que a polícia levasse Everaldo Marques para o Hospital das Clínicas, o que foi feito com a concordância da mãe do cabeleireiro.

Ontem, o estagiário de Medicina da Clínica Médica do Hospital das Clínicas de Uberlândia, Sérgio Egidio Cruz, desmentiu a versão de que o cabeleireiro estivesse com Aids e afirmou que ele está passando muito bem, inclusive "já recuperando o peso normal". Ele disse que Everaldo caminha pelo hospital normalmente, lê jornal e pode receber alta em breve.

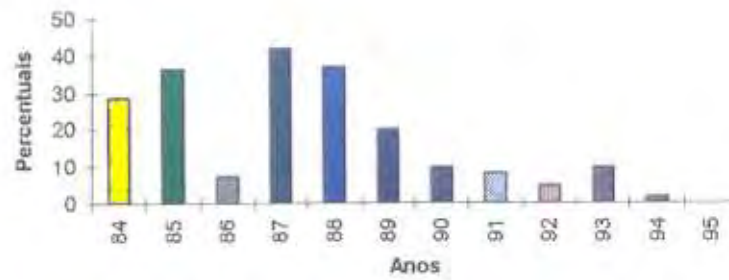
GRÁFICO 2

Evolução do percentual de notícias veiculadas em cada editoria
1984 - 1995

Editoria de Cidades



Editorial Nacional



Editoria Internacional

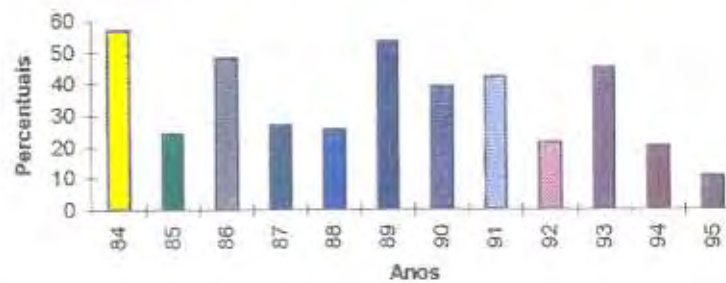
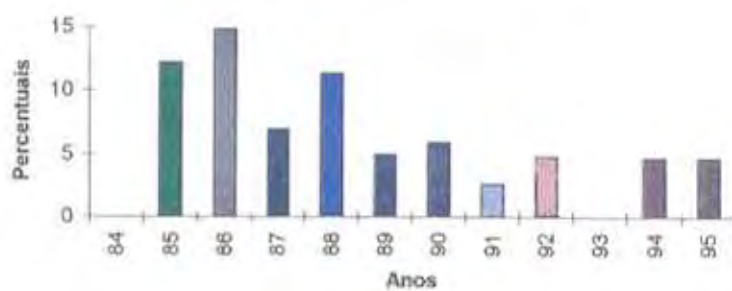


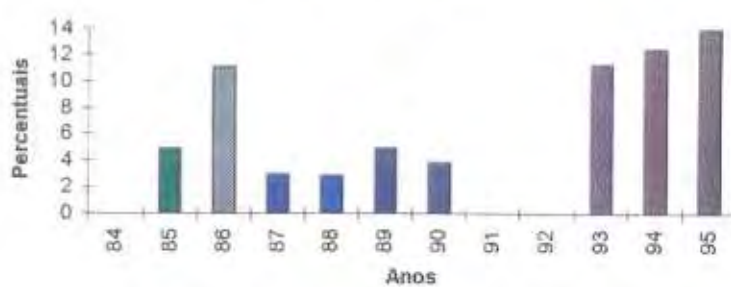
GRÁFICO 2 (continuação)

Evolução do percentual de notícias veiculadas em cada editoria
1984 - 1995

Editoria Final - Capa



Segunda Seção



Caderno Feminino

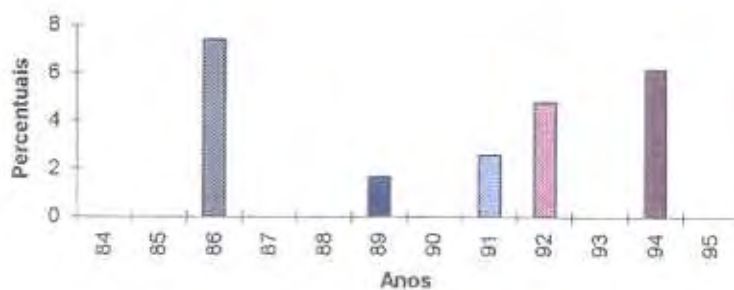
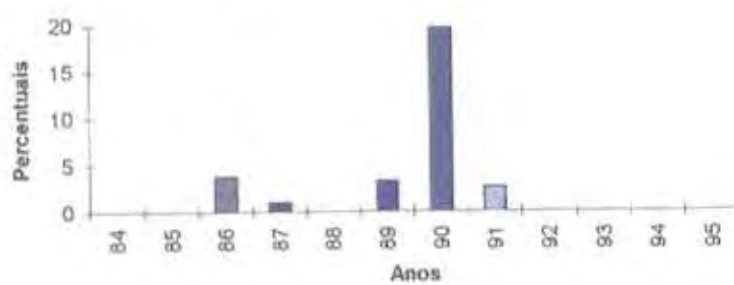


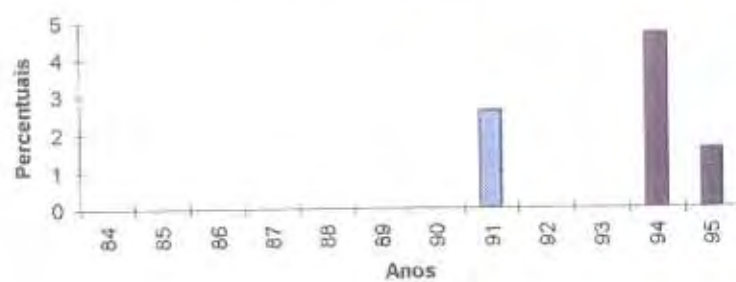
GRÁFICO 2 (continuação)

Evolução do percentual de notícias veiculadas em cada editoria
1984 - 1995

Medicina e Saúde



Ciência e Tecnologia



Editoria do Interior

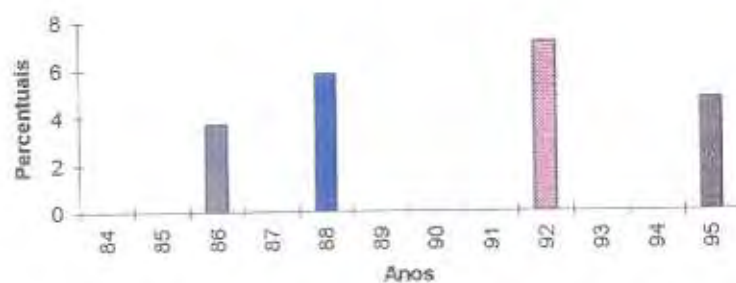
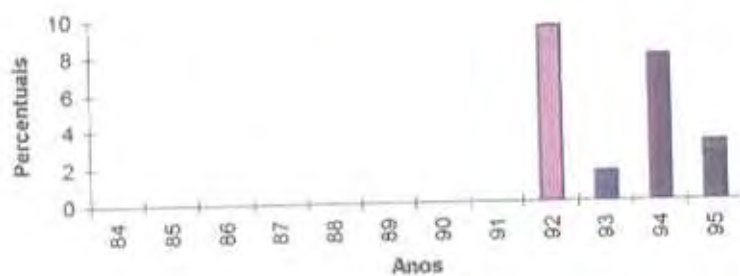


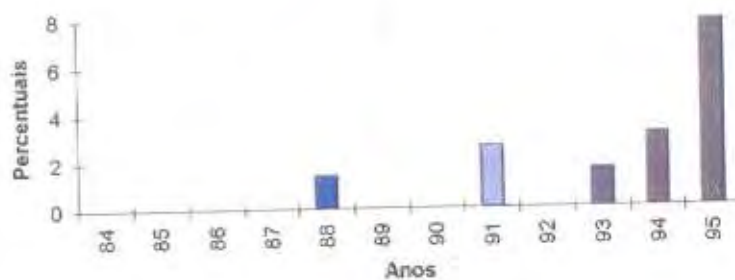
GRÁFICO 2 (continuação)

Evolução do percentual de notícias veiculadas em cada editoria -
1984 - 1995

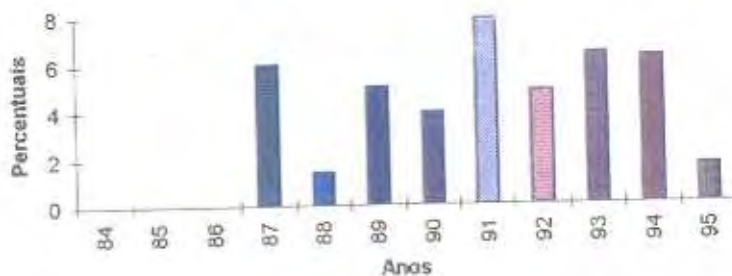
Gabarito



Editoria de Opinião



Outras editorias



6.1.2 Classificação quanto a categoria de exposição ao vírus

A análise das categorias de exposição ao vírus - GRÁFICO 3 (páginas 110 a 113) - revelou dados interessantes. As matérias que associavam a AIDS ao homossexualismo são, se comparadas às demais categorias, em maior número. Em seguida aparecem os toxicômanos e os hemofílicos, o que revela que os grupos primeiramente identificados como "grupos de risco" permaneceram na mídia, durante esses doze anos, com uma certa importância. Entretanto, observando a porcentagem em que a AIDS foi associada a cada um desses segmentos da população, percebeu-se que atribuir à imprensa a divulgação ou o incentivo do preconceito ao homossexualismo seria uma generalização, que precisaria ser revista (GINN, 1987; NOVELLINO, 1993; DRUSHEL, 1991; HALLETT *et al.*, 1994). Em média, apenas 15,2% das notícias analisadas apresentaram tal relação. Nos três primeiros anos - 1984 a 1986 - a relação homossexualismo/AIDS é mais presente, sendo mencionada em quase 30% das matérias. Entretanto, no período de 1987 a 1995 essa média cai para 10,5%. A média de notícias que associam a doença a toxicômanos é de 6,9%, e de 6,2%, no caso dos hemofílicos. Essas associações aparecem, na grande maioria das vezes, sob a forma de dados estatísticos. Entretanto essas médias, se, por um lado, tiram da imprensa a responsabilidade de promover o preconceito, por outro, revelam a falta de conteúdo das matérias, que quase sempre apresentam números e falam de pesquisas que pouco contribuem no aspecto de prevenção da doença.

As notícias que relacionavam a AIDS ao homossexualismo podem ser divididas em dois grupos: aquele que transforma o homossexual em sinônimo de AIDS, que julga o comportamento do homossexual e que pode levar ao preconceito e ao descuido dos não homossexuais na prevenção, e aquele que ao informar uma realidade - o grande número de homossexuais infectados pelo HIV - noticia o fato e alerta para um grupo que apresentava, realmente, maior incidência de casos de AIDS.

As matérias do primeiro grupo, que deixavam transparecer uma clara associação entre AIDS e homossexualismo e um julgamento com relação ao comportamento homossexual, foram veiculadas nos primeiros anos da cobertura da AIDS pela imprensa.

Aids

Um homossexual doou seu sangue num hospital de Londres e acabou transmitindo a Aids (Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida) para várias pessoas. O Ministério da Saúde Britânico detectou que este doador doou três vezes em outubro: uma gestante recebeu o sangue contaminado, um idoso vítima de câncer e um homem de 40 anos. Além destes, outras 39 pessoas portadoras de hemofilia foram contaminadas. [...]

Estado de Minas - 21/12/84 - p.17
 Editoria Internacional
 Um dia no mundo

AIDS ou SIDA a doença é uma paranóia

[...] Uma análise da característica científica da doença revela que, por enquanto, sua propagação no Brasil se assemelha mais à forma de propagação verificada nos Estados Unidos: uma incidência de 14 casos em homossexuais para cada heterossexual. **Isto, em função da capacidade que têm os homossexuais de variarem até em quarenta parceiros nas suas relações a cada mês, média bem superior à prostituição feminina. [...]**

Estado de Minas - 07/07/85 - p.8
 Caderno Fim de Semana

Com relação ao segundo grupo de notícias relacionadas ao homossexualismo e AIDS, que alertava para a realidade do número de homossexuais contaminados, torna-se necessária uma reflexão sobre como o jornal, ao apresentar os números dos infectados por categoria de transmissão,

e o predomínio dos homossexuais dentre os infectados até 1991, estivesse estimulando o preconceito. Possivelmente, o fato de terem sido apontados como grupo de risco durante os primeiros anos da epidemia, tenha aumentado a prevenção entre essa categoria, o que explicaria o declínio na curva de homossexuais infectados, enquanto aqueles que não eram considerados grupos de risco apresentaram um aumento considerável no número de doentes. Os exemplos que se seguem procuram mostrar que nem sempre a associação aos homossexuais está fora de um contexto que a justifique.

AIDS: fenômeno e preconceito

Edson Nunes

O Movimento de Defesa dos Direitos Homossexuais tem sua preocupação sobre o fenômeno Aids estendida para muito além do próprio segmento social a que se propõe representar. Esta preocupação é com o todo da população e é muito simples de ser explicada, apesar do caráter dramático que representa, até mesmo como denúncia.

A sociedade em geral caminha para ser a grande vítima da falsa caracterização da "Aids" como doença predominantemente homossexual, porque, se o equívoco não for logo esclarecido, a enfermidade continuará se estendendo livremente pelos outros segmentos da população. Enquanto isso, só mesmo os homossexuais (e também os hemofílicos e drogados - igualmente apontados como grupo de risco) estarão melhor protegidos de sua ação. [...]

Estado de Minas - 07/07/85 - p.25
Editoria Internacional

Minas registra 321 casos de AIDS A maioria entre os homossexuais

Minas Gerais fechou o mês de novembro com 321 casos de Aids, com o registro de 297 casos masculinos e 24 femininos. Dos casos masculinos, 214 deveram-se à contaminação por via sexual, envolvendo 102

homossexuais, 86 bissexuais e 26 heterossexuais. Ocorreram 45 casos por transmissão sangüínea, sendo 13 envolvendo hemofílicos, 19 com usuário de drogas e 14 receptores de sangue e outros derivados. Foram registrados ainda 37 casos de contaminação de origem desconhecida, [...]

Estado de Minas - 30/12/89 - p.7
Medicina e Saúde

A discussão sobre AIDS e homossexualidade é, com certeza, um dos temas mais polêmicos com relação à nova epidemia, pois envolve questões morais e de sexualidade. Se, no início, algumas notícias publicadas no "Estado de Minas" comprometiam a compreensão correta da relação entre ambos e estimulavam o preconceito, com o tempo, o jornal passou a abordar o tema de forma séria, alertando, em algumas matérias, para o perigo de não se enxergar a realidade dos números, em favor de uma não discriminação.

Peça sobre Aids provoca polêmica

Clara Arreguy

Do ponto de vista teatral "Aids, Por Que Comigo?" é um espetáculo bem acabado, com texto que se caracteriza pela sobriedade e encenação que responde com competência à proposta de despojamento. O projeto visa levar informações sobre Aids, em teatro e vídeo, a qualquer espaço: escolas, fábricas, sindicatos, etc. A estréia na semana passada, no Teatro Sesiminas, mostrou que seriedade é o que não falta para viabilizar o uso deste espetáculo num trabalho de conscientização para um problema tão relevante.

Há, porém, alguns senões no que se refere à abordagem dada ao problema. Ao contar cinco histórias de pessoas contaminadas pelo vírus HIV, "Aids, Por Que Comigo?" aposta em combater os estigmas que recaem sobre suas vítimas. Até aí tudo bem. Mostra diversas formas de contaminação: uso de seringa contaminada, promiscuidade nas relações sexuais, transfusão de sangue. Entre as personagens, faltou falar dos homossexuais. Ora, **uma coisa é não estigmatizar homossexuais como as únicas vítimas da Aids, outra é desconhecer a**

existência do problema, num tipo de discriminação às avessas.

É verdade que há referência à questão do comportamento sexual, da promiscuidade, como um dos poucos dados certos sobre a contaminação. Mas o texto teatral não se refere em nenhum momento a um segmento que tem sido o mais maltratado em função do preconceito e da discriminação. É sintomático que, quando surgiu, a Aids tenha sido chamada de 'câncer gay'. Seria mais esclarecedor tocar no assunto, informando melhor sobre ele, abrindo (e não evitando) mais esta discussão. [...]

Estado de Minas - 08/04/93 - p.7
Segunda Seção

Abordagem busca nova forma de compreensão do público

Marcello C. Avellar

O espetáculo "Aids, Por Que Comigo?" conseguiu provocar pelo menos uma polêmica em seu lançamento, no teatro Sesiminas: A ausência de personagens homossexuais. **Alguns argumentam que se trata de negar o óbvio: o fato de que os homossexuais constituem - ainda - um significativo grupo de risco.** Por outro lado, é possível sentir intencionalidade nesta falta: **a peça foge, com isso, de um detestável preconceito - a ligação entre a epidemia e a homossexualidade - e estabelece novas relações para a compreensão do público.** O problema não é um tipo específico de sexualidade, mas a irresponsabilidade sexual que, assim como a droga, o descaso das autoridades encarregadas de combate e prevenção do mal, a má informação e a discriminação, constitui um desrespeito à dignidade humana. [...]

Estado de Minas - 08/04/93 - p.7
Segunda Seção

Realçando da média de 3,0% de notícias relacionando AIDS a hemofílicos, se considerado o período de 1985 a 1995, em 1988, 15,7% das matérias tratam dessa categoria (em 1984 a porcentagem de 28,6% deve-se

ao reduzido número de matérias sobre AIDS veiculado no "Estado de Minas" - apenas sete, sendo que em duas delas o tema foi abordado). A explicação para esse crescimento em 1988 pode estar na morte de Henfil, no início daquele ano, que transformou o tema da AIDS em assunto nacional. O fato de ser do conhecimento de todos que Henfil era hemofílico e contraiu AIDS através de transfusão de sangue, tornou sua morte diferente daquelas em que a forma de infecção nem sempre está bem clara. Nesses casos a morte de AIDS sempre levará à especulação sobre o comportamento do doente.

Além da relação com homossexualismo e hemofílicos, a AIDS também foi, ao longo dos anos, associada a toxicômanos, apesar de, em média, apenas 6,9% das matérias fazerem essa associação. Pode ser apontada como falha ou incoerência da cobertura da imprensa, a diminuição do número das matérias que falam dos toxicômanos enquanto categoria de exposição, frente ao crescente número de contaminados através de drogas intravenosas. O mesmo aconteceu com as notícias que associavam AIDS a mulheres e heterossexuais. Somente nos últimos anos as notícias mostraram-se mais esclarecedoras nesse sentido. As notícias também apresentavam, ainda que com menor frequência, a relação entre os bissexuais e a AIDS.

Aids aumenta entre heterossexuais paulistas

São Paulo já tem 32.048 casos de Aids registrados e quase 5.000 dos pacientes são heterossexuais, o grupo que está crescendo mais depressa, ultrapassando até mesmo a percentagem de aumento da Aids entre drogados. Os dados são do último boletim do Centro de Vigilância Epidemiológica, com números coletados até o final de abril e confirmam a chegada da "terceira onda", prevista pelo infectologista Dráusio Varella.

Para Varella, "essa terceira onda de Aids que começa a armar-se no Brasil é a dos homens infectados pelas mulheres". Na primeira, foram atingidos principalmente homo, bissexuais, hemofílicos e usuários

de drogas injetáveis. A segunda, que o médico considera em plena expansão, é das mulheres. Elas estão se contaminando através dos parceiros, que em grande número pegaram o vírus ao compartilhar seringas para aplicação de drogas injetáveis. Na terceira onda, essas mulheres contaminadas passam a infectar os homens. [...]

Estado de Minas - 04/11/94 - p.19
Editoria de Cidade

A relação da AIDS com outros segmentos da população foi apontada pelo jornal. A infecção de prostitutas pelo HIV aparece com maior frequência a partir de 1992. A partir desse ano os dados do Ministério da Saúde registraram um aumento significativo no caso de mulheres infectadas pelo HIV, e apesar desses dados registrarem os números no Brasil, a situação mundial não é muito diferente. Ainda que, no caso do Brasil, o Ministério não apresentasse o percentual de prostitutas que o número de mulheres infectadas englobava, parece significativo o aumento na incidência de notícias relacionando o HIV às prostitutas e o aumento do número de mulheres infectadas. Coincidência ou consequência, o fato é que associar as prostitutas infectadas ao aumento no número de mulheres infectadas é uma atitude perigosa, uma vez que faz parecer que a mulher casada, monogâmica, estaria imune à contaminação.

Outro segmento que mereceu destaque na mídia, durante um período - 1985 a 1989 -, foi o de presidiários. A alta incidência de infecção entre os presos foi um problema que surgiu com a doença e levou a discussões sobre a dificuldade de se encontrar métodos de prevenção entre os presos, principalmente durante os seis primeiros anos englobados por essa análise. As notícias refletiam essas discussões, como foi ilustrado em matéria já citada.

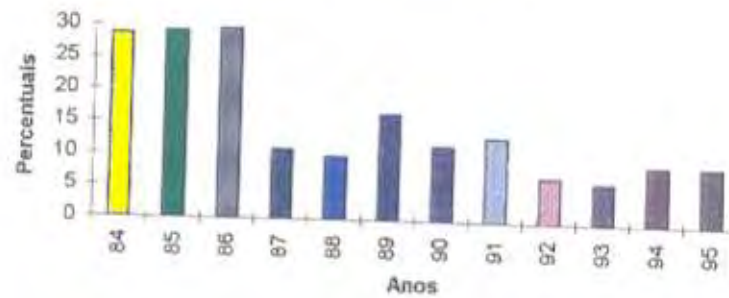
Adolescentes, gestantes e crianças são outros segmentos destacados pelo jornal, ainda que com menor ênfase que os demais. Não foi encontrada nenhuma relação que justificasse o destaque desses segmentos em determinados anos, exceto as notícias relativas a adolescentes nos anos de 1994 e 1995, veiculadas no Gabarito. Quase que semanalmente, esse caderno abordava a AIDS sob diversos aspectos, mas sempre relacionando-a a seu público leitor, o adolescente.

Na verdade, poucas foram as notícias analisadas que deixaram transparecer uma preocupação e um cuidado em noticiar a AIDS, através da elaboração de uma pauta que priorizasse determinada abordagem sobre a doença. A grande maioria das matérias pareceu apenas reproduzir as informações repassadas pelas agências de notícia e levou ao questionamento da forma como se dá o processo diário de seleção, pelo editor, das notícias sobre AIDS que serão veiculadas no jornal. Esse, certamente, seria um problema que poderia levar a uma segunda pesquisa, que buscasse compreender a cobertura da imprensa sobre a doença não através do conteúdo das notícias, mas através dos fatores que determinaram a forma como essas notícias foram produzidas e selecionadas.

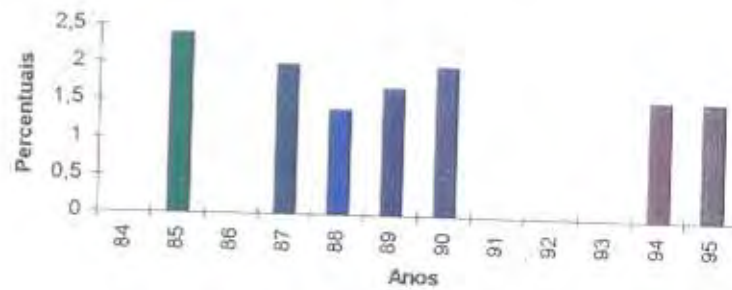
GRÁFICO 3

Evolução do percentual de categorias de exposição
abordadas nas notícias
1984 - 1995

Homossexualismo



Bissexualismo



Heterossexualismo

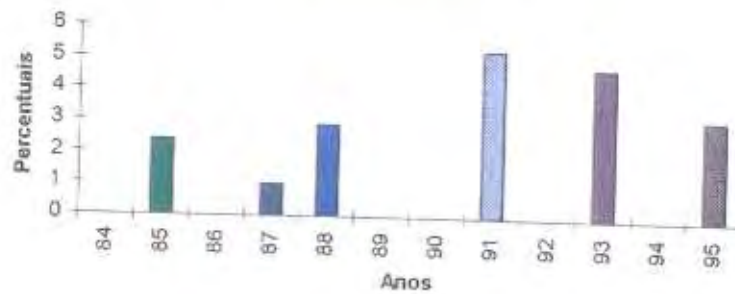
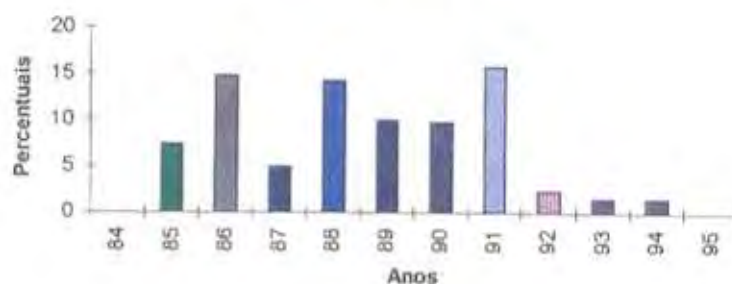


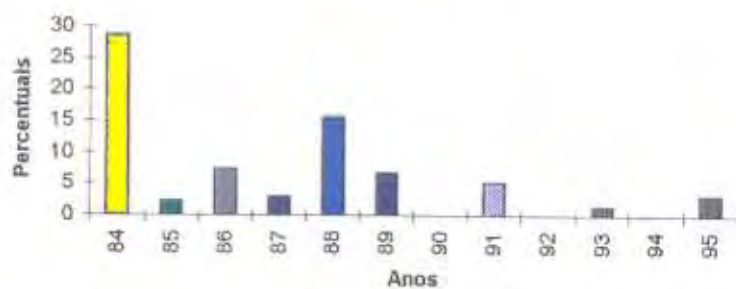
GRÁFICO 3 (continuação)

Evolução do percentual de categorias de exposição
abordadas nas notícias
1984 - 1995

Toxicômanos



Hemofílicos



Mulheres

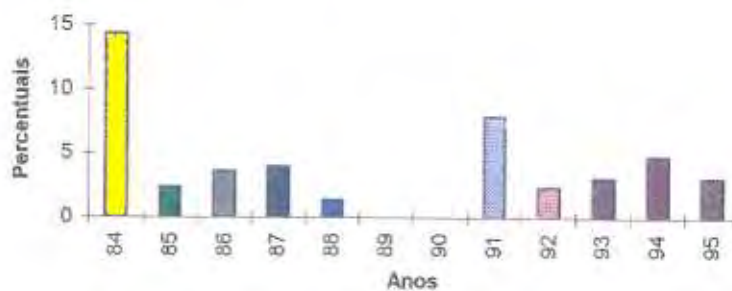
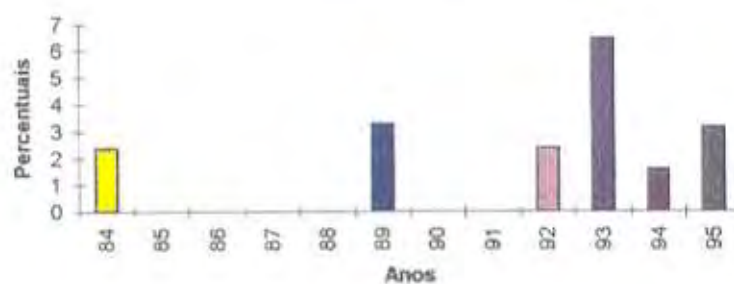


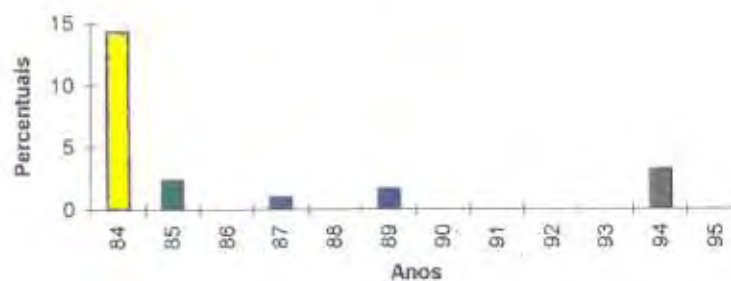
GRÁFICO 3 (continuação)

**Evolução do percentual de categorias de exposição
abordadas nas notícias
1984 - 1995**

Prostitutas



Gestantes



Crianças

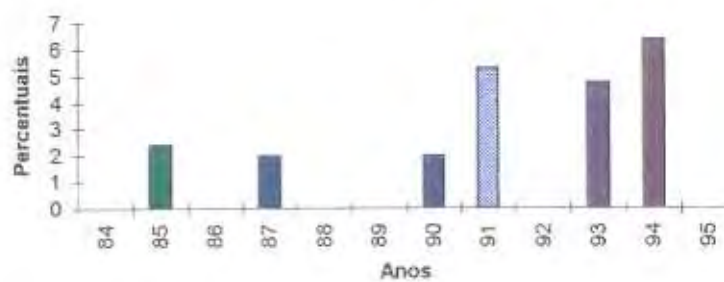
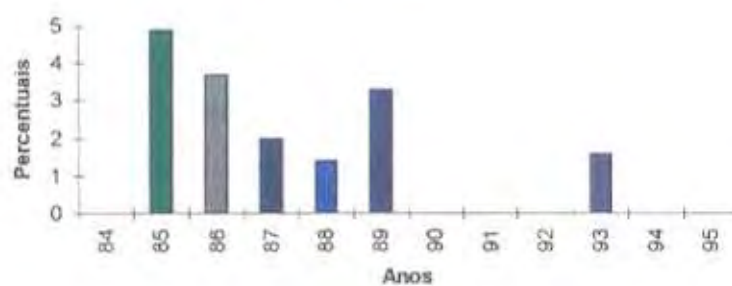


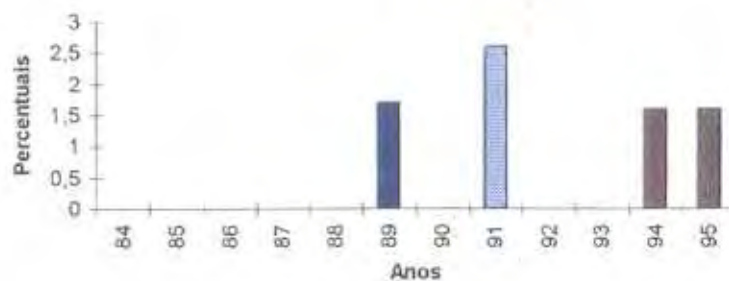
GRÁFICO 3 (continuação)

Evolução do percentual de categorias de exposição
abordadas nas notícias
1984 - 1995

Presidiários



Adolescentes

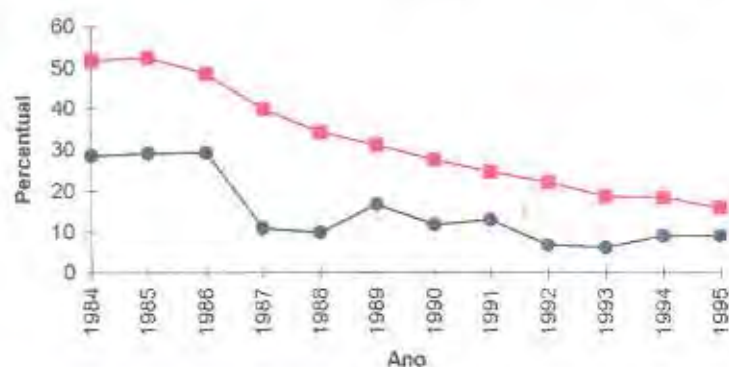


Os GRÁFICOS de 4 a 10 tentam avaliar a cobertura da imprensa observando os dados do Ministério da Saúde sobre números de diagnósticos no Brasil, categorias de exposição, sexo e idade (TABELAS I, II, III e IV – páginas 30 a 33) e o percentual de matérias abordando cada uma dessas categorias.

A princípio não percebemos uma preocupação por parte da imprensa em acompanhar os números oficiais da doença. Ao contrário. A situação apresentada no GRÁFICO 4, em que o número de notícias sobre AIDS e homossexualismo cai juntamente com o número dos homossexuais diagnosticados com o vírus, é a única exceção.

GRÁFICO 4

Evolução do percentual da categoria de exposição sexual/homossexual* e do percentual de notícias** abordando AIDS/Homossexual - 1984 - 1995



Percentual de notícias sobre o assunto

Percentual de doentes da AIDS pertencentes a categoria de exposição

* Dados relativos ao Brasil - Fonte: Ministério da Saúde

** Notícias veiculadas no "Estado de Minas"

Os números de notícias relacionando AIDS/ Hemofílico - GRÁFICO 5 - e AIDS/Gestantes e Crianças - GRÁFICO 6 - apresentam oscilações injustificadas do ponto de vista "oficial" dos diagnósticos.

GRÁFICO 5

Evolução do percentual da categoria de exposição sanguínea/hemofílico * e do percentual de notícias ** abordando AIDS/Hemofílico - 1984 - 1995

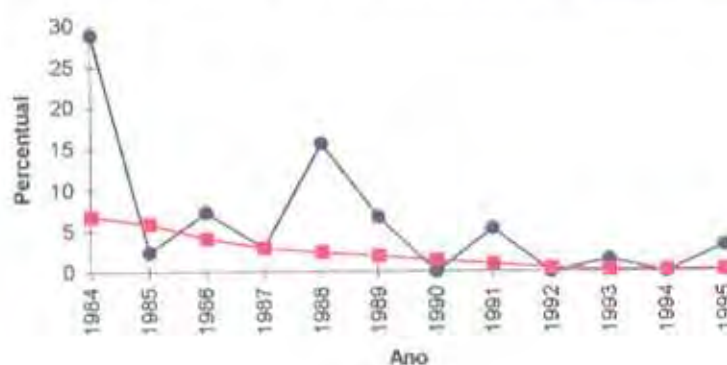
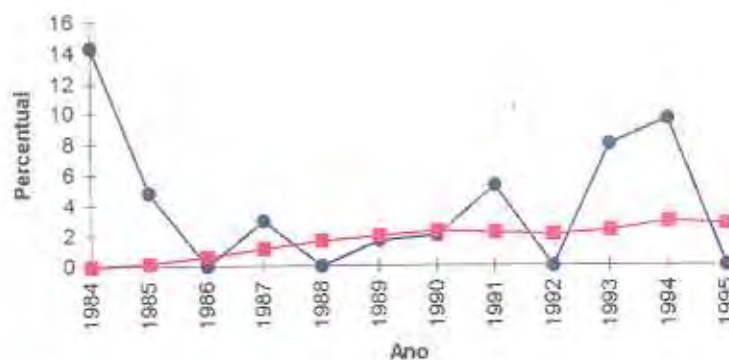


GRÁFICO 6

Evolução do percentual da categoria de exposição perinatal * e do percentual de notícias ** abordando AIDS/Gestantes e AIDS/Crianças - 1984 - 1995



Percentual de notícias sobre o assunto

Percentual de doentes da AIDS pertencentes a categoria de exposição

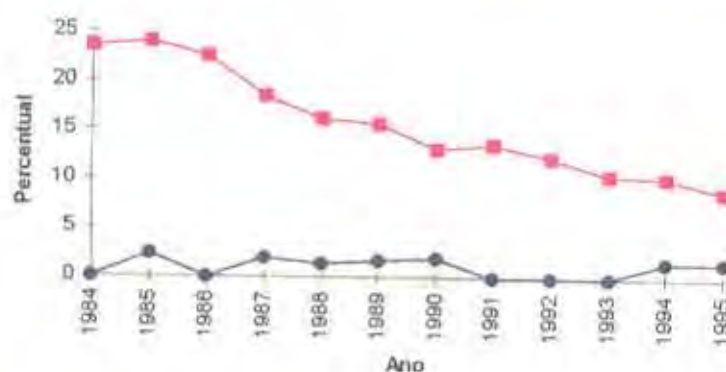
* Dados relativos ao Brasil - Fonte: Ministério da Saúde

** Notícias veiculadas no "Estado de Minas"

Também as notícias relacionando AIDS/Bissexualismo - GRÁFICO 7 - mantêm média de incidência que parece independe dos números oficiais.

GRÁFICO 7

Evolução do percentual da categoria de exposição sexual/bissexual * e do percentual de notícias ** abordando AIDS/Bissexual - 1984 - 1995



Percentual de notícias sobre o assunto

Percentual de doentes da AIDS pertencentes a categoria de exposição

* Dados relativos ao Brasil - Fonte: Ministério da Saúde

** Notícias veiculadas no "Estado de Minas"

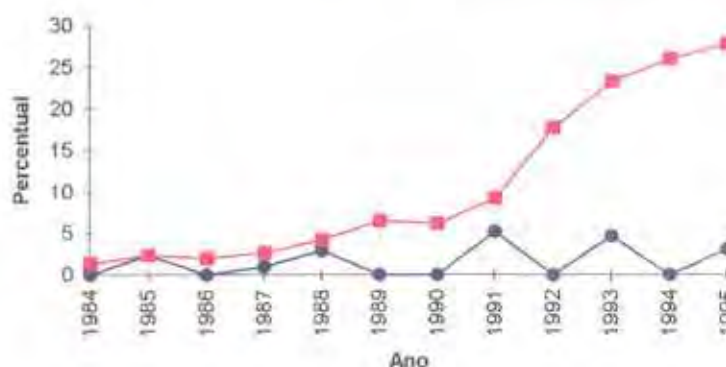
A situação torna-se diferente quando se analisa a relação AIDS/Heterossexualismo - GRÁFICO 8 -, AIDS/Toxicômanos - GRÁFICO 9 - e AIDS/Mulher/Prostituta - GRÁFICO 10.

Revelando uma cobertura desvinculada da evolução da doença, as notícias sobre AIDS e Heterossexualismo mantiveram uma média muito baixa de incidência, enquanto o número de heterossexuais contaminados pelo vírus da AIDS subia a cada ano. Em 1995, o número de heterossexuais infectados era maior do que a soma do número de homossexuais e bissexuais infectados. O mesmo ocorreu com as notícias sobre AIDS e mulheres e AIDS e toxicômanos, que diminuíram de incidência, enquanto crescia o número de

infectados nessas categorias. Se em 1983 eram 40 homens infectados para cada mulher, em 1995, essa proporção já estava em 3/1. Em 1984, os hemofílicos eram responsáveis por 66,7% das contaminações por exposição sangüínea, contra 6,7% de contaminações por uso de droga intravenosa. Em 1995, os usuários de droga representavam 87,9% das contaminações, contra 1,3% de hemofílicos infectados (TABELA III, p.30). As notícias veiculadas pelo jornal não revelavam essa realidade.

GRÁFICO 8

Evolução do percentual da categoria de exposição sexual/heterossexual * e do percentual de notícias ** abordando AIDS/Heterossexual - 1984 - 1995



Percentual de notícias sobre o assunto

Percentual de doentes da AIDS pertencentes a categoria de exposição

* Dados relativos ao Brasil - Fonte: Ministério da Saúde

** Notícias veiculadas no "Estado de Minas"

GRÁFICO 9

Evolução do percentual da categoria de exposição sangüínea/droga intravenosa * e do percentual de notícias ** abordando AIDS/Toxicômanos - 1984 - 1995

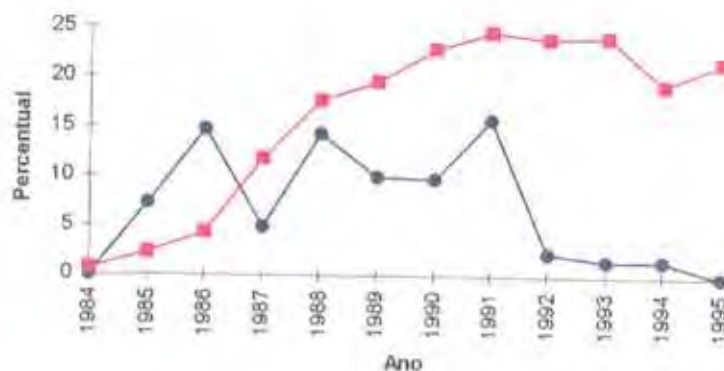
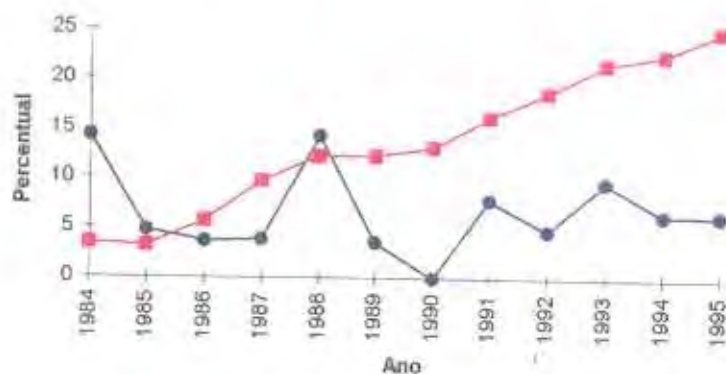


GRÁFICO 10

Evolução do percentual de casos de ADIS em mulheres * e do percentual de notícias ** abordando AIDS/Mulher e AIDS/Prostitutas - 1984 - 1995



Percentual de notícias sobre o assunto

Percentual de doentes da AIDS pertencentes a categoria de exposição

* Dados relativos ao Brasil - Fonte: Ministério da Saúde

** Notícias veiculadas no "Estado de Minas"

Se, por um lado, a análise desses gráficos alerta para um aspecto negativo da cobertura da imprensa sobre a AIDS - o descuido em acompanhar os novos números da doença, em levar aos seus leitores uma informação atual e precisa sobre como se prevenir, quais as formas de contágio e as mudanças

no perfil dos infectados através dos anos -, alerta, também, para um aspecto positivo: a diminuição do número de notícias relacionando AIDS e homossexualismo. Essa diminuição leva a duas observações:

a) no passado, ao apontar essa relação, a maioria dos jornalistas estaria expondo uma situação real de grupo de risco para a época e, não, transmitindo uma idéia de preconceito vinculada à doença;

b) a divulgação pela imprensa dos números oficiais, reforçando os homossexuais como grupo de risco, quando essa ainda era a realidade dos diagnósticos, assim como as campanhas do governo, criticadas por estarem direcionadas a esse grupo específico, certamente foram responsáveis pela diminuição do número de homossexuais infectados com o HIV.

Se os dados quantitativos das notícias abordando AIDS e hemofílicos não revelaram muita coisa, a análise qualitativa dessas notícias apontou em direção à observação acima. As denúncias envolvendo os bancos de sangue, cobrando seriedade e responsabilidade nas transfusões e a efetiva participação do governo nesse problema, certamente acabaram por ajudar a reverter os números de hemofílicos infectados.

O sangue e a Aids

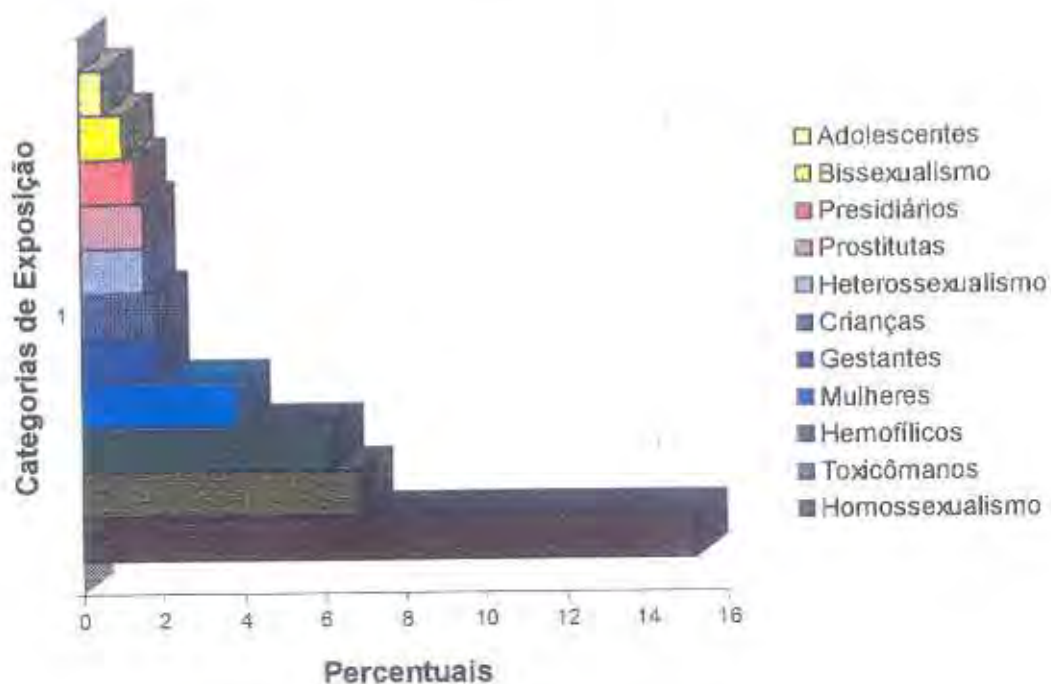
Só agora, três anos depois do registro da primeira morte provocada pela Aids no País, resolve o Governo da República, através de decreto, exigir que se submetam a testes todos os doadores de sangue, não só para verificar a possibilidade de contágio daquele mal, como também da sífilis, da hepatite "B" e da doença de Chagas.

[...] Embora tardia, merece aplausos e todo o apoio a decisão do Governo. Mas é preciso que ela saia do papel e dos gabinetes, para ganhar os hospitais e bancos de sangue. [...]

É importante ressaltar que, se considerarmos a média de notícias abordando cada uma das categorias de exposição - GRÁFICO 11 -, os números são muito baixos. Apenas 15,2% das matérias, em média, relacionam AIDS a homossexualismo; 6,2%, aos hemofílicos e 5,5%, às mulheres, considerando-se a soma de mulheres e prostitutas. Essa informação leva ao questionamento do caráter preventivo e educativo das notícias veiculadas no jornal.

GRÁFICO 11

Média de ocorrência das categorias de exposição tratadas nas notícias durante o período de 1984 a 1995



6.1.3 Classificação quanto aos temas abordados

Em um terceiro momento, as notícias sobre AIDS foram classificadas segundo seu tema. Considerando o total de notícias analisadas, procurou-se estabelecer o percentual de incidência dos temas. Essa

classificação possibilitou uma análise do conteúdo das notícias observando seu real interesse para o leitor e a divulgação de informações que, efetivamente, possibilitaram um esclarecimento sobre a doença.

Os temas "Estatísticas e Previsões" - GRÁFICO 12 - e "Pesquisas e Descobertas" - GRÁFICO 13 - apareceram como os mais frequentes na cobertura da imprensa sobre AIDS. Esse resultado, de certa forma, contradiz os resultados da pesquisa de CHECK (1987), para quem a imprensa exclui, na cobertura da AIDS, as reportagens sobre informações científicas. Em média, 18,5% das matérias analisadas tratavam dos números da doença e 16,1% apresentavam dados sobre pesquisas científicas.

GRÁFICO 12

Estatísticas e Previsões

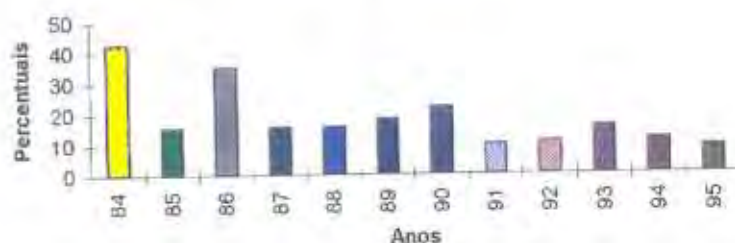
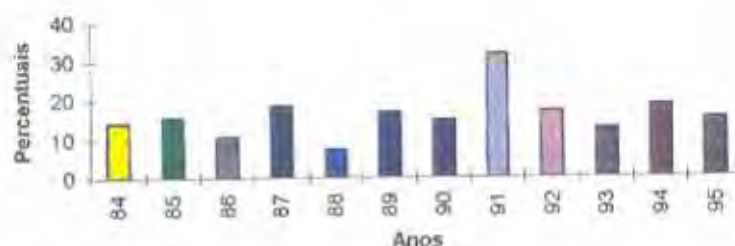


GRÁFICO 13

Pesquisas e Descobertas



As matérias que têm como tema principal "Estatísticas" e "Pesquisas" apenas relacionavam números e descobertas científicas, não apresentando nenhuma informação direta sobre a doença que pudesse auxiliar na prevenção. Isso, em parte, explica a pequena incidência de notícias relacionando as categorias de exposição analisadas anteriormente. Os números, que poderiam alertar para o crescimento da curva de infectados com o vírus da AIDS, eram apresentados sem nenhum atrativo para a leitura ou reflexão, muitas vezes em matérias que não despertavam a atenção do leitor.

Vírus já infectou a mais de dez milhões

[...] O último quadro da OMS sobre disseminação global da pandemia de Aids indica que mais de um milhão de pessoas no mundo inteiro foram infectadas recentemente com o vírus (HIV) desde abril de 1991, quando o relatório anterior foi divulgado. [...]

Os países do terceiro mundo já respondem por 80% de todas as infecções por HIV e esta proporção deve aumentar para mais de 90% no ano 2000. "A distribuição dos casos de Aids seguirá o mesmo padrão, com uma diferença de dez anos", explicam.

Na parte da África, que fica abaixo do Saara, "uma estimativa moderada" é de que mais de 6,5 milhões de adultos foram infectados até agora pelo HIV e "perto de

um milhão deles já desenvolveram a Aids", segundo o relatório da OMS.

"Há grande apreensão sobre o crescimento da pandemia no Sul e Sudeste da Ásia, onde se estima agora que pelo menos um milhão de adultos se infectaram pelo HIV", continua o relatório da OMS. [...]

No início deste ano a OMS fez uma estimativa dos adultos infectados pelo HIV em todo o mundo e obteve os seguintes resultados: um milhão de casos na América do Norte, mais de um milhão na América Latina, 500 mil na Europa Ocidental, 50 mil na África do Norte e no Oriente Médio, mais de um milhão no Sul e Sudeste da Ásia, mais de 6,5 milhões na África abaixo do Saara, 30 mil na Austrália, 20 mil na Europa Oriental e na ex-União Soviética e 20 mil no Leste Asiático e na região do Pacífico."

Estado de Minas - 13/02/92 - p.24
Página Especial / Saúde

Um teste chamado Elisa. É bom desconfiar dele

O teste para identificar a presença do anticorpo anti-HIV, que indica a possibilidade da pessoa ter tido ou não contato com o vírus da Aids, ao invés de trazer tranquilidade, pode ter conseqüências trágicas. Em Minas Gerais, uma pessoa se matou depois de obter resultado positivo em um exame feito em laboratório particular. No entanto, ela não era portadora do vírus. O que recebeu foi um resultado "falso positivo".

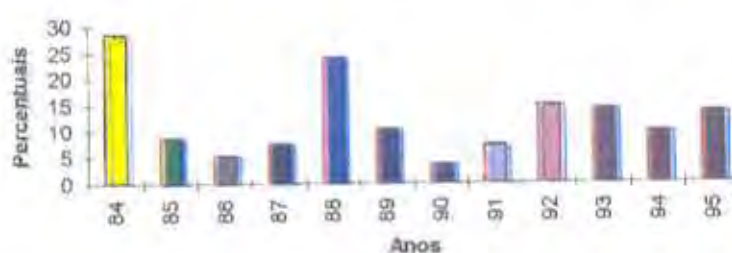
O chefe do Laboratório do Centro de Hemoterapia e Hematologia de Minas Gerais - Hemominas - , Caio César Garcia Souza, informou que em uma das pesquisas realizadas naquele instituto, de 33 testes positivos anti-HIV, feitos através do Elisa (Enzime Linked Imuno Sorbent), apenas três foram confirmados quando submetidos a novos exames. [...]

Estado de Minas - 13/02/87 - p.9
Editoria de Cidades

Além dos dois temas já citados, "Formas de contágio e Medidas Preventivas" - GRÁFICO 14 - apareceu como o terceiro mais abordado, com uma média de 12,4% das matérias informando sobre como se pega e se evita AIDS.

GRÁFICO 14

Formas de contágio e Medidas preventivas



De todos os temas levantados é, sem dúvida alguma, o mais importante quando se pensa no papel da imprensa de informar e educar sobre a AIDS, buscando participar efetivamente no combate à epidemia.

Informação, meio para evitar o medo

Informar para evitar o pânico. Com base nesse raciocínio e na convicção de que "a melhor maneira de prevenir a Aids, uma doença nova e pouco conhecida, é, no momento, a informação", a Comissão Interinstitucional de Controle da Aids em Minas prepara-se para uma longa agenda de debates sobre o tema [...]

Quanto aos debates e à necessidade de um fluxo constante de informações sobre o assunto, Hilton Brant Machado (coordenador da Comissão) frisa que o objetivo da comissão não é promover qualquer mudança de comportamento na sociedade, de ordem sexual ou de qualquer outra natureza. "Como a transmissão da doença é sangüínea, é preciso que todos saibam que alguns cuidados simples, como a utilização de

preservativos durante as relações sexuais ou de seringas descartáveis, podem eliminar os riscos de contágio"- disse ele. [...]

Estado de Minas - 18/05/85 - p.11
Editoria de Cidade

Aids e adolescentes

[...] A Aids é uma doença com conseqüências muito graves e deve ser encarada por todos com a maior seriedade. [...] A fundação Oswaldo Cruz, através de uma publicação denominada "Zigzaid's", para os jovens, elaborou dez questões sobre a doença que devem ser lidas com atenção por todos. São as seguintes:

[...] 2 - Como o vírus da Aids entra em nosso corpo?

R - Através da relação sexual com pessoa contaminada, utilização de agulhas contaminadas ou por transfusão com sangue contaminado.

3 - Como pode se pegar Aids através de uma relação sexual?

R - O vírus da Aids está presente nos líquidos que saem dos órgãos genitais do homem e da mulher, e que vão para o sangue através de feridinhas na pele mais fina da vagina, do ânus ou do pênis.[...]

Estado de Minas - 08/05/94 - p.8
Caderno Feminino
Coluna Informe Científico

A divulgação de "Congressos, Seminários, Palestras" - GRÁFICO 15 - e das "Campanhas e Programas do Governo" - GRÁFICO 16 - foram temas abordados em 8,1% e 7,7% das matérias, respectivamente.

BIBLIOTECA "PROFª ETELVINA LIMA"
Escola de Biblioteconomia da UFMG

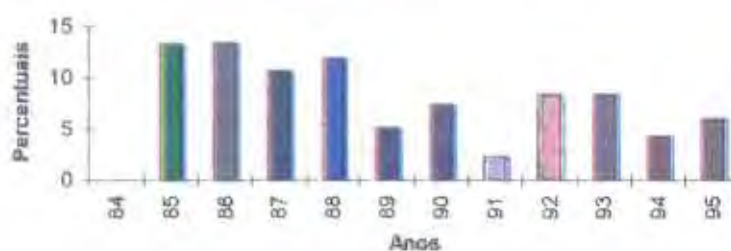
GRÁFICO 15

**Congressos, Seminários, Palestras,
Encontros, Livros**



GRÁFICO 16

Campanhas e Programas do Governo



Se não traziam nenhuma informação objetiva sobre a AIDS, possibilitavam, por um lado, a divulgação desses eventos, que buscavam discutir as questões referentes à doença, e, por outro lado, acompanhavam de perto as campanhas lançadas pelo governo, abrindo um espaço para discussão das mesmas pelos diversos setores da sociedade.

**Secretaria da Saúde lança
a campanha contra Aids**

Será lançada após 15h de hoje, oficialmente, a campanha de prevenção contra a Aids, na Secretaria de Estado da Saúde. O secretário José Maria Borges fará a apresentação das peças de divulgação, criadas e

produzidas pela sua assessoria de comunicação e um grupo de profissionais da assessoria técnica, responsável pelo desenvolvimento do trabalho. [...]

A campanha, que será "educativa e informativa sobre a Aids", segundo a assessoria de comunicação da Secretaria, terá três tipos de cartazes, adesivos e fitas cassetes. O material será distribuído em locais de acesso da população com o objetivo de esclarecer sobre as medidas preventivas da doença, além de divulgar o telefone 212-5000, ramais 340 e 111, que fornecerão qualquer informação sobre Aids. [...]

Texto dos cartazes é criticado

O arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, dom Serafim Fernandes de Araújo, considerou ontem que "falta conteúdo ético nesta campanha e os termos utilizados nos cartazes são de baixo nível". Dom Serafim afirmou ainda que "as autoridades, por motivo de pudor social, deixaram de falar no problema moral e se concentraram com conselhos de higiene e de Medicina. Do jeito que a campanha está sendo desenvolvida, pode-se prever, inclusive, um aumento do número de doentes, uma vez que a prática do sexo está sendo incentivada. [...]

Uma das frases utilizadas nos cartazes diz que "Transar é bom". Para o arcebispo, o grande problema não seria "com o transar", mas sim o conceito moral que envolve a questão do "por que transar". A Igreja não é contra uma campanha - explicou - mas não concorda em incentivar apenas o lado material da coisa.

Perguntado de como ele sugere então uma campanha informativa, dom Serafim disse que não sabe, mas certamente iria basear-se em valores morais. A Aids, frisou, "antes de ser um problema médico é um problema ético. Do jeito que está não poderá ser veiculada em escolas de primeiro e segundo graus, pois, então, seria um escândalo", concluindo que "essa campanha legaliza uma coisa errada, o homossexualismo e a relação sexual promiscua."

Estado de Minas - 20/01/87 - p.12

Editoria Nacional

Governo lançará campanha de prevenção contra Aids

A nova campanha de conscientização sobre Aids, do Ministério da Saúde, alertando sobre os riscos da transmissão da doença, deverá ser lançada no próximo dia 20 de novembro em todo o País. [...]

O programa da Aids deverá ter três desdobramentos. O primeiro foi o anúncio feito pelo ministro, no início da semana, afirmando que vai destinar US\$130 milhões para a compra de medicamentos usados no tratamento de aidséticos - inclusive a importação de AZT. O segundo é a campanha de prevenção na transmissão da Aids, com o controle do sangue e hemoderivados através da subconscientização da população.

De acordo com o ministro, essa fase será feita em seis etapas: através dos meios de comunicação; locais de trabalho; nas escolas; nas igrejas; em grupos especiais que têm dificuldade de absorver a comunicação, como os analfabetos, garimpeiros ou índios; e em grupos de risco, como homossexuais, bissexuais e usuários de drogas. [...]

O terceiro desdobramento da campanha será feito através da geração de dados. [...]

Estado de Minas - 26/10/90 - p.7

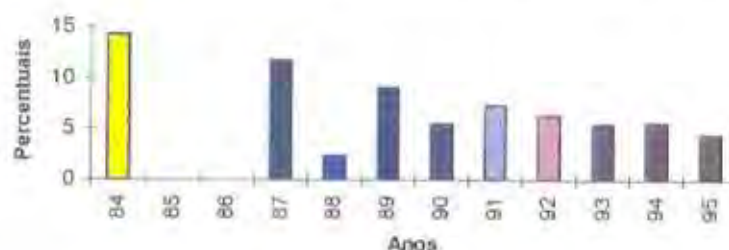
Editoria Cidade

Coluna sobre Saúde

Com uma média de 6,1% de ocorrências nas notícias sobre AIDS, veiculadas no "Estado de Minas", o tema denominado "Informações gerais sobre a doença" - GRÁFICO 17 - surgiu, juntamente com o tema "Formas de contágio e Medidas preventivas", como um dos mais importantes, no que diz respeito à divulgação de informações sobre o histórico, as diversas etapas pelas quais a doença já passou e as dificuldades e mudanças de comportamento da sociedade frente à AIDS.

GRÁFICO 17

Informações gerais sobre a AIDS



Essas matérias representavam, em sua maioria, um momento de revisão e análise crítica da AIDS através dos tempos. Esse tema foi normalmente abordado em matérias especiais, veiculadas em vários dias, como uma série. Com uma diagramação mais elaborada, apresentando gráficos, ilustrações e, muitas vezes, cor, eram bem atrativas para os leitores.

O que você precisa saber sobre a Aids

Apesar da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida ter se transformado em um assunto corrente, mesmo com a existência de mais de 400 Organizações não Governamentais (Ongs) no País cuidando do assunto, e das campanhas institucionais do Ministério da Saúde, a Aids continua em franca expansão, sem qualquer controle.

A pandemia (epidemia generalizada) já contabiliza cerca de 2,5 milhões de pessoas doentes no mundo, mantendo ainda uma reserva em torno de 40 a 100 milhões de soropositivos (portadores do vírus HIV que ainda não desenvolveram a doença). O Brasil está entre os países de maior incidência da doença, com 70 mil casos já registrados e em torno de 500 mil pessoas infectadas pelo HIV.

Esta expansão da pandemia da Aids está levando cientistas, pesquisadores e especialistas a fazerem uma indagação, ainda sem resposta satisfatória: Por que as pessoas continuam se expondo ao risco de contaminação? Por que mantêm o comportamento de risco? [...]

Os dados estatísticos revelam apenas parte de um problema que tem implicações muito mais profundas. A

Aids está umbilicalmente ligada à questão do prazer (sexualidade) e da morte, que são tabus em nossa sociedade, segundo o médico e psicanalista José Júlio de Andrade Fonseca.

A epidemia generalizada, para o médico infectologista e um dos coordenadores do projeto de estudo da vacina anti-HIV/Aids em Minas, Unai Tupinambás, é uma maldade com o ser humano, porque o deixa vulnerável diante da vida. "Há ainda um outro aspecto: o fato de as pessoas acreditarem que não se pega Aids de quem se ama. Como se o amor tivesse o poder de imunizá-las", observa.

O HIV/Aids é o mal do século, que antecipa a morte e limita o prazer. A Aids veio estabelecer nestes 12 anos de epidemia uma ligação entre dois signos absolutamente antagônicos: vida e morte. Especialistas no assunto observam que é muito difícil, para a maior parte das pessoas, falar e ouvir sobre Aids, porque isso ameaça o acesso ao prazer. Para o psicanalista José Júlio, o resultado é um "pânico inconsciente" dos indivíduos em pensar em usar camisinha e em escolher seus parceiros, mantendo uma relação de onipotência diante da morte. Esta resistência à negação da doença impede que as informações sobre sexo seguro e prazer sem risco atinjam as pessoas no nível emocional, estabelecendo uma divisão nítida entre razão e inconsciente.[...]

A principal fonte de transmissão do HIV no Brasil é a relação sexual, apesar de existirem diferenças regionais, devido às dimensões continentais do País. Estudos médicos apontam, por exemplo, as cidades de Santos (SP) e Itajaí (SC) e a região Oeste do Estado de São Paulo como áreas de maior incidência da doença entre usuários de drogas, que compartilham agulhas. Em Belo Horizonte, já com 1.500 casos registrados, e no Nordeste do País, a transmissão do vírus é mais por via sexual. No Brasil inteiro está se registrando o crescimento do número de mulheres contaminadas, em consequência de relações com parceiros bissexuais ou usuários de drogas e a expansão da doença em jovens.

Estado de Minas - 10/09/95
Editoria de Cidades

Com relação às notícias sobre "Pessoas públicas e AIDS" - GRÁFICO 18 - e "Histórias Anônimas e AIDS" - GRÁFICO 19 -, com média de ocorrência nos doze anos pesquisados de 5,9% e 4,6%, respectivamente, as matérias analisadas levaram a uma observação interessante, que, de certo modo, contradiz a literatura sobre o assunto. As notícias que falavam de pessoas anônimas eram bem mais sensacionalistas que aquelas que citavam pessoas públicas.

GRÁFICO 18

Pessoas públicas e AIDS

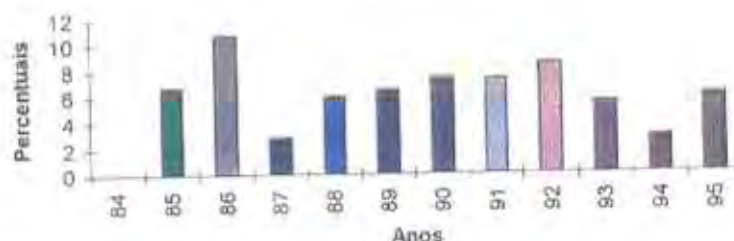
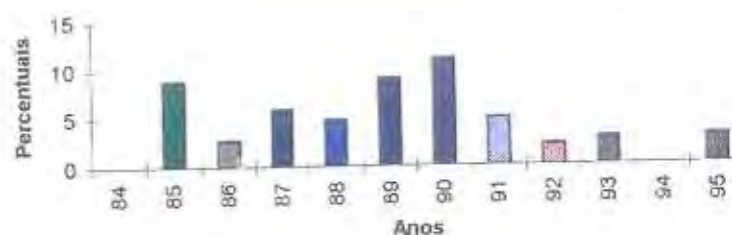


GRÁFICO 19

Histórias anônimas e AIDS



De certa forma, simplesmente noticiar a contaminação ou a morte de alguém devido à AIDS, não torna uma notícia sensacionalista. Quando as matérias que noticiam a morte de algum artista ou político famoso devido a

qualquer outra doença não são tidas como sensacionalistas, resta a pergunta: qual a diferença quando se aponta a AIDS como a causa da morte? O problema não está na notícia em si, mas na associação a opções sexuais que ainda hoje as pessoas fazem à doença. As críticas sempre citaram as matérias em que a AIDS pode levar a uma associação da pessoa pública ao homossexualismo ou às drogas. Parece estar aí o verdadeiro motivo do "sensacionalismo". As notícias sobre contágio através de transfusão de sangue não recebem as mesmas críticas e, no entanto, envolvem as pessoas públicas da mesma forma.

Cazuza volta para continuar tratamento

O cantor e compositor Cazuza chegou ontem, às 02h30min da madrugada, ao Rio, proveniente de Boston, nos Estados Unidos, onde se encontrava desde outubro em tratamento contra a AIDS. Segundo o seu pai, Cazuza está lúcido, engordou um quilo nos EUA, mas voltou para continuar o tratamento no Brasil com o medicamento "Gancielovir" porque suas condições clínicas não chegaram ao ponto ideal exigido pelos médicos para tentar o tratamento com a nova droga experimental DDI, que não apresenta os efeitos colaterais do AZT, que não faz mais efeito no cantor. [...]

Elizeth

A cantora Elizeth Cardoso, 69 anos, terá alta hoje, deixando o Hospital Santa Maria da Beneficência Portuguesa, na Zona Sul do Rio de Janeiro, onde esteve internada durante 20 dias. A cantora foi operada para desobstruir o intestino, bloqueado por um tumor cancerígeno. [...]

O diretor da Beneficência Portuguesa, Deyler Goulart Meira, contou que, durante o passeio matinal de ontem, observou que Elizeth Cardoso está emocionalmente equilibrada, otimista e disposta a lutar contra o câncer que enfrenta há três anos.

Afinal de contas Herbert de Souza, quem é você: um santo ou um pecador?

Embora pareça, ele não é santo como querem alguns e faz questão de dizer que não entraria no céu. Com um senso de humor que chega a ser uma lição de vida, Herbert de Souza, aquele irmão do Henfil que saiu do Brasil num rabo de foguete, esteve em Belo Horizonte, na última terça-feira. Ele veio acompanhar o lançamento do livro "Sem vergonha da utopia - Conversas com Betinho", que foi escrito por Ricardo Gontijo, depois de muitas horas de depoimentos gravados.

Hemofílico, como seus irmãos Henfil e Chico Mário, ele também se contaminou pelo vírus da AIDS numa transfusão de sangue, mas a doença ainda não se manifestou nele. Andando pelo país como peregrino, Betinho é, hoje, entre outras coisas, uma espécie de ouvidor do Rio de Janeiro, além de ser presidente da ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar da AIDS e um dos coordenadores da Campanha Nacional pela Reforma Agrária. [...]

Estado de Minas - 10/03/89 - p.1
Segunda Seção

Já as notícias sobre histórias de pessoas anônimas, contaminadas pelo vírus da AIDS, ganharam na imprensa dimensões que levavam ao desrespeito, como a matéria transcrita anteriormente, sobre a suspeita de contaminação de um cabeleireiro em Araguari. Dentre as notícias classificadas nesse tema algumas denunciam o preconceito contra os doentes e portadores do vírus da AIDS, mas a maioria apelava para a exploração da doença.

Confirmando: geólogo tem mesmo AIDS

SALVADOR - A Secretaria de Saúde da Bahia confirmou ontem que o geólogo Pedro Augusto Borges Lima, que na segunda-feira passada furou várias pessoas

com uma seringa contendo cocaina e sangue, no interior de um ônibus no bairro do Cabula, em Salvador, é mesmo portador do vírus da Aids e já esteve sob os cuidados do Hospital "Roberto Santos", o único que trata da doença no Estado.

Pedro Augusto, 35 anos, casado e pai de um menino de 10 anos de idade, continua detido no xadrez da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes. Segundo o delegado Admilson Rodrigues, titular daquela delegacia, ele vai ser indiciado em inquérito por tentativa de homicídio, crime que pode resultar em uma pena de até 20 anos de prisão. [...]

Estado de Minas - 08/06/89 - p.23
 Editoria Nacional

Mulher acha que marido está com Aids e é esquartejada

Pensando que seu marido estivesse com Aids, a doméstica Maria da Conceição Ferreira, de 43 anos, de Caratinga, no Vale do Rio Doce, resolveu dormir em outra cama, mas ele, o sapateiro José Félix Ferreira, de 45 anos, chateado com o comportamento dela, assassinou-a barbaramente com um machado e uma faca, esquartejando o corpo e colocando-o numa sepultura de 50 centímetros de profundidade por cerca de um metro de comprimento, dentro do quarto do casal. [...]

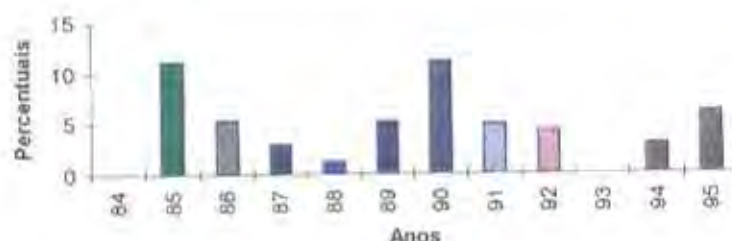
A suspeita de que José Félix está com Aids começou por causa de sua cor amarelada e uma grande fraqueza, notada por muitas pessoas. Os comentários de que ele estava com a doença circularam com grande intensidade em Corrego Novo, principalmente por causa de sua fama de "homem conquistador", que não faz muita exigência em sua escolha. O casal vivia junto há 22 anos e não tinha filhos. Não há notícias, segundo a polícia, de brigas entre eles antes de circular o boato sobre a doença de José Félix. Um médico, de acordo com o delegado de Caratinga, teria afirmado que a doença do sapateiro era uma anemia profunda e que ele, para se curar, teria que se submeter a um prolongado tratamento." [...]

Estado de Minas - 11/11/87 - p17
 Editoria de Polícia

As matérias que tinham como tema o "Atendimento aos doentes da AIDS" - GRÁFICO 20 -, média de 4,6%, cumpriram o importante papel de denunciar o descaso do poder público para com a AIDS, descaso este que não é privilégio do governo brasileiro.

GRÁFICO 20

Atendimento aos doentes de AIDS



Foram essas matérias que possibilitaram a vigilância constante de como estavam sendo encaminhados os problemas relacionados à falta de leitos e falta de medicamentos para os pacientes da AIDS.

Saúde vai receber 12 milhões de dólares para seus hospitais

Um convênio entre a Secretaria de Estado da Saúde e a Hungria, envolvendo cerca de 12 milhões de dólares, vai possibilitar a aquisição de importantes equipamentos médico-hospitalares para a rede estadual de saúde, informou ontem o Secretário da Saúde, Raimundo Rezende [...]

O secretário observou que a doença impõe resguardo do paciente ao contágio com o mundo exterior, não tanto pela sua contaminação, mas pela sua vulnerabilidade. [...]

Aids: clínicas vão instalar ambulatório

A Secretaria de Estado da Saúde vai inaugurar na terça-feira, no Hospital das Clínicas, o primeiro ambulatório de Minas para tratamento de Aids. Atualmente, são 12 os casos de Aids no Estado, com seis mortes. Três pessoas estão internadas no Hospital João XXIII, numa área isolada especialmente para elas.[...]

O ambulatório da Secretaria atenderá todas as pessoas que queiram esclarecimentos sobre a Aids, além das que necessitarem de recursos para exames ou verificação de suspeita da doença. [...]

Estado de Minas - 03/08/85 - p.6

Editoria de Cidade

Gapa denuncia descaso do governo

Os hospitais públicos recusam o atendimento alegando que não estão preparados para lidar com a Aids. Os hospitais privados, alegando que o poder público não está cumprindo com sua obrigação, também se desobrigam de fazê-lo. E o governo assiste a situação passivamente. Este drama que atormenta os aidéticos faz parte de um círculo vicioso que, para o presidente do Gapa, Roberto Domingues, terá que ser quebrado mais cedo ou mais tarde. Com duras críticas aos médicos que se recusam a atender aidéticos, ele lamenta que o próprio exemplo parta do Hospital das Clínicas da UFMG. [...]

Estado de Minas - 23/06/90 - p.7

Página Especial/ Medicina e Saúde

Governo não resolve falta de remédios

Os portadores do HIV ou doentes de Aids encontram outros motivos mais aparentes para recorrer a curandeiros ou raizeiros. Além de serem poucos os medicamentos eficazes, que garantem uma sobrevivência em melhores condições, eles costumam faltar. Drogas de uso contínuo e essenciais para evitar o aparecimento de doenças oportunistas graves como pneumonia, cegueira,

atrofia de membros e paralisia, não estão sendo fornecidas pela Secretaria de Estado da Saúde de Minas. O único medicamento disponível é o AZT. É mais uma crise na distribuição de remédios, deixando muita gente em situação de alto risco.

O presidente do Grupo de Apoio e Prevenção a Aids de Minas Gerais, Roberto Chateaubriand, informa que, em julho, a Secretaria de Estado da Saúde havia acertado com as ONGs envolvidas com a Aids em Belo Horizonte, a realização de reuniões mensais para o monitoramento da política de distribuição de medicamentos. Até agora, nenhuma reunião foi proposta, apesar dos apelos das ONGs diante da nova crise de medicamentos. [...]

Estado de Minas - 19/11/95 - p.42

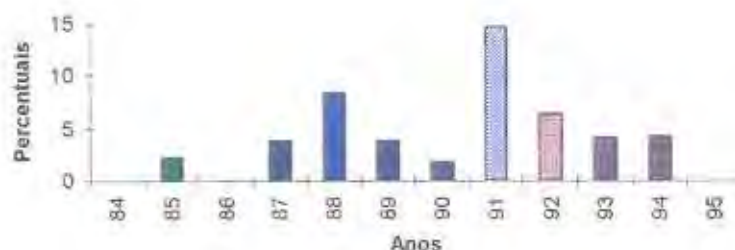
Editoria de Cidades

Série: Os curandeiros da Aids - II

Em média, 4,2% das matérias veiculadas nos doze anos considerados na análise do jornal "Estado de Minas" apontavam o "Preconceito e a Discriminação" - GRÁFICO 21 - que sempre acompanharam a AIDS.

GRÁFICO 21

Preconceito e Discriminação



Essas matérias procuravam denunciar o preconceito e a discriminação ao doente.

AIDS : Fenômeno e Preconceito

Edson NUNES

[...] A "responsabilidade" da Aids permanecia jogada sobre os homossexuais, principalmente quanto aos hemofílicos, porque eles estariam adquirindo a doença via sangue doado pelos "gays". Vieram os casos de crianças recém-nascidas e a responsabilidade foi logo atribuída ao segmento dos bissexuais, "parentes" próximos dos estigmatizados "gays". [...]

Estado de Minas - 07/07/85 - p.25
 Editoria Internacional

Denúncia sobre a Aids

Já existem empresas exigindo o exame "anti HTLV3", que identifica a presença do anticorpo do vírus da Aids no organismo, para admissão no emprego, o que pode levar a uma discriminação violenta, principalmente contra os homossexuais, uma vez que a incidência do anticorpo não significa que a pessoa esteja contaminada. [...]

Estado de Minas - 14/07/85
 Editoria Nacional

Gritando contra os travestis

Aids deixou de significar Síndrome da Imunodeficiência Adquirida para se transformar também em apelido de muita gente. Principalmente aqueles que trocam constantemente de parceiro. Quem mais sofre com as brincadeiras são os travestis. Em várias ocasiões eles são interpelados pelas pessoas nas ruas de Belo Horizonte, com gritos como "olha lá a Aids". [...]

Estado de Minas - 14/02/87 - p.9
 Página Especial/ Série: Aids ameaça humanidade

O vírus do século XXI

Rodrigo Guimarães Silva

O Brasil entrou na era do mega: mega produções, mega shows, megas de memória Ram. Isto me faz perguntar se não está havendo uma mega maquiagem para negar a miséria brasileira, o descaso social, e, no caso da Aids, para desconsiderar a dimensão alarmante que a epidemia vem assumindo em nosso País? [...]

De forma sintética podemos elucidar alguns fatores fundamentais para esclarecer melhor as fraturas sociais que agem como aliadas do HIV.

O primeiro aspecto, encontra-se na atual esfera do nosso sistema de saúde, que desestruturado e inoperante, não tem condições de atender o grande número de pacientes que se dirigem aos hospitais e ambulantes. [...]

O segundo aspecto de relevante preocupação, é que ainda não foi feita nenhuma proposta definida de intervenção a nível nacional e, acima de tudo, local, com políticas públicas bem delineadas onde sejam levadas a cabo ações preventivas e condizentes com a realidade social e das cidades e comunidades brasileiras, considerando a cultura sexual e o contexto social onde as decisões sobre sexo são tomadas; indo além de informações genéricas sobre o vírus e suas formas de transmissão.

E o terceiro aspecto de crucial importância vem a ser na esfera social, as maneiras pelas quais o estigma e o processo de exclusão marcam as pessoas portadoras do vírus da Aids, o posicionamento dos profissionais de saúde, os amigos e familiares, bem como as empresas que muitas vezes deixam o seu funcionário portador filadelfinando e desamparado. As dificuldades que as pessoas soropositivas encontram para o convívio social, no âmbito familiar, círculo de trabalho e em suas comunidades, agravam ainda mais este frágil quadro do dia-a-dia dos indivíduos portadores. [...]

Estado de Minas - 22/07/95 - p.6
Editoria de Opinião

Além desses temas, que estiveram presentes em maior ou menor incidência, durante os doze anos analisados, outros foram observados, mas com veiculação irregular: "AIDS e doação de sangue", "Cinema e Teatro", "Direitos trabalhistas para doentes da AIDS" e "Campanha nas empresas". Entretanto, torna-se importante mencioná-los, por caracterizarem uma abordagem especial com relação à AIDS. Esses temas estão representados no GRÁFICO 22 (página 143).

As campanhas de "Doação de Sangue" chegaram às páginas dos jornais no final de 1993. Nos anos de 1994 e 1995 apresentavam uma média de 11% de matérias tratando desse tema. É interessante observar que, nessas matérias, a idéia de "grupo de risco", foi substituída pela de "comportamento de risco".

Hemominas denuncia falta de sangue em BH

A Fundação Hemominas reduziu ontem o atendimento aos hemofílicos e pode suspender as transfusões de sangue e derivados na segunda-feira, se os estoques continuarem como estão: próximos de zero. [...]

O Hemominas promove hoje uma coleta de sangue na cidade de Caeté, de 7h às 18h, no prédio do Inamps. Para doar sangue é necessário ter boa saúde, idade entre 18 e 60 anos, nunca ter tido hepatite nem doença de Chagas, **não ter comportamento de risco para Aids**, não fazer uso de drogas. Os doadores passam por um exame clínico detalhado, o que tem sido motivo de reclamação de alguns. [...]

Estado de Minas - 28/05/94 - p.22
Editoria de Cidade

Também as matérias que abordavam a AIDS no "Cinema e Teatro" chegaram aos jornais em 1993, ainda timidamente, e em 1994 e 1995, já em maior frequência. Fica claro que as críticas e comentários só puderam ter início

quando o cinema e o teatro assumiram a AIDS como tema de seus enredos. No cinema, o primeiro filme de maior sucesso, do circuito comercial, a ter como tema a AIDS foi "Filadélfia", que chegou às telas da cidade em 1993. A peça "AIDS, Por Que Comigo?" levou o tema para os palcos, em 1993.

As notícias abordando os "Direitos trabalhistas para os portadores do vírus da AIDS" foram veiculadas, principalmente nos anos de 1987 a 1989, quando o preconceito, a desinformação e o medo levaram a uma série de medidas, por parte de empresas, visando o afastamento do doente da AIDS. O tema retornou aos jornais em 1994, consequência da abordagem do filme "Filadélfia", ou surgia dentre as notícias que tratavam do preconceito ao portador do HIV.

Gontijo terá que reintegrar empregado

Justiça manda empresa readmitir encarregado de cozinha dispensado por ter o vírus HIV

A Justiça do Trabalho mandou reintegrar o ex-encarregado de cozinha, Bernardo Zaldinar Silva, que foi demitido da Empresa Gontijo de Transportes, 46 dias após ter sido confirmado o diagnóstico de que ele era soropositivo para o vírus da Aids. [...]

Na ementa da medida cautelar, a juíza afirma que a saúde é um direito constitucionalmente reconhecido. Dai o trabalhador não poder ser despedido, mas sim afastado para tratamento. [...]

A Justiça do Trabalho determinou ainda que a reintegração deve se dar em funções compatíveis com o estado de saúde de Zaldinar.

Estado de Minas - 15/10/94 - p.17
Editoria de Cidades

O drama de quem foi traído pelo destino

[...] O desemprego é outra das realidades enfrentadas pelo doente de Aids. "Quando ficam sabendo, muitas empresas demitem o portador do vírus. Para ser reintegrado ao

trabalho, tem que recorrer à justiça. E aí o caso se torna público”.

Estado de Minas - 25/10/92 - p.37
Editoria de Cidades

A matéria acima aponta para um problema que será discutido mais à frente: a escolha dos títulos das notícias sobre AIDS no momento da edição. Apesar da matéria tratar corretamente do tema, colocar o contágio nas “mãos do destino” passa a idéia de que estamos imunes à AIDS, de que nada podemos fazer para evitá-la.

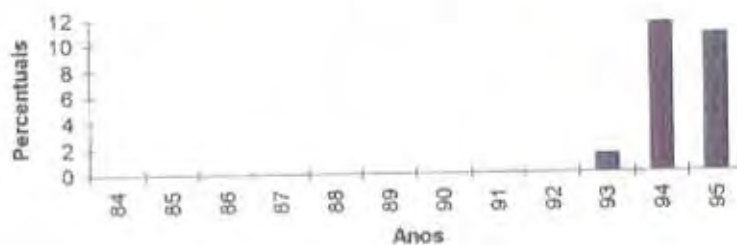
Em 1988, quando uma portaria dos ministérios da Saúde e do Trabalho incentivou a participação das empresas na prevenção à AIDS, as notícias divulgando as medidas adotadas por algumas empresas chegaram às páginas dos jornais.

Aids

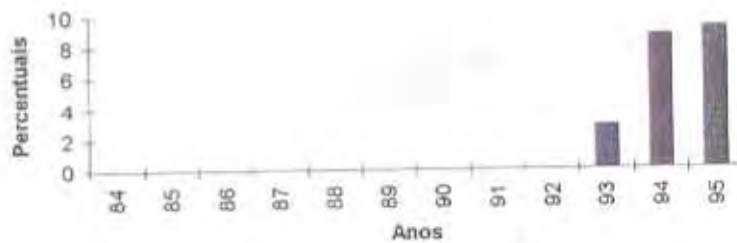
A Superintendência da Rede Ferroviária de Belo Horizonte está iniciando um novo trabalho de conscientização sobre a prevenção da Aids, através de sua comissão de prevenção. Diante das previsões do Ministério da Saúde, de aparecimento de 87 mil novos casos no Brasil, de 1993 a 1995, a empresa está alertando seus empregados sobre as formas de evitar a contaminação. Um grupo formado por médicos, psicólogos, enfermeiras, comunicadores e assistentes sociais participou de um treinamento com voluntários do Gapa - Grupo de Apoio e Prevenção à Aids. Na oportunidade, foram discutidos os aspectos psicossociais, jurídicos e clínicos da doença. Como continuidade, o grupo vai desenvolver um programa de ação para formar multiplicadores de informações, para que possam ser atingidos todos os ferroviários que trabalham ao longo da linha.

Estado de Minas - 20/10/92 - p.24
Editoria de Cidade
Tome Nota

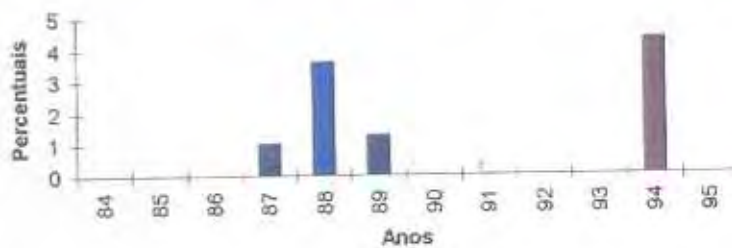
GRÁFICO 22

Temas esporádicos
AIDS e Doação de sangue

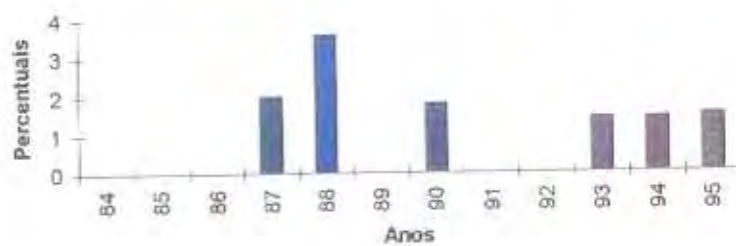
Cinema e Teatro



Direitos trabalhistas para doentes da AIDS



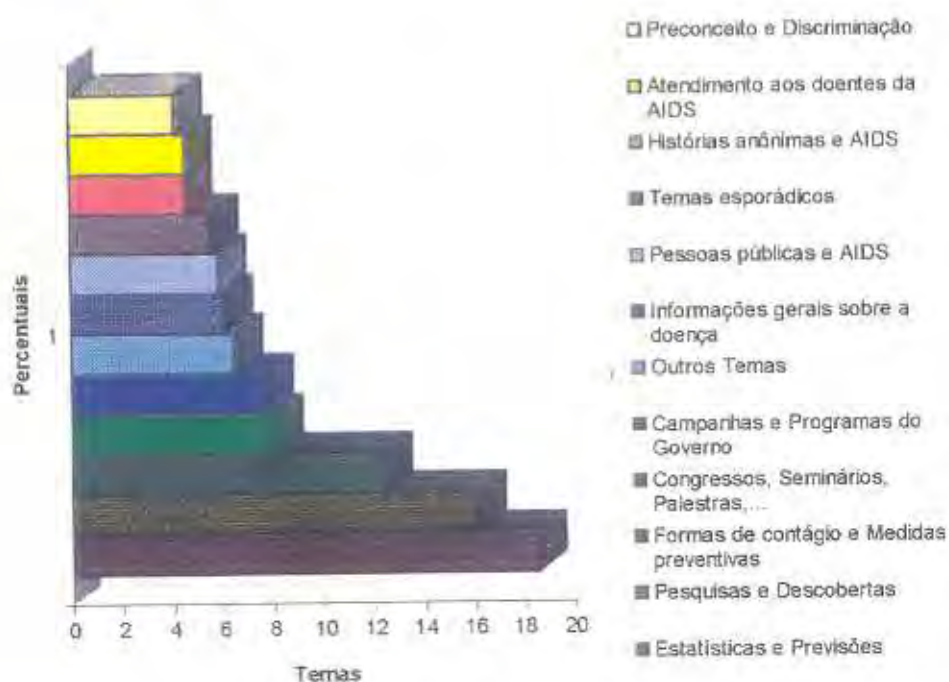
Campanha nas Empresas



As notícias que não se referiam a nenhum dos temas analisados foram enquadradas em uma categoria denominada "Outros Temas" e apresentaram uma média de 6,5%, considerando os doze anos de análise. O GRÁFICO 23 apresenta a média de incidência dos temas na cobertura da AIDS do "Estado de Minas", incluindo a categoria "Outros Temas", mencionada acima, e reunindo os quatro temas menos frequentes em uma categoria denominada "Temas esporádicos".

GRÁFICO 23

Média de ocorrência dos temas tratados nas notícias durante o período de 1984 a 1995



6.2 AIDS - como a imprensa informa

6.2.1 Classificação quanto aos aspectos subjetivos das notícias

A impossibilidade de ler os trabalhos referentes às pesquisas, cujos artigos - que apresentam apenas um resumo da metodologia empregada e da análise dos dados - estão relacionados na revisão de literatura, acaba dificultando uma avaliação dos mesmos. Percebe-se, ao tentar analisar as notícias sobre AIDS no jornal "Estado de Minas", que a análise através de uma abordagem quantitativa pode dizer muito pouco, quando se limita a contar o número de matérias que falam de determinado tema, ou a medir o espaço ocupado por centímetros quadrados de cada uma delas. Observa-se que nem sempre a maior notícia é a de melhor informação; ou o tema mais abordado, aquele que aparece em notícias claras e informativas. Já a análise qualitativa revelou dados importantes.

Essa quarta leitura no "Estado de Minas" procurou por informações que ultrapapassem as relações observadas na análise que buscou identificar em cada notícia a editoria em que foi veiculada, as categorias de exposição a que se referiu ou os temas de que tratou. Pensou-se, através da análise dos aspectos mais subjetivos das notícias, estabelecer o valor das informações que elas contêm e sua importância na representação social da AIDS construída a partir dessas informações. A leitura das matérias apontou alguns desses aspectos subjetivos, que, depois de classificados, passaram a ser observados em cada uma delas. Procurou-se, assim, observar o nível de informação de alguns jornalistas sobre a doença; a "veracidade" da informação transmitida; o contexto no qual se passou o fato relatado; as possíveis contradições entre a redação da notícia e a edição das páginas; a linguagem utilizada; a relação entre o tema abordado e a editoria em que a matéria foi veiculada; a importância da informação contida na notícia na educação, prevenção e esclarecimento da AIDS.

Algumas notícias apresentaram como característica comum problemas relacionados à desinformação dos jornalistas. Como já foi dito neste trabalho, não é fácil a tarefa de escrever sobre assuntos científicos e médicos de forma inteligível ao grande público. As dificuldades começam na própria desinformação do jornalista, para assuntos tão específicos, como é o caso da AIDS. As dúvidas mais comuns referem-se às informações da área médica. Entretanto, muitos termos interpretados de forma diferente pelos jornalistas e as pessoas envolvidas no atendimento aos doentes da AIDS, acabaram por atuar como "ruído" na comunicação das mensagens. Um exemplo em que a análise das notícias deixou bem clara essa situação, diz respeito à palavra **aidético**. A palavra, que, segundo os profissionais envolvidos com a AIDS, traz uma carga de preconceito muito grande, é usada pelos jornalistas em grande parte das matérias. A explicação para tal preconceito está no fato de não existir a doença AIDS, mas o doente com AIDS, o doente que apresenta uma série de infecções que agem conjuntamente. Entretanto, não percebemos na intenção do uso o preconceito apontado por muitos. Se a terminologia foi utilizada, acreditamos que seja pela desinformação do preconceito que ela representa para alguns e não pela intenção de discriminação. Não fosse assim, o título da notícia transcrita abaixo seria, no mínimo, contraditório.

Aidéticos continuam sendo discriminados

O preconceito contra o aidético ou portador do vírus da Aids no Brasil ainda é grande. Normalmente a confirmação do diagnóstico representa a morte civil, pois a pessoa perde os amigos, o emprego - quando portador assintomático do vírus - e às vezes até o apoio da família.
[...]

Estado de Minas - 19/11/92 - p.25
Editoria Cidade

O termo ainda foi usado como adjetivo sem que tal uso tenha a intenção de passar uma forma de preconceito. Procurava apenas qualificar o doente da AIDS, conforme definição de Aurélio Buarque de Holanda.⁷

Brasil já tem 1,5 milhão de pessoas contaminadas com o vírus da Aids

[...] Os dados nacionais indicam que a contaminação da Aids através de relações sexuais ainda apresenta os maiores índices. Os casos de contágio através de transfusão de sangue diminuíram de 7% para 2%, o que demonstra maior fiscalização do sangue doado a hospitais e postos de saúde. Em compensação, o número de casos envolvendo usuários de droga aumentou de 2% para 20%. **A maioria das mulheres aidéticas está inserida neste contexto.** [...]

Estado de Minas - 30/11/90 - p.1
Edição de Cidade

Tudo isso, no entanto, não justifica a desinformação do jornalista com relação a essa polêmica. Vale ressaltar que cabe a ele procurar esclarecer suas dúvidas ou apurar seus conhecimentos no tema sobre o qual escreverá.

Encontramos, ainda, um grupo de notícias em que as informações científicas e médicas sobre a AIDS estavam erradas, demonstrando o desconhecimento do jornalista sobre o tema e a irresponsabilidade em não apurar os dados obtidos. Esse é um problema com conseqüências sérias, pois compromete a prevenção e pode levar a uma discriminação além da inerente à própria AIDS.

⁷ Aidético: Adj. 1- Diz-se daquele que contraiu a Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida ou padece dessa doença. "em Nova Iorque milhares de estudantes e pais lutam para impedir que outra criança aidética continue a frequentar uma escola pública". S.m. 2. indivíduo aidético: os aidéticos da penitenciária foram isolados. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa - Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro - 1986 - p.70.

Entretanto a informação dita errada merece ser analisada com atenção. Existem as informações que, no momento em que foram veiculadas, eram verdadeiras, mas se analisadas fora do contexto daquela época, contêm informações desatualizadas.

Patologista acha sífilis muito pior do que a Aids

“Apesar de a Aids ser uma doença preocupante, outras moléstias sexualmente transmissíveis, como a sífilis e a gonorréia, registram hoje maior incidência no Brasil e não recebem o devido tratamento, nem são encaradas pelos seus próprios portadores com a seriedade necessária.” Isso foi dito ontem pelo vice-presidente da União Brasileira Contra Doenças Venéreas, o patologista clínico Humberto Abrão. Ele considera que a supervalorização da Aids tem levado as outras doenças sexualmente transmissíveis ao total esquecimento. [...]

Estado de Minas - 01/11/87 - p.14
Editoria Nacional

Em algumas matérias, entretanto, as informações, mesmo considerando a época de sua veiculação, estavam erradas e desatualizadas. Essas informações podem não só promover o preconceito, como já foi dito, mas levar a população a situação de pânico. A citação da fonte não justifica tal procedimento.

Cuidado com a Aids

HOJE passo aos leitores um folheto distribuído nos Estados Unidos pela “The American Aids Alert Association”, da Flórida, onde são abrangidos vários itens importantes sobre essa mortal doença imunológica. Embora muitos itens importantes sejam conhecidos, sempre há alguma novidade. Por exemplo: existem mais de 10 maneiras de se contrair Aids fora do sexo. O vírus da Aids (HIV) pode viver até sete dias fora do corpo humano. O vírus da Aids (ao contrário do que muitos

doutrinam), pode ser transmitido através da saliva. **É tão pequeno que pode penetrar em nosso organismo através dos poros da pele e dos bulbos capilares (raízes dos cabelos). Ele pode ser transmitido pelo beijo amoroso ou ao furar orelhas para colocar brinco.**

O VÍRUS DA AIDS foi encontrado em todos os líquidos do organismo, incluindo lágrimas, suor e urina. **As pessoas não devem usar talheres, xícaras ou copos de portadores do vírus HIV.** O vírus da Aids pode permanecer adormecido, inativo ou não detectado em seu corpo por dez anos. Ele pode ser transmitido em seu estado adormecido ou inativo. [...]

O MINISTÉRIO DA SAÚDE dos USA adverte que ao relacionar-se com um novo parceiro, ambos devem fazer um teste de Aids. Não use agulhas, copos, xícaras ou talheres de ninguém. Armazene uma quantidade de seu próprio sangue para emergências.

Estado de Minas - 23/01/94 - p.9

2ª Seção

A notícia acima causou reação de diversos setores e foi publicada, cinco dias depois, uma carta esclarecendo as informações.

Finalizando o papo

Para que não acabe virando uma novela, hoje encerro o papo sobre a nota aqui publicada, onde noticieei, em resumo, o folheto espalhado pelos shoppings e estacionamentos de Miami tratando dos perigos do contágio da Aids. Volto a publicar o telefone do "The American Aids Alert Association", para que os mais interessados possam fazer suas constatações ou questionamentos: 001 3050 262-2437, Miami, Flórida.

Diversas foram as manifestações a respeito e, entre todas, escolhi uma para registrar, dando assim por finalizado o assunto. Tenho a impressão que este comunicado será de interesse de todos os leitores incomodados já que abranda bastante os itens de contaminação. Quem assina este comunicado é Roberto Chateaubriand Dominguez, presidente do Gapa, entidade de apoio e prevenção à Aids, em Minas Gerais. Publico em resumo, mas filtrando o que mais interessa objetivamente. São estas as retificações:

1) O VÍRUS HIV já foi detectado em todas as secreções produzidas pelo corpo humano - sangue, sêmen, secreção vaginal, leite materno, suor, saliva, lágrimas, urina, fezes, líquido cérebro-espinhal, líquido raquidiano. Entretanto, ele não é transmitido senão pelas secreções sexuais (sêmen e secreção vaginal), sangue e leite materno, durante o contato com pessoas contaminadas, sem proteção. Isto se deve ao fato de que as quatro secreções citadas possuem uma alta concentração virótica.

2) O VÍRUS não é transmitido através do contato social (beijo social e amoroso, carícias, abraços, afagos); do compartilhamento de copos, xícaras, pratos, talheres, toalhas, vasos sanitários; do compartilhamento de mesmos ambientes (saunas, piscinas, elevadores, ônibus, quartos).

3) O VÍRUS HIV fora do corpo humano vive menos de 24 horas devido a sua baixa resistência à temperatura ambiente e à perda de seu poder de infectividade.

4) O PRESERVATIVO (camisinha) ainda é o instrumento mais seguro e eficaz para ser usado nas relações sexuais como forma de prevenir a contaminação pelo vírus HIV. [...]

O SR. ROBERTO, achando que o material de onde foram retiradas as informações seja desatualizado, gostaria que fosse publicado um esclarecimento adequado a situação. "Afim, aquele conteúdo apenas reforça posições de discriminação e preconceito, dificultando e obstruindo o esforço de um trabalho claro e correto da construção do conceito sobre Aids em nossa sociedade. [...]

Estado de Minas - 28/01/94 - p.5

2ª Seção

Se parece-me simples reconhecer a informação correta, pergunto-me como fica o leitor desinformado, que busca esclarecer suas dúvidas, diante de informações tão contraditórias. Em quem acreditar: no folheto distribuído pelo "The American Aids Alert Association" ou na carta do presidente do GAPA? Situações como essa em nada contribuem na caracterização da AIDS e comprovam, mais uma vez, a necessidade de confirmar as informações fornecidas, independente da fonte. A época em que a primeira notícia foi veiculada não justificava aquelas informações.

O contexto no qual ocorreram os fatos transformados em notícia pela imprensa não pode nunca ser esquecido, quando se pretende analisar a informação veiculada. E o contexto que envolve a AIDS, desde o seu surgimento até os dias de hoje, é o da dúvida e das controvérsias, conforme alerta NELKIN (1991). Um tema tão polêmico e desconhecido acaba por dificultar a veiculação de uma informação correta, no sentido de inquestionável. Retoma-se aqui a discussão anterior, envolvendo jornalistas e cientistas, sobre como a imprensa está informando sobre AIDS (DEAN, 1992; VELIMIROVIC, 1987; NELKIN, 1987; PETERS, 1995). Muitas vezes os próprios cientistas levam suas dúvidas para os congressos, e o jornal, ao levar para a sociedade a discussão científica, acaba por transmitir em suas notícias dados incertos e, algumas vezes, errados. Mas informar sobre o que está sendo discutido, os pareceres dos médicos e as pesquisas em andamento não seria um dos papéis da imprensa?

Aids: médico preocupado com paranóia

Preocupado com a "paranóia" que se espalhou pela cidade com relação à Aids (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida), o vice-presidente da União Brasileira contra as Doenças Venéreas e patologista clínico, Humberto Abrão, tem realizado uma série de palestras para esclarecer as dúvidas e desfazer tabus, como, por exemplo, o de que a doença é transmitida pela saliva, por aperto de mão, utensílios de cama e mesa ou pelo banheiro. [...]

Ele adverte: "Se um indivíduo não está dentro dos grupos de risco não deve se preocupar com a Aids. "E os grupos de risco continuam a ser:

Os homossexuais, que recebem o vírus na mucosa anal, muitas vezes já dilacerada. Estes ferimentos permitem que o vírus caia diretamente em sua circulação sangüínea.

O segundo grupo de risco são os usuários de drogas intravenosas, pois várias pessoas utilizam, ao mesmo tempo, a mesma agulha, que carrega material sangüíneo entre estas pessoas. **Os bissexuais também correm risco.** [...] Não há dúvida alguma de que 90 por

cento de todos os casos de Aids se situam nos três grupos de risco.

Estado de Minas - 29/07/87 - p.7
 Editoria de Cidade

Médico argentino acredita que a Aids vai estar sob controle já no ano 2.000

Embora existam hoje, no mundo, cerca de 13 milhões de indivíduos infectados pelo vírus da Aids (HIV), e para 1991, a previsão seja de que um bilhão de pessoas sejam portadoras do mal, o médico argentino e professor de Química e Imunologia da Universidade de Buenos Aires, Juan Carlos Flichman, estima que no ano 2.000 a doença esteja controlada e restrita aos grupos de risco, ainda que o medicamento que a combata não tenha sido descoberto. [...]

Estado de Minas - 16/10/88 - p.19
 Editoria indefinida

Médicos estrangeiros divergem sobre a Aids

O professor do Departamento de Biologia Molecular da Universidade da Califórnia, Peter Duesberg, é contestado em todo o mundo por centenas de cientistas que discordam de sua teoria de que a Aids não existe por si só, mas é um conjunto de doenças combinadas com o HIV (vírus da Imunodeficiência humana) que segundo ele já é conhecido há muito tempo. Por outro lado, há pesquisadores que endossam sua teoria e questionam a causa atribuída à Aids. [...]

Ele acredita que a doença seja adquirida por pessoas que tenham comportamento promíscuo por longo tempo, no mínimo dez anos. **"Para que uma pessoa contaminada transmita o vírus da Aids a outra pessoa teria que ter com ela pelo menos 500 relações sexuais."** E volta a afirmar que a doença não é transmissível. Comparou a Aids à cirrose, ao câncer de pulmão e à pneumonia, que só ocorrem como consequência de

determinado comportamento: são adquiridos. Como exemplo, ele disse, que se uma pessoa apresenta doenças como o sarcoma de kaposi, tuberculose, demência ou linfoma, e é detectado o vírus HIV, ela é rotulada como aids. Caso contrário é rotulada como portadora da doença detectada. [...]

Estado de Minas - 23/06/89 - p.11
 Editoria Nacional

Com relação às notícias que expõem o ponto de vista de cientistas o importante é se perguntar até que ponto o leitor separa a dúvida científica do registro jornalístico. No caso da última notícia transcrita, qual seria a consequência da afirmação de que para o Dr. Duesberg a AIDS não é transmissível? Como cobrir um evento como o 4^a Seminário Internacional sobre AIDS, realizado no Minascentro, e não levantar a grande polêmica do evento: as declarações do Dr. Duesberg?

O importante, ao noticiar as controvérsias, é definir o espaço de discussão e diferenciar hipóteses e certezas. Algumas vezes a solução passa por noticiar as várias versões apresentadas para uma mesma situação. Dessa forma resolve-se o problema da imprensa, mas, certamente, permanecerá a dúvida para o leitor. Como atribuir à imprensa a responsabilidade pelas informações divergentes, se a mesma não tem competência científica para esclarecê-las?

Foi aberto ontem, às 20h, no auditório Topázio do Minascentro, o 4^o Seminário Internacional sobre Aids, com a participação de especialistas dos Estados Unidos, França e Brasil. [...] **O ponto alto, no entanto, foi a polêmica discussão sobre a teoria do professor alemão, radicado nos Estados Unidos, Peter Duesberg, que acredita que o HIV não causa isoladamente a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Ele denunciou ainda a existência do que chama de "indústria da Aids", que alimenta o terror pela doença.**

A teoria do Dr. Duesberg foi contestada pelo professor americano George Dawson, que defende a posição de que o vírus - HIV - da imunodeficiência humana é o agente principal causador da Aids. [...]

Polêmicas a parte, o que ficou evidenciado foi a ausência de informações concretas sobre a doença, o que tem levado cientistas e pesquisadores do mundo inteiro a se curvarem diante de uma incógnita universal: o que causa a Aids? Como detectar e inibir o HIV? [...]

Estado de Minas - 23/06/89 - p.11

Editoria Nacional

Ainda com relação ao contexto de dúvidas e controvérsias, onde surgem as notícias sobre AIDS, existe outra polêmica, que envolve imprensa, cientistas e Igreja, e é responsável por mais um problema nas informações contidas nas notícias. Ao publicar a posição da Igreja frente às medidas preventivas apontadas por médicos e cientistas, o jornal está passando uma opinião de cunho moral que, não necessariamente, representa o seu ponto de vista. O compromisso de informar as opiniões divergentes, contraditórias e polêmicas traz para a imprensa o risco de ver essas opiniões interpretadas, em um primeiro momento, como suas.

Vaticano veta preservativo como método contra Aids

CIDADE DO VATICANO - O jornal "L'Observatore Romano", órgão oficial do Vaticano, afirmou ontem que o uso de preservativos como um meio para enfrentar a Aids é moralmente "inaceitável".

Segundo o jornal, em 95% dos casos, "o único modo verdadeiramente efetivo" de prevenir as causas da Aids é "se abster da prática sexual fora do matrimônio e do consumo de drogas".

Sob o título "Prevenção da Aids: Aspectos da Ética Cristã", o "L'Observatore Romano" reiterou a posição da Igreja Católica que proíbe totalmente o uso de anticoncepcionais e o sexo fora do matrimônio.

“Procurar a solução para o problema do contágio mediante a promoção do uso de profiláticos significa promover um caminho que não é apenas pouco confiável do ponto de vista técnico, mas também é acima de tudo, inaceitável do ponto de vista moral”, declarou o jornal do Vaticano. [...]

Estado de Minas - 10/03/88 - p.19
 Editoria Internacional

Cientista anuncia a vacina para Aids em reunião no Vaticano

CIDADE DO VATICANO - O pesquisador norte-americano Robert Gallo - um dos descobridores do vírus da Aids - declarou-se convencido, no Vaticano, de que em 1991 ou 1992 uma vacina contra esta doença deverá ser produzida, mesmo que não seja válida para todos os casos. [...]

No primeiro dia de debate se notou um certo confronto entre a posição mantida pela Igreja e a de alguns cientistas em relação ao uso do preservativo como modo de prevenir a Aids.

Montagnier se declarou de acordo com o uso do preservativo, classificando-o de “útil”, mas “não suficiente”, como serviu para prevenir outras doenças sexuais e, ao mesmo tempo, sugeriu fazer campanhas contra a “promiscuidade sexual”.

A voz da Igreja neste sentido foi defendida pelo professor Carlos Caffara, da Universidade Pontificia Lateranense de Roma, que classificou o uso de preservativos como “moralmente grave porque existe uma vontade de contracepção” e classificou de “ilícitas” as campanhas organizadas pelo Estado para difundir seu uso.

Caffara manteve uma estranha posição em relação aos casos em que um dos cônjuges contrai Aids. Sugeriu que a vida sexual “deve ser interrompida” a não ser que fique em perigo a “harmonia familiar” ou se arrisque a “cometer um adultério”. [...]

Estado de Minas - 15/11/89 - p.10
 Ciência e Tecnologia

Uganda: Papa diz que só castidade acaba com a Aids

KAMPALA - O Papa João Paulo II disse ontem a cerca de 30 mil jovens que "a castidade é o único meio mais seguro e virtuoso de se acabar com a epidemia de Aids na Uganda". [...]

A Igreja Católica condena o uso de "camisinha" e outros métodos de controle de natalidade. [...]

Estado de Minas - 07/02/93 - p.22
Editoria Internacional

A questão que essas notícias trazem consigo é até que ponto informar a posição da Igreja frente à AIDS não prejudica de forma concreta o esclarecimento sobre a prevenção. Entretanto, do ponto de vista jornalístico, como divulgar uma campanha e não divulgar as críticas dirigidas a essa campanha pelos diversos segmentos da sociedade?

Essa última análise, observando o que chamamos de "aspectos subjetivos da notícia", permitiu constatar que os problemas nem sempre se referiam à redação da notícia, propriamente dita, mas a sua edição. Como foi discutido em capítulo anterior, a edição das páginas de um jornal envolve diversas etapas. Uma delas, a titulação, é responsável por alguns equívocos no que diz respeito às notícias sobre AIDS. Frequentemente as hipóteses ou pesquisas em andamento são apresentadas nos títulos como verdades e descobertas, o que foi constatado, também, em outras pesquisas (SOURNIA, 1987). Quando se lembra que grande parte dos leitores lê apenas os títulos das matérias percebe-se o sério risco de informar errado.

Cientista anuncia a vacina para Aids em reunião no Vaticano

CIDADE DO VATICANO - O pesquisador norte-americano Robert Gallo - um dos descobridores do vírus da Aids - declarou-se convencido, no Vaticano, de que em 1991 ou 1992 uma vacina contra esta doença deverá ser produzida, mesmo que não seja válida para todos os casos. [...]

Estado de Minas - 15/11/89 - p.10
Ciência e Tecnologia

Chimarrão pode transmitir Aids

O velho chimarrão [...] poderá, através de sua bomba, estar transmitindo, **mesmo que em baixíssima escala**, a Aids. É o que destacou a epidemiologista uruguaia Glória Ruocco, durante seminário patrocinado pela Organização Mundial de Saúde, em Punta del Leste. Segundo Glória, o chimarrão pode transmitir a doença quando compartilhado por pessoas com infecções bucais com secreção de sangue, **"ainda que a possibilidade seja mínima"**. Para ela a transmissão da Aids por via sexual continua sendo a mais importante no Uruguai, principalmente entre os homossexuais masculinos.

Estado de Minas - 29/05/90 - p.17
Editoria Internacional
Um dia no mundo

Surge uma nova vacina contra a Aids nos EUA

WASHINGTON - Um vírus ativo, mas enfraquecido, revelou-se uma poderosa e eficaz vacina contra a Aids testada até o presente nos macacos, **mas poderá levar vários anos para que ela possa ser utilizada, sem riscos no ser humano.** [...]

Estado de Minas - 19/12/92 - p.14
Editoria Internacional

Quando o título extrapola a idéia contida na matéria - transformando o particular em geral, hipóteses em verdades, estudos em descobertas -, pode incentivar o preconceito e levar esperanças infundadas aos doentes da AIDS.

Ainda em relação aos títulos, nem sempre os mesmos destacavam a informação de maior relevância do ponto de vista científico. Nem sempre o que é mais importante para o jornal - um título que estimule o leitor a ler a matéria e/ou venda o jornal - é o mais importante a ser divulgado, se considerarmos o jornal como instrumento de informação sobre prevenção, por exemplo. Na notícia abaixo, a informação mais importante do ponto de vista de informar sobre o perfil da doença seria o aumento de notificações entre mulheres e não o número de casos registrados, que sem dúvida chama maior atenção do leitor.

Brasil já registrou 7.787 casos de Aids

BRASÍLIA - No mês de agosto foram notificados ao Ministério da Saúde 249 novos casos de Aids, no País, sendo que pela primeira vez o Estado do Rio de Janeiro apresentou maior número, 135, do que São Paulo, que registrou apenas 50 casos. Lair Guerra de Macedo, diretora da Divisão Nacional de Aids, ressaltou, ainda, o aumento de notificações da doença entre as mulheres que, em 1985 tinha a proporção de 34 casos masculinos para um feminino, e, neste ano, a expectativa é que seja de cinco para um.

Lair Guerra de Macedo disse que o crescimento do número de casos de Aids entre mulheres se deve, principalmente, ao uso de drogas injetáveis. Acrescentou que este aumento poderá refletir em um crescimento de casos entre heterossexuais e recém-nascidos. [...]

Estado de Minas - 21/09/89 - p.6
Editoria Nacional

Muitas vezes os títulos poderiam conter informações preciosas e, em uma ou três linhas, informar mais do que a própria matéria, porque

atingiriam maior número de leitores. Essa oportunidade de informar é perdida, às vezes, pela simples omissão de uma palavra, como é caso do título "A melhor prevenção é a informação". O espaço permitia o título *Aids: a melhor prevenção é a informação*.⁶ Exemplos como esse foram observados durante os doze anos analisados.

Uma atenção especial deveria ser dada por repórteres e editores às matérias em que expressam opiniões pessoais. Ainda que a objetividade já não seja mais o mito do passado, é preciso, nas matérias veiculadas como notícia, informar sem passar valores morais, buscando a discutida "objetividade possível".

AIDS

Mais um órgão de saúde pública foi criado nesse País onde a saúde pública ainda carece de muitos fatores para ser criada: a Comissão Interinstitucional de Controle da AIDS. O que é justo, tratando-se de organizar a profilaxia e tentar a terapêutica de uma doença que vai tomando certo vulto e já matou seis pessoas em Minas em pouco mais de um mês. **Mas seria justo também que a nova entidade e mesmo o serviço de vigilância epidemiológica da Secretaria de Saúde, este no caso particular da AIDS, trabalhassem em silêncio, como convém ao gosto de nossas tradicionais famílias.** E que os veículos de comunicação social, no trato da questão, também se comedissem um pouco. [...]

Estado de Minas - 08/08/85 - p.7
 Editoria de Cidade / Notas do Dia

Exagero

Nunca se assistiu, na história brasileira, a uma campanha em favor do sexo como a que ocorreu no último carnaval. Sob o pretexto de combater a Aids,

⁶ Estado de Minas, Belo Horizonte, 08 abr 1992. Editoria de Cidade/Interior, p.25. (Matéria pertencente à amostra selecionada)

difundi-se o uso do preservativo. Certamente uma medida necessária, já que é sabido o incremento de relações sexuais durante as festas de carnaval. [...]

Subliminarmente, a campanha do preservativo transformou-se, neste carnaval, numa apologia da prática das relações sexuais. E o que é pior: até o governo entrou nela, participando de uma jogada de marketing das maiores, em que até outdoors anunciavam uma comissão de frente à base de "camisinhas".

Estado de Minas - 17/02/94 - p.8

Editoria de Economia

Notas do Dia

A edição das páginas dos jornais determina que notícias entrem em que páginas. Procura-se manter próximos os temas correlatos. Isso exige um cuidado especial, para que duas notícias sobre um mesmo tema não sejam editadas uma ao lado da outra e contenham informações contraditórias. Em uma mesma página, da edição de 21/11/86, do "Estado de Minas", uma matéria tem como título **Pesquisa da vacina termina em 2 anos**, enquanto uma segunda anuncia **Aids pode virar epidemia em 1991**. Lendo apenas os títulos o leitor pode se perguntar: como prever uma epidemia para 1991 se até 1988 a pesquisa da vacina estará terminada? Apenas com a leitura da matéria fica claro que a pesquisa da vacina termina, em dois anos, as experiências com chimpanzês.

Com relação às notícias sobre AIDS, a linguagem utilizada pode ser um outro problema a ser enfrentado pelo jornalista ao redigir sua matéria. Além de termos médicos, o tema enfrenta o moralismo da sociedade que muitas vezes faz com que as informações sobre prevenção e formas de contágio sejam redigidas com uma linguagem biológica e médica e incompreensível para muitos leitores.

MG terá US\$ 9 milhões para prevenir e combater a Aids

[...] Os estudos mais recentes feitos pelo Ministério da Saúde apontam um crescimento significativo de caso de mulheres infectadas pelo HIV e a contaminação de crianças. Por isso mesmo, o ministério está divulgando uma cartilha com orientação sobre a revisão da definição nacional de caso de Aids em crianças. Todas as crianças com teste positivo, menores de treze anos, que apresentam dois sinais maiores da doença associados a dois menores ou um indicativo de doenças oportunistas serão notificados.

Os sinais maiores da doença são: **candidíase oral resistente a tratamento habitual, aumento crônico da parótida, herpes Zoster e tuberculose**. Os sinais menores são **otite/sinusite crônica, hepatomegalia (aumento do fígado) ou esplenomegalia (aumento do baço) repetidas, miocardiopatia, dermatite crônica, aumento de gânglios maiores de 0,5 centímetros em mais de dois locais, febre maior ou igual a 38°C com mais de um mês de duração, perda de peso de mais de 10% do peso anterior, anemia e diminuição de glóbulos brancos ou de plaquetas**. [...]

Estado de Minas - 17/06/94 - p.22
Editoria de Cidades

Aids e comportamento sexual

[...] Sobre a prevenção, Becker (ex-coordenador do Controle de Aids de Belo Horizonte e atual secretário-adjunto da Saúde de Belo Horizonte) salienta: "os casais têm que fazer um pacto de fidelidade no seguinte sentido: toda vez que for quebrada a fidelidade conjugal, a relação deve ser preservada." Ele explica que é por intermédio do **sexo anal receptivo** que existe maior chance de se contrair a doença, no caso do parceiro estar contaminado, isso tanto no caso do homossexual como da mulher. Pode existir também o risco, muito menor, da **secreção ano-retal para o pênis** ou da secreção vaginal para o pênis.

Ele ressaltou que geralmente o vírus vai no sentido do esperma, ou seja, **do ativo para o passivo**. [...]

Estado de Minas - 15/12/91 - p.14
Caderno Feminino
Informe Científico

Nas notícias acima, certamente teremos os leitores que não sabiam o que é candidíase oral, aumento crônico da parótida, herpes Zoster, miocardiopatia, dermatite crônica, aqueles que não compreenderam o significado da expressão "secreção ano-retal", aqueles que acharam totalmente impróprio, por questões morais, o uso da expressão em um jornal, aqueles que preferiam ver as informações em uma linguagem mais popular para que atingissem um público maior e até mesmo aqueles para quem as notícias sobre AIDS não deveriam tratar de temas envolvendo a sexualidade.

A questão da linguagem pode ser abordada, ainda, considerando-se as diferentes leituras para uma mesma informação. Em pesquisa realizada durante o curso de Ciências Sociais sobre homossexualismo - termo que a princípio não deixa dúvidas quanto ao seu significado - percebeu-se que diferentes regiões do país o abordavam sob diferentes aspectos. No Pará, por exemplo, o que determinava a homossexualidade não era o sexo biológico do parceiro, mas a situação de ativo ou passivo durante o ato sexual. Ou seja, no Pará, um homem que na relação sexual com outro homem assume o papel de ativo, não é considerado homossexual. Conseqüentemente, as informações que apontavam, no começo da epidemia, o homossexual como o principal grupo de risco de contaminação da AIDS, não teriam o mesmo significado ou o mesmo alcance, em termos de prevenção, em Minas Gerais e no Pará.

Cabe aos jornais definir como os diversos temas serão abordados e com que linguagem, não perdendo de vista o fato de ser o jornal, das fontes

de informação escrita, aquela que atinge um maior e mais diversificado público, não se esquecendo também, no caso específico da cobertura sobre a AIDS, da importância de se estar sempre informando sobre as formas de transmissão e prevenção da doença.

Passando para a análise da relação entre o tema abordado e a editoria em que foi veiculada a notícia, observou-se que, apesar de se destacarem as editorias Internacional, Nacional e Cidade, quase todas as editorias do jornal já noticiaram sobre AIDS. Entretanto, percebeu-se uma diferença na forma de abordar o tema, nas diferentes editorias.

As editorias Internacional e Nacional têm nas agências de notícias sua principal fonte de informação. Retomando a questão da linguagem e as diferentes leituras para uma mesma expressão, percebeu-se a importância de repensar a forma como as informações das agências internacionais e nacionais - as principais localizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo - são selecionadas e como a informação é tratada a partir dessas notícias, para atingir o leitor específico de cada jornal. Não se notou um cuidado nesse sentido. Ou seja, não se notou uma preocupação em trabalhar essas notícias observando sua relevância e a relação com o universo de seus leitores.

Como já foi exemplificado anteriormente, as notícias internacionais se resumiam, quase que exclusivamente, ao relato dos números da doença nos diversos continentes e das pesquisas desenvolvidas nos laboratórios de outros países, sem uma preocupação em associar esses números à situação brasileira ou a consequência prática dessas pesquisas com relação à realidade do doente da AIDS em Belo Horizonte, por exemplo.

Na editoria Nacional, aos números da doença do país e às pesquisas desenvolvidas pelos laboratórios nacionais, somavam-se aquelas informações sobre campanhas do governo e os problemas no atendimento ao doente da AIDS, dentre os temas mais abordados. Ainda que em escala

menor, as notícias ainda tratavam a AIDS como uma coisa distante do leitor do jornal. Da mesma forma como foi observado nas notícias da editoria Internacional, os dados apenas registravam o fato, não buscando uma relação de proximidade com o leitor, que transformasse a informação em algo que ele pudesse efetivamente usar.

As notícias que apresentavam uma maior proximidade com o leitor foram as veiculadas na editoria de Cidade. Ali a AIDS, o preconceito que ela ainda representa, as dificuldades dos doentes para conseguir tratamento e medicação tornavam-se algo concreto. Era ali também que os congressos, seminários e palestras eram divulgados, abrindo para o leitor um novo espaço na busca pela informação sobre a AIDS. Muitas vezes, denúncias com relação ao atendimento aos doentes e à demissão de portadores do HIV ou críticas às campanhas do governo ganharam espaço nas páginas da editoria de Cidades. Entretanto, as matérias com esclarecimentos sobre formas de contaminação e prevenção não eram freqüentes nessa editoria.

No Caderno Feminino as notícias surgiam quase sempre em uma coluna denominada "Informe Científico", o que permitia sua contextualização dentro de um Caderno que abrange assuntos tão variados. Com isso, essas matérias ofereciam uma informação mais objetiva, apontando as formas de contágio e as medidas de prevenção frente à AIDS. Esse é um tema freqüente, também, nas páginas especiais, denominadas "Medicina e Saúde" e "Ciência e Tecnologia".

O caderno Gabarito, desde seu surgimento, aborda a AIDS quase que semanalmente, em matérias especiais ou respondendo às cartas encaminhadas à coluna "Sexo sem neuras".

As notícias publicadas na 2ª Seção, hoje Caderno Espetáculo, eram em sua maioria, pelas próprias características do caderno, críticas a filmes e peças que tinham a AIDS como tema, notícias sobre lançamentos de livros ou

revistas sobre a doença e notícias sobre artistas que se contaminaram com o vírus HIV ou morreram de AIDS. As informações mais objetivas estavam nos próprios filmes e peças, o jornal apenas as ressaltava.

As notícias sobre prevenção e formas de contágio, ou seja, aquelas que efetiva e diretamente contribuem na educação sobre AIDS, estavam nas páginas denominadas "Medicina e Saúde" e "Ciência e Tecnologia". Vale ressaltar que essas páginas não eram, na estrutura da redação do "Estado de Minas", editorias formalizadas. Eventualmente alguma editoria - na maioria das vezes a editoria de Cidades - editava páginas especiais destinadas às notícias científicas.

Quando veiculadas em editorias como Esporte, Polícia, Caderno Fim-de-Semana ou Caderno de Turismo as notícias abordavam fatos curiosos, sensacionalistas ou inusitados, tais como o poder de cura para doentes da AIDS pelos cristais ou a obrigatoriedade, determinada pela FIFA, do uso de caneleiras pelos jogadores de futebol.

Entretanto, algumas vezes não percebemos a notícia como resultado de uma pauta estabelecida. Ao contrário: para aqueles que conhecem a rotina de fechamento de um jornal, fica a idéia de que determinadas notícias são utilizadas como "calhau informativo".⁹ É o que se percebe, por exemplo, com a matéria sobre a descoberta do vírus da AIDS, publicada em um domingo, no Caderno Feminino, nas páginas centrais. A matéria, cercada de anúncios, é a única na página.¹⁰

Muitas são as pesquisas que apontam para a importância dos jornais como fonte de informação sobre a AIDS para a grande maioria da

⁹ Calhau informativo: Pequeno texto noticioso sem grande urgência de publicação que os editores e editores-assistentes devem ter à mão para preencher, em caso de necessidade, espaços em branco deixados em uma página por falta de material previsto ou para acertar a modulação. FOLHA DE SÃO PAULO, 1992, p. 128.

¹⁰ Pesquisadores descobrem o vírus da AIDS. Estado de Minas, Belo Horizonte, 27 maio 1984, Caderno Feminino, p.7. (Matéria pertencente à amostra selecionada)

população (PÁDUA, 1986; BENNETT, 1987; LIMA, 1993; ROSS *et al.*, 1988; STROMAN *et al.*, 1989). Na verdade, considerando o número restrito de pessoas que poderão buscar a informação sobre a doença em livros ou nas palestras e seminários, não apenas os jornais, mas os meios de comunicação em geral surgem como um espaço fundamental para a divulgação dessas informações.

Para se analisar a importância das informações contidas nas notícias veiculadas pelos jornais na educação e prevenção da AIDS, torna-se necessário retomar a idéia de educação formal e informal apresentada no início desta dissertação. Pode-se afirmar que o jornal, nesses doze anos de análise, atuou muito pouco com relação à educação formal, aquela que pode levar à mudança de comportamento e ao posicionamento crítico frente à doença. Entretanto, o volume e a diversidade das notícias veiculadas demonstraram que o jornal, certamente, proporcionou uma educação informal, através de informações que possibilitaram aos seus leitores saber da existência da AIDS em seus diversos aspectos: seus números, formas de contágio, medidas preventivas e pesquisas em andamento, dentre outros.

Mas no caso da AIDS, essa informação não leva necessariamente à prevenção. O objetivo principal do jornal, como "educador informal" é informar e não educar, uma vez que educar envolve um processo bem mais complexo do que aquele desenvolvido na rotina de uma redação e exige um conhecimento bem maior do assunto do que aquele possuído pelo jornalista. Portanto é preciso, antes de mais nada, estar consciente da diferença entre informar e educar. Considerada essa diferença podemos afirmar: o jornal informa e, no caso da AIDS, demonstrou informar sobre diversos aspectos já analisados nesse trabalho (LIMA, 1993; CHECK, 1987; CLINE *et al.*, 1991). Ou ainda: o jornal vem assumindo seu papel de "educador coletivo", se consideramos o conceito de educação informal. Já à educação formal cabe o

desenvolvimento de programas que busquem uma atitude crítica e consciente com relação à doença e as formas de prevenção.

Entretanto, ao eleger como um dos conceitos de análise a importância das notícias sobre AIDS publicadas nos jornais na educação e prevenção, este trabalho apontou para uma reflexão ainda maior: qual deve ser o papel dos jornais no que diz respeito à AIDS, considerando-se suas limitações, do ponto de vista do próprio conhecimento sobre a doença, e suas vantagens, do ponto de vista da penetração nas grandes massas. O trabalho envolvendo os meios de comunicação e os profissionais da área de saúde, além de sociólogos, antropólogos e pedagogos, parece ser o caminho na luta contra a AIDS. Esse trabalho conjunto é também a solução apresentada por PARKER *et al.* (1994:354), ainda que os autores não discutam as limitações da imprensa em educar.

"Ação de informar tem como objetivo educar, isto é, transmitir um conhecimento objetivo, científico, prudente, sério, criterioso que resulte na adoção de hábitos e condutas que facilitem a prevenção da epidemia. Para esse objetivo o poder público e os movimentos sociais devem mobilizar os meios de comunicação de massa existentes no país, motivando-os a uma contribuição especial, criativa e voluntária. [...] A experiência concreta já demonstrou que existe por parte de todos os meios de comunicação de massa a boa vontade e a consciência necessária para participar desse esforço comum. [...] A Comissão Nacional de AIDS deverá constituir uma equipe interdisciplinar em condições de oferecer assessoria a todos os meios de comunicação em trabalho permanente sobre a AIDS."

7 CONCLUSÃO

Em consequência dos diferentes níveis das questões que se colocaram no início desta pesquisa, sua conclusão apresenta-se dividida em dois blocos de reflexão. No primeiro, responde às questões referentes à cobertura sobre AIDS do jornal "Estado de Minas": qual a representação da AIDS para o jornal e sua relação com a representação científica da doença, e que tipo de informação está sendo levada ao seu leitor. No segundo, aponta para uma reflexão mais geral sobre a responsabilidade da imprensa em informar e suas limitações para educar, principalmente com relação a um tema tão polêmico quanto a AIDS.

Nesse momento o importante e o que realmente interessa não é apontar números ou porcentagens de notícias que tratem desse ou daquele tema. Os gráficos inseridos nesta dissertação têm como função tentar apresentar, àqueles que forem ler este trabalho, uma visão geral das notícias selecionadas para a análise. Aqui, o importante e o que realmente interessa é levantar questões que levem à reflexão, no momento de produção e edição das notícias, sobre a responsabilidade da imprensa na construção de realidades.

Os jornais foram apontados, nas várias pesquisas que tratam do assunto, como uma das principais fontes de informação sobre AIDS e como uma das fontes mais importantes na tentativa de conter a epidemia. A análise, entretanto, revelou que a maioria das notícias traz informações sobre números de doentes, pesquisas científicas, dificuldades enfrentadas no atendimento dos doentes, notícias sobre pessoas - públicas ou anônimas - que morreram devido à AIDS, preconceito nos diversos setores da sociedade contra os soropositivos, mas não relatam com frequência e objetividade as formas de prevenção com relação à doença. Não negando a importância daquelas informações - que alertam para o crescente número de infectados no mundo e para a importância da prevenção diante da falta de perspectivas para a vacina e a cura, denunciam a falta de verbas para o tratamento dos doentes e o preconceito contra os soropositivos e doentes da AIDS - observou-se que as

notícias /raramente aprofundavam no conteúdo das informações.] Essa é também a crítica feita por CRAWSHAW (1990) à cobertura da imprensa sobre a AIDS.

Para a pergunta "que tipo de informação o 'Estado de Minas' está levando ao seu leitor", a análise levou a uma resposta, sob certos aspectos, bem objetiva: abrangente, considerando-se os vários temas relacionados à AIDS abordados pelo jornal; freqüente, considerando-se a incidência de notícias sobre AIDS publicadas no jornal; bem distribuídas, considerando-se as editoriais nas quais foram veiculadas e a relevância dos temas abordados com essas editoriais; de certa forma contemporâneas, considerando-se que relatam os fatos envolvendo a doença no momento em que eles acontecem; informativas, considerando-se as informações que transmitiam de uma forma geral, mas não educativas, já que surgem fragmentadas, descontínuas e sem um projeto formal que tenha a educação sobre AIDS como objetivo.

As críticas e observações quanto à cobertura do jornal sobre a AIDS levam a outras respostas, não tão objetivas, para a mesma pergunta colocada anteriormente.

Por tratar-se de um assunto em que as dúvidas e incertezas fazem parte da realidade, as matérias não poderiam deixar de refletir essas dúvidas e incertezas. O que para muitos foi interpretado como informações confusas, mostrou-se, em nossa análise, reflexo das controvérsias que envolvem a AIDS no campo do conhecimento científico. Se algumas notícias chegaram a apresentar informações erradas para a época em que foram veiculadas, o número de erros está longe de parâmetros que permitam uma generalização, o que não invalida a crítica e a responsabilidade de informar corretamente. A informação errada deve ser corrigida, mas antes de mais nada deve ser evitada, pois, no caso dos jornais diários, não se pode garantir que o leitor que assimilou o erro irá ler a correção na edição seguinte.

Observou-se que conhecer e apurar as informações fornecidas pelas diversas fontes é fundamental e imprescindível, para que o jornal não se transforme no meio de divulgação de produtos farmacêuticos, campanhas e ações do governo, que muitas vezes não saem do papel, médicos vaidosos que buscam por um reconhecimento público. Segundo SCHEFFER (1997), que acredita que algumas vezes os meios de comunicação, ao noticiar sobre AIDS, dão uma de Gepeto, esculpindo a mentira, " [...] *jornalistas que valorizam fontes sem checar a verdade deviam antes ouvir o grilo falante, a consciência de Pinóquio*".

Constatou-se, também, que a afirmação, quase unânime nas pesquisas relacionadas na revisão de literatura, de que a imprensa é preconceituosa e reforça a relação AIDS/Homossexualismo é, no mínimo, discutível. Nas notícias analisadas - ainda que se consideradas as categorias de exposição ao vírus essa seja a relação com maior frequência - percebe-se que aquelas relacionando os dois temas decrescem juntamente com o número de casos de contaminação de homossexuais. Até 1991 eram os homossexuais as principais vítimas da AIDS e, antes mesmo da doença, essa opção sexual já era considerada por muitos como "anormal" e vista pela sociedade como transgressão. A simples referência aos homossexuais, até mesmo nas matérias em que a palavra aparecia apenas acompanhada dos números da doença, já trazia implícitas essas idéias. Conforme foi apontado por KITZINGER (1990), ao ler as notícias sobre AIDS as pessoas acabam por deixar que sua interpretação sobre os diversos aspectos que envolvem a doença influenciem na compreensão dessas notícias. Para LUSTOSA (1996), o leitor busca na informação jornalística, antes de mais nada, reforçar o seu próprio discurso. Quando não mais que 20% de todas as matérias sobre AIDS falam de homossexualismo, quando em grande parte delas o preconceito é denunciado e a relação com a AIDS questionada sob o ponto de vista de serem os homossexuais o único grupo de risco, sugere-se uma reflexão na afirmação de que a imprensa é responsável pela divulgação de uma postura

preconceituosa com relação a AIDS e homossexualismo. As críticas a esse respeito devem avaliar a atuação da imprensa ao longo dos anos, observando a mudança no perfil do doente da AIDS.

Essa associação AIDS/Homossexualismo é responsável, ainda, pelas críticas às notícias de pessoas públicas doentes da AIDS. Enquanto muitos apontam esse tipo de matéria como sensacionalista, a análise mostrou que, em sua estrutura, ela não difere muito das notícias que informam sobre alguma pessoa pública que tenha qualquer outro tipo de doença. Entretanto, ao noticiar a morte de alguém com AIDS, é inevitável o efeito colateral, o preconceito que sempre acompanhou a doença. É preciso separar as situações em que este preconceito está explicitado ou sugerido nas notícias, daquelas onde o preconceito faz parte do universo dos leitores. Só assim a posição da imprensa ficará bem definida. McALLISTER (s.d.:210), ao analisar a estigmatização de grupos de riscos nas notícias, cita um trabalho de SONTAG:

"Sontag observed how in our culture certain illnesses carry meanings other than biomedical, and these nonbiomedical meanings may become so strong that an ill person becomes almost exclusively labeled and defined as a person with that specific illness. The illness, because of its nonbiomedical connotations, becomes a metaphor for characteristics attributed to that person."

Por outro lado, a análise mostrou que não parece ser uma preocupação na cobertura da imprensa sobre a AIDS os números oficiais da doença. Enquanto o número de heterossexuais infectados com o vírus HIV cresce rapidamente, as notícias pouca ênfase - ou quase nenhuma - dão a essa significativa mudança no perfil dos doentes da AIDS. Percebe-se que o mesmo ocorre com relação aos toxicômanos e às mulheres.

Outro aspecto levantado pela análise das notícias diz respeito à desinformação de alguns jornalistas, que acreditamos seja consequência, em

parte, da descontinuidade na cobertura da doença. Diante da "desespecialização" os jornalistas que escrevem sobre AIDS acabam enfrentando o problema de escrever sobre o que desconhecem e não têm tempo de conhecer. Observando as matérias assinadas percebe-se que muitos foram os jornalistas que escreveram sobre AIDS nesses doze anos. Certamente o número é bem maior já que a maioria das matérias não identifica quem as redigiu. Outras tantas chegaram das agências de notícias. Essa descontinuidade acaba atuando como mais um fator complicador na cobertura sobre a doença. A matéria sobre as dúvidas levantadas por alguns cientistas sobre um novo medicamento nem sempre será redigida pelo mesmo jornalista que redigiu os argumentos do cientista que o descobriu. Esse é um problema, e de alguma forma uma crítica, que a análise apontou. A desinformação e a conseqüente informação errada, incompleta ou confusa aparecem como resultado dessa descontinuidade. Sabemos que hoje alguns jornalistas, a maioria deles por interesses pessoais, têm buscado uma especialização no tema. Acredita-se que a solução, no caso da AIDS, passe por essa especialização, ainda que para muitos teóricos da comunicação o jornalista deve estar apto para escrever sobre qualquer assunto.

A análise das notícias sobre AIDS levou a um importante aspecto, que deve ser considerado quando se fala em jornalismo científico: a notícia científica dificilmente possibilita uma continuidade na apuração do fato, o que é conhecido, no meio jornalístico, como *suite*¹¹. Como recordar sucintamente a notícia de ontem - ou a última notícia abordando o tema - de forma a informar a quem não leu a notícia anterior e não afugentar o leitor que já conhece o assunto? O que parece simples para as notícias policiais, políticas, econômicas ou sobre a cidade, torna-se impossível nas notícias científicas.

¹¹ *Suite*: Ato ou efeito de descobrir uma notícia já publicada anteriormente pelo veículo ou por outro órgão de imprensa. Técnica de dar continuidade à apuração de um fato (já noticiado) que continue sendo de interesse jornalístico, mediante acréscimo de novos elementos para a publicação de notícias atualizadas. (RABAÇA, BARBOSA, 1987:550)

Assim, apesar da incidência de notícias sobre AIDS nas edições diárias, a cobertura se mostra fragmentada. As notícias são escolhidas, a cada dia, sem uma preocupação de continuidade, excetuando-se as séries especiais ou reportagens. Dessa forma as informações também chegam fragmentadas ao leitor, que lê diariamente sobre números da doença no país, falta de leitos nos hospitais para tratamento dos doentes, a morte de alguém causada pela AIDS, experiências diversas espalhadas pelo mundo. A abordagem do tema sob diversos aspectos acaba dificultando, ou impossibilitando, um trabalho de conscientização sobre formas de prevenção, por exemplo. Escreve-se de AIDS quase todos os dias, mas o que realmente interessa ao leitor, e o que ele assimila das informações veiculadas, diante de tanta variedade de assuntos? Conforme aponta BASCHUK (1988), a análise das notícias faz parecer que o jornal não tem uma opinião definida sobre como fazer a cobertura da AIDS.

Apesar de buscarmos uma representação da AIDS construída pela imprensa, fica difícil falar de uma representação da AIDS para a imprensa, quando a mesma cobre a doença sob os mais diversos aspectos. Ao noticiar os fatos está apresentando o que representa a AIDS para as diversas instituições da sociedade e não, necessariamente, uma representação que seja reflexo de sua postura frente à doença. Esse é um espaço que se abre somente nos editoriais. Quando fala da reprovação da Igreja ao uso do preservativo ou da postura da Igreja frente ao homossexualismo, está noticiando representações morais da Igreja. Ao noticiar o preconceito de toda uma vizinhança contra uma família com um membro soropositivo, está noticiando um preconceito que não é, necessariamente, o seu. Ao registrar as diferentes posições acaba por retratar diversas realidades, ainda que com seu olhar. Mas existe um limite que se impõe ao jornalista: o da busca da objetividade possível. Ainda que o jornalista discorde da posição da Igreja sobre o preservativo como medida de prevenção à AIDS, sua crítica a tal postura deverá ser embasada, não nos argumentos pessoais, mas na realidade apresentada pelos cientistas.

Assim, a representação social da AIDS construída a partir das informações veiculadas pela imprensa teria que ser analisada não apenas pelo conteúdo das notícias veiculadas, mas também pela forma como essas notícias são selecionadas e editadas, observando, principalmente, sua relação com a evolução da doença. É nesse momento que a sua representação para a doença começa a ser desenhada.

Apesar de não percebermos nas notícias analisadas uma preocupação em acompanhar os números oficiais da doença, algumas mudanças significativas acabaram por refletir-se nessas notícias, confirmando a idéia de que, assim como as informações, também as notícias são instituídas no social. Percebe-se que a representação da imprensa sobre a AIDS foi transformando-se ao longo desses doze anos, reflexo da transformação da representação científica da doença: os homossexuais não aparecem mais como o principal "grupo de risco" - expressão aliás, substituída por "comportamento de risco"; a cura já não é anunciada para o próximo ano, e ao contrário da euforia quando da descoberta do vírus, fala-se com cautela do desafio que representa a doença para o mundo científico; a fiscalização dos bancos de sangue resulta no decrescente número de hemofílicos contaminados, as pesquisas são apresentadas com todas as suas dúvidas e incertezas.

Algumas notícias cumprem apenas o papel de informar e divulgar eventos relacionados à doença, tais como congressos, palestras, seminários. Entretanto é preciso estar atento ao valor dessas informações. Na impossibilidade de uma maior interação com seus leitores sobre suas dúvidas e questões com relação à AIDS, para de alguma forma atender suas demandas de informação (o que hoje já é possível no "Estado de Minas" através do serviço "Fale com o Editor", que recebe pautas sugeridas pelos próprios leitores), esses encontros se apresentam como uma boa alternativa

para o esclarecimento. Ao divulgá-los, os jornais estão, ainda que indiretamente, informando sobre AIDS.

Em um segundo momento, como foi dito anteriormente, procurou-se pensar a responsabilidade da imprensa em informar e suas limitações para educar, principalmente com relação a um tema tão polêmico quanto a AIDS. Partindo da relação entre as informações contidas nas notícias veiculadas pelos jornais e o conceito de informação apresentado no início deste trabalho, está claro que todas as notícias apresentam uma informação potencial, cujo conteúdo vai variar de acordo com o tema da matéria. É a noção de futuro que permitirá a construção de um significado para aquela informação. Se muitas vezes elas não têm um interesse direto para o leitor, são fundamentais para os centros de pesquisa. E é somente no momento em que essas informações são selecionadas pelo leitor, conforme o interesse de cada um, que elas passam ao segundo estágio, que chamamos de informação consolidada. O leitor vai atribuir àquela informação um valor que vai variar de pessoa para pessoa. A importância na diversidade de temas abordados reflete-se nesse momento: um maior número de leitores encontrará a informação que procura nas páginas dos jornais. Conseqüentemente, um maior número de informações potenciais será transformado em informação consolidada, quanto mais variados os aspectos da doença noticiados pela imprensa.

Entretanto, o grande desafio que se coloca para a imprensa, assim como para todos os profissionais envolvidos com informação, é transformar essa informação em conhecimento, o que implicaria uma mudança de comportamento. No momento em que a informação deixa de ser um fim para tornar-se um meio, ela sai das páginas do jornal e entra na vida dos leitores. As informações sobre a corrupção no governo Collor transformaram-se em conhecimento no momento em que mobilizaram a população pelo seu *impeachment*; a informação sobre a queda de uma barreira devido às chuvas transforma-se em conhecimento quando permite o planejamento da viagem de

férias utilizando uma estrada alternativa; as informações sobre os diferentes índices das aplicações financeiras transformam-se em conhecimento no momento em que possibilitam ao trabalhador a escolha do melhor investimento para o seu 13º salário. Mas nem sempre é assim. Como escreveu ALVES (1995:3),

"Não sei o que fazer com a maioria das notícias. Com a previsão do tempo é fácil. Ela diz que vai chover. Previno-me com o guarda-chuva. Mas a maioria das notícias não me permite qualquer ação prática. 'Serra declara que privatizar só não resolve', manchete. A direção do jornal elegeu essa como a notícia mais importante do dia. Ó dia chato... Uma manchete, se eu fosse diretor de jornal, teria de ser semelhante a um 'tema' que o jornal dá ao povo para que ele faça variações naquele dia: coisa para provocar a dança dos pensamentos. Ai eu me pergunto: 'Meu Deus, que variação posso eu, modesto cidadão, fazer com a informação de que o Serra disse que privatizar só não resolve?' Meu pensador fica parado."

Com relação à AIDS, quando a informação sobre a doença se transforma em conhecimento? Quando se pensa na relação entre informação e educação está-se falando de conhecimento. A análise mostrou, através da variedade de temas, da forma de abordagem e da incidência de matérias sobre AIDS publicadas ao longo desses doze anos de análise, que as informações potenciais, e até mesmo as informações consolidadas, veiculadas pelo jornal, apesar de algumas críticas, parecem cumprir o papel esperado. As observações surgem quando falamos de conhecimento.

Educar seria oferecer subsídios para que o indivíduo pudesse transformar a informação em conhecimento, o que, como já foi dito, permitiria, inclusive, a crítica à própria informação veiculada pelos jornais. Esse é um processo, sob alguns aspectos, bem complexo. A pergunta que se coloca é se, no caso da AIDS, a imprensa estaria preparada para educar ou informar. Ou ainda, se no caso da AIDS, seria função da imprensa educar ou informar. Pensando na formação do jornalista, que não tem o conhecimento científico, médico e social da doença, como colocar nas mãos da imprensa a

responsabilidade pela educação formal? Esperar que os jornais consigam levar as pessoas a uma mudança de comportamento com relação à AIDS é menosprezar a força dos condicionantes culturais e sociais da doença.

Essas questões, entretanto, não tiram dos jornais a responsabilidade de informar corretamente, assumindo seu importante papel de "educador informal". Afinal, educação formal e informal não se excluem. Ao contrário, se completam.

A análise das notícias nesses doze anos mostrou que a maioria das matérias tratam de temas que pouco podem auxiliar na prevenção da doença. O grande número de notícias sobre "Números e Estatísticas" e "Pesquisas e Descobertas" aponta para informações que possivelmente permanecerão no primeiro estágio. Os jornais precisam descobrir o verdadeiro potencial das informações das notícias sobre AIDS, para permitir aos seus leitores agregar-lhes algum valor. Isso ocorrerá quando os números mundiais forem, por exemplo, relacionados aos números brasileiros da doença, ou quando a descoberta de um novo medicamento nos USA vier acompanhada de informações sobre as perspectivas de distribuição daquele medicamento aos doentes no Brasil. Mas de maneira geral o jornal tem informado sobre AIDS. Quase tudo que diz respeito à doença vem ganhando espaço nessa mídia.

A etapa, em que a informação se transforma em conhecimento, aparece como um problema, não apenas dos jornais, mas de todos os setores envolvidos na busca de mecanismos que efetivamente levem as pessoas a prevenir-se da doença. As pessoas sabem como se pega AIDS e o que deve ser feito para evitar o contágio. Muitas delas obtiveram essas informações nos jornais, segundo pesquisas apontadas no levantamento bibliográfico. Mas essas mesmas pessoas não se previnem. Como fazer com que as informações sobre AIDS deixem de ser um fim, para transformar-se em um meio é o grande desafio que se apresenta. Como conscientizar a população sobre formas de

transmissão e medidas preventivas, como fazê-la refletir sobre o preconceito e a solidariedade aos doentes da AIDS. Talvez a resposta passe pela especificidade da própria doença, que afeta a todos não apenas no nível racional mas, principalmente, no nível emocional. As informações, ao contrário, atingem o racional - a maioria das pessoas, como foi dito, sabe como se prevenir contra a AIDS - mas não as tem atingido ao seu nível emocional, levando à mudança efetiva de comportamento. Se quando nem mesmo as campanhas lançadas pelo governo com esse objetivo obtêm resultado, como cobrar isso da imprensa? As respostas terão que ser encontradas por cada instituição. A imprensa terá que encontrar a sua, pois só a partir desse momento ela estará cumprindo, dentro de suas limitações e aproveitando-se de suas vantagens como meio de comunicação para a grande massa, o importante papel de ajudar no combate à AIDS.

Talvez as maiores críticas estejam relacionadas à edição dos jornais e não propriamente à redação das notícias. Matérias que parecem selecionadas apenas para fechar um espaço exigido pela diagramação; títulos que buscam a informação mais importante e significativa, não do ponto de vista da AIDS, mas do ponto de vista do jornal; matérias com informações opostas editadas como retranca, revelando um descuido na seleção, são alguns exemplos que classificariamos como "problemas editoriais". Acreditamos que aqui faz-se necessária uma reflexão dos jornalistas que efetivamente buscam contribuir na divulgação de informações sérias e úteis, fazendo com que o jornal assuma o papel que já lhe é atribuído pela população, na luta contra a AIDS: informar sobre AIDS.

Acreditamos que esse trabalho, antes de tudo, se apresenta como uma primeira etapa e surge como o embrião de um trabalho maior, que buscará aprofundar-se no tema principal da construção de realidades pela imprensa brasileira. Sua importância, para mim, está no exercício metodológico e na iniciação do tema citado acima. O desejo, numa perspectiva mais

imediatamente, é o de contribuir para a reflexão dos profissionais da imprensa sobre o seu papel nessa batalha contra a AIDS. É aqui é importante ressaltar que, segundo ECKHOLM (1989), essa é uma tarefa que requer uma "perícia" especial, não apenas para entender e explicar as notícias, mas para decidir o que e como cobrir. Quando há pouco espaço para tanta informação e quando o tema envolve polêmica em tantas áreas - médica, científica, social, cultural, econômica - essa decisão é, certamente, o mais difícil dos desafios para quem se propõe a noticiar sobre a doença.

"The press occupies a prominent and sometimes uncomfortable position in society's response to AIDS. Our job is to report the news, not to proselytize for social causes or even to pursue a deliberate program of public education. But we recognize that, inevitably, the press is the main source of public information about AIDS. And if we do our job right, society's educational needs will be served. We also recognize that what we report, and what we do not, can affect people's lives [...]" (ECKHOLM, 1989:230)

Mas juntamente com seus objetivos científicos, este trabalho tem uma razão pessoal, que só agora, no final, se explicita. Quando a AIDS chega até você, não mais através das páginas dos jornais, mas invadindo seu coração, chega junto a necessidade de fazer alguma coisa, como que para compensar o "não saber o que fazer"; o "não saber o que dizer". Mas, se em um primeiro momento a AIDS nos tira a ação e as palavras, é ela também quem nos ensina que *"a eternidade possível é a transmissão do brilho de cada ator humano ao que lhe sucede em cena e que este ato de transmissão é o que chamamos solidariedade."* (Helbert Daniel)

Summary

The newspaper informs about the world through a clipping that implies several choices. These choices determine the social representation of the press about the most varied subjects. Starting from this point, the present work investigates the theme of the social representation of the press about AIDS - Acquired Immune Deficiency Syndrome. By analyzing the coverage of the disease by the newspaper "Estado de Minas", from 1984 to 1995, it tries to answer two questions: What kind of information is being brought to the reader? and What is the relationship between the representation of AIDS, built through the press and the scientific representation of the disease? That is, "what" and "how" the newspaper informs about AIDS. The analysis was based on the Grounded Theory, a proposed method for the qualitative treatment of data. In this method, the theory is built from the data themselves and the scientist is encouraged to be his own method developer. Comparison and the basic principles of triangulation techniques were the validation means used to verify the data analysis. Defining information as a three step process - potential information, consolidated information and information changed into knowledge -, the present work tried to analyze information contained in the news. They were grouped into concepts, built after reading these news. Such concepts were grouped into four categories: editorial, exposure to the virus, topics covered, and subjective aspects of the news. The fragmentation of facts, the lack of information of some journalists, the contradictions and the amplitude of the disease itself, and the problems related to the sources of information accessible to journalists and to the edition of newspaper's pages have led to the conclusion that the press is not able to provide a formal education about AIDS, capable of producing a change in behavior, in spite of the comprehensive, frequent, well distributed, informative and, in some aspects, contemporary news published by "Estado de Minas".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADEODATO FILHO, S., LONGO, P. H. The brazilian lay press and AIDS report covers: incoherence? IN: INTERNATIONAL CONFERENCE ON AIDS, 6, 1990, San Francisco. Proceeding of the sixth... San Francisco [s.n.], 1990. (resumo)
- AKHTAR, R. Diffusion of AIDS in Africa (as reported by newspaper media). Geogr. Med., v. 20, p. 85-9, 1990.
- ALBERT, E. Acquired immune deficiency syndrome: the victim and the press. McCormack, T, ed studies in communication, v.3, 1986. News and knowledge Greenwich, CT: JAI Press, 1986, p.135-58.
- ALTMAN, L. K. The press and AIDS. Bulletin New York Academic Medical, v. 64, n. 6, p. 520-8, July/Aug., 1988.
- ALVES, Rubem. Sobre jornais e aeluias. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 nov 1995. Opinião, p.3.
- AMARAL, Luiz. Técnica de jornal e periódico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1969. Cap. 3. Valor jornalístico dos fatos ligados à ciência, p.106-110.
- ANDERSEN, Lorrie. Resources on AIDS: the acquisition of instructional materials for schools. School Libraries in Canada, v. 8, n. 2, p. 25-28, Winter, 1988.
- BASCHUK, Claudio. Analisis del tratamiento de la noticia SIDA en la prensa Limeña: conclusiones. Lima: Ministério de Salud, 1988. 5p. (Ensaio).
- BELTRÃO, Luiz. A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco Masucci. 1969. 424p.
- BENNETT, F. J. AIDS as a social phenomenon. Social Science Med., v. 25, n. 6, p. 529-39, 1987.

- BERGER, P., LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1993. 247p.
- BESSA, Pedro Parafita . Uma análise do conteúdo dos jornais. Revista do Arquivo Municipal, nº CXLIX, ano XVIII, p.1-25. (s/d).
- BRADBURN, Frances. Informing youth about AIDS: responsible resources. Wilson library Bulletin, p.43-46, Jan., 1993.
- BRADLEY, Jana. Methodological issues and practices in qualitative research. Library Quarterly, v. 63, n. 4, p.431-449, 1993.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST/AIDS. Boletim Epidemiológico - Semana Epidemiológica 23 a 35 - Junho a Agosto, ano IX, nº 03, 1996.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST/AIDS. Organizações não-governamentais 1- catálogo. Brasília, 1994. 136p.
- CAMARGO, Kenneth Rochel. As ciências da AIDS e a AIDS das ciências: o discurso médico e a construção da AIDS. Rio de Janeiro: Relume- Dumará. 1994. 207p.
- CHECK, W. A. Beyond the political model of reporting: nonspecific symptoms in media communication about AIDS. Reviews of Infectious Diseases, v. 9, n. 5, p. 987-1000, Sept./Oct., 1987.
- _____. Public education on AIDS: not only the media's responsibility. Hastings Cent. Rep., v. 15, n. 4 (suppl), p. 27-31, Aug., 1985.
- CLARKE, J.N. Cancer, heart disease and AIDS: what do the media tell us about these diseases? Health Communication, v.4, n.2, p.105-120, 1992.

- CLINE, R. J., ENGEL, J. L. College student's perceptions of sources of information about AIDS. Journal Am. Coll. Health, v. 40, n. 2, p. 55-63, Sept., 1991.
- COLBY, D. C. Myth, media and AIDS: essay review. Journal Health Polit. Policy Law, v. 16, n. 1, p. 176-81, Spring, 1991.
- CORBIN, J., STRAUSS, A. Grounded theory research: procedures, canons, and evaluative criteria. Qualitative Sociology, v.13, n.1, p.3-21, 1990.
- COWEN, Sue, RIX, R. Wright. Starting up your own HIV/AIDS collection: a case study. Reference Services Review, v. 19, n. 2, p. 39-44, 1991.
- CRATO, Nuno. Comunicação Social: a imprensa. Lisboa: Editorial Presença, 1982. 263p.
- CRAWSHAW, R. The media and the AIDS crisis: a conference of Oregon journalists. Journal Clin. Epidemiol., v. 43, n. 5, p. 523-6, 1990.
- CUNNINGHAM, I. The public controversies of AIDs in Puerto Rico. Social Science Med., v. 29, n. 4, p. 545-53, 1989.
- DANIEL, H. We are all people living with AIDS: myths and realities of AIDS in Brazil. Int. Journal Health Service, v. 21, n. 3, p. 539-51, 1991.
- DEAN, M. AIDS and the Murdoch press. Lancet, v. 23, p. 1286, May, 1992.
- DICKINSON, R. Beyond the moral panic: AIDS, the mass media and mass communication research. Communications: the European Journal of Communication, v,15, n1/2, p.21-36, 1990.
- DOBROW, Julie, GOULD, Clint. The symbolism of AIDS: perspectives on the use of language in the popular press. IN: ANNUAL MEETING OF THE INTERNATIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION, 1986. Chicago. Paper presented at the annual... Chicago, 1986.

- DOUGHTY, Barbara Parr, RUSSELL, Lisa Raias. An AIDS information center. Medical Reference Services Quarterly, v. 8, n. 1, p. 1-11, Spring, 1989.
- DRUSHEL, B. E. Sensationalism or sensitivity: use of words in stories on acquired immune deficiency syndrome (AIDS) by Associated Press Videotext. Journal Homosex., v. 21, n. 1-2, p. 47-61, 1991.
- EAGLEN, Audrey. Y-AIDS: be forewarned. School Library Journal, v. 35, n. 15, p. 49, Nov., 1989.
- ECKHOLM, E. AIDS: the challenge to the press. Mt. Sinai Journal Med., v. 56, n. 3, p. 230-2, May, 1989.
- FELIPE, Carlos. Professores pesquisam visões da morte. Estado de Minas, Belo Horizonte, 04 nov 1996. Ciência e Tecnologia, p.9.
- FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo. Novo Manual da redação. São Paulo, 1992. 331p.
- FORNEY, Christopher D. The acquired immune deficiency syndrome: a bibliometric analysis: 1980-1984. Science and Technology Libraries, v. 10, n. 4, p. 45-90, Summer, 1990.
- FRANÇA, Vera Regina V. Communication et socialité: le journalisme au-delà de l'information. Paris: Université Rene Descartes - Sorbone, 1993, 428p. (Tese, Doutorado).
- GALVÃO, Jane. A AIDS e a imprensa: um estudo de antropologia. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1992. (Dissertação, Mestrado) (Resumo)
- GARCIA, Luiz (org.). O Globo: manual de redação e estilo. 6. ed. São Paulo: Editora Globo, 1992. 171p. Cap. 5. Questões éticas, p. 83-94.

- GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide; para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Editora Ortiz, 1989. 230p. Cap. 1. O funcionalismo e a comunicação: considerações preliminares - a imprensa como "função social", p. 29-38.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas, 1994. 207p.
- GINN, David S. The AIDS information crisis: confluence of the roles of information creator, seeker, and provider. Bulletin of the Medical Library Association, v. 75, n. 4, p. 333-41, Oct., 1987.
- GLUCK, Jeannine Cyr. AIDS speciality journals. Medical Reference Services Quarterly, v. 8, n. 3, p. 1-13, Fall, 1989.
- GOLDSTEIN, Donna M. AIDS and women in Brazil: the emerging problem. Social Science Med. v.39, n.7, p. 919-29, 1994.
- GRASSO, Lidia. Campanha da AIDS no Rio Grande do Sul: análise de notícias do jornal Zero Hora. Porto Alegre: UFRS, 1990, 41p. (Monografia, Graduação)
- GRUBE, A., BOEHME-DUERR, K. AIDS in international news magazines. Journalism Quarterly, v.65, n. 3, p.686-89, Fall, 1986.
- HALLETT, M. A., CANNELLA, D. Gatekeeping through media format: strategies of voice for the HIV-positive via human interest news formats and organizations. Journal Homosex., v. 26, n. 4, p. 111-34, 1994.
- HAMMERSLEY, Martyn. The dilemma of qualitative method; Herbert Blumer and the Chicago tradition. Londres: Routledge. 1990. 270p. Introduction, p.1-7, Cap. 5. Against the trend; Blumer's critique of quantitative method, p.113-136.

- HANAN, Janete Luzia Leite. Um certo olhar sobre um pequeno infinito - a percepção social da AIDS sob uma perspectiva fenomenológica. Rio de Janeiro: Departamento de Serviço Social da PUC-RJ, 1991, 219p. (Dissertação, Mestrado).
- HERZLICH, C., PIERRET, J. The construction of a social phenomenon: AIDS in the French press. Social Science Med., v. 29, n. 11, p. 1235-42, 1989.
- HODGKINSON, N. AIDS and the Murdoch press. Lancet, v. 6, p. 1418, June, 1992.
- HOFACKET, Jean. Intensive care: materials on AIDS and HIV. Library Journal, v. 118, n. 1, p. 65-8, Jan., 1993.
- HUGHES, Nancy Scheper. An essay: AIDS and the social body. Social Science Med. v.39, n.7., p. 991-1003, 1994.
- IMPrensa. Informação: a vacina mais eficiente contra a AIDS. Rio de Janeiro, nº 87, dez. 1994. Suplemento especial.
- JACOB, K. S., JAYAKUMARI, H., JOHN, J. K., JOHN, T. J. Awareness of AIDS in India: effect of public education through the mass media. B.M.J., v. 16, p. 721, Sept., 1989.
- KABBASH, Lynda, GILMORE, Norbert. AIDS: an information perspective. Bibliotheca Medica Canadiana, v. 8, n. 2, p. 71-8, 1986.
- KENEN, Regina H. Readers interpretations of AIDS stories in the press: implications for health promotion and social policy. Free Inquiry in Creative Sociology. v. 22, n. 2, Nov., 1994.
- KING, D. "Prostitutes as pariah in the age of AIDS": a content analysis of coverage of women prostitutes in the New York Times and the Washington Post - Sep. 1985 - April 1988. Women and Health, v.16, n. 3/4, p.155-76, 1990.

- KINSELLA, James. How to cover a plague. In: BERK, Richard A. (org.), The social impact of AIDS in the U.S. Cambridge: Abt Book. 1988. Cap. 6, p. 115-22.
- KITZINGER, Jenny. Audience understandings of AIDS media messages: a discussion of methods. Sociology of Health & Illness. v. 12, n. 3, p. 319-35, 1990.
- KLEIN, S. Your right to privacy and the AIDS virus: a selected bibliography. Legal Reference Services Quarterly, v. 13, n. 1, p. 105-16, 1993.
- LEAR, Dana. AIDS in the African Press. International Quarterly of Community Health Education. v. 10, n. 3, p. 253, 1989.
- LESTER, E. The AIDS story and moral panic: how the Euro-African press constructs AIDS. Howard Journal of Communication, v.3, n.3/4, p.230-41, Winter/Spring, 1992.
- LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de. AIDS - as epidemias dos virus e das informações. Ciência da Informação, Brasília, v. 22, n. 3, p. 201-9, set./dez., 1993.
- LISKIN, L. Using mass media for HIV/AIDS prevention. Aids - Care, v. 2, n. 4, p. 419-20, 1990.
- LOYOLA, Maria Andréa (org) - AIDS e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1994, 246 p.
- LUPTON, D. AIDS and the popular media: a new perspective at Florence. Aids Care, v.3, n. 4, p. 447-9, 1991.
- _____. AIDS risk and heterosexuality in the Australian Press - March-Sept. 1990. Discourse & Society, v.4, n.3, p.307-28, July., 1993.

- LUPTON, D. Apocalypse to banality: changes in metaphors about AIDS in the Australian Press. Australian Journal of Communication, v. 18, n.2, p.66, 1991.
- _____. From complacency to panic: AIDS and heterosexuals in the Australian Press- July 1986 to June 1988. Health Education Research, v.7, n.1, p.9, March, 1992.
- LUPTON, D., CHAPMAN, S., WONG, W. L. Back to complacency: AIDS in the Australian Press - March - Sept. 1990. Health Education Research, v.8, n.1, p.5-18, March. 1993.
- LUSTOSA, Elcias. O texto da notícia. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1996.192p.
- LUZ, Madel T. Prefácio. In: CAMARGO, Kenneth Rochel. As ciências da AIDS e a AIDS das ciências: o discurso médico e a construção da AIDS. Rio de Janeiro: Relume- Dumará. 1994. Prefácio, p.11-12.
- McALLISTER, Matthew P. AIDS, medicalization and the news media. p.195-221, s.d.
- MARCONDES FILHO, Giro. Jornalismo fin-de-siècle. São Paulo: Página Aberta. 1993. 154p.
- MAXWELL, J. Understanding and validity in qualitative research. Harvard Educational Review, v.62, n.3, p. 279-300, Fall, 1992
- MELO, José Marques de. Comunicação, opinião, desenvolvimento. Petrópolis: Vozes. 1979. 82p. Cap. 3. A imprensa, meio de elite, p. 14-15. Cap. 4. A linguagem das massas, p. 16-18.
- _____. Comunicação: direito à informação. Campinas: Papirus. 1986.152p.

- MELO, José Marques de. A imprensa como objeto de estudos das ciências sociais. Escola de Comunicação e Artes da USP. 1970. 26p.
- _____. Para uma leitura crítica da comunicação. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. 199p.
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. Rio de Janeiro: Hucitec Abrasco. 1993. Cap. 4. Fase de análise ou tratamento do material, p. 197-221.
- MIRANDA, Darcy Arruda. Comentários á lei de imprensa. São Paulo: RT. 1969.
- MOTTER, Maria Lourdes. Ficção e história: imprensa e construção da realidade. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 1992. 249p.(Tese. Doutorado)
- MUELLER, Julie M., MOSCHETTA, Virginia. AIDS information Sources. School Library Journal, v. 34, n. 1, p. 126-30, Sept., 1987.
- NELKIN, D. AIDS and the news media. Milbank Q., v. 69, n. 2, p. 293-307, 1991.
- NELKIN, Dorothy. Selling Science: how the press covers science and technology. New York: W.H.Freeman and Company. 1987. 224p.
- NORTON, R., SCHWARTZBAUM, J., WHEAT, J. Language discrimination of general physicians: AIDS metaphors used in the AIDS crisis. Communication Research. v.17, n.6, p.809-26, Dec., 1990.
- NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Disseminação de informação sobre a epidemia de HIV/AIDS para mulheres. Ciência da Informação, Brasília, v. 22, n. 3, p. 245-7, set./dez., 1993.

- OGUNYAKIN, O., JINADU, M.K. Evaluation of AIDS education through mass media in Nigeria. IN: INTERNATIONAL CONFERENCE ON AIDS, 6, 1990, San Francisco. Proceeding of the sixth... San Francisco [s.n.], 1990.
- PÁDUA, Iêda Martins de. SIDA, doença estigmatizante: uma leitura antropológica do problema. Anais da Faculdade de Medicina da UFMG, Belo Horizonte, v. 35, n. 1, p. 22-7, jan./abr., 1986.
- PARKER, Richard. A construção da solidariedade. AIDS, sexualidade e política no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. 141p.
- _____. Acquired Immunodeficiency Syndrome in Urban Brazil. Medical Anthropology Quarterly, v.1,n2, p.155-175, 1987.
- _____. Public policy, political activism and AIDS and Brazil. In: FELDMAN, Douglas A. (org.) Global AIDS policy. London: Bergin & Garvey, 1994. Cap. 3, p. 28-46.
- _____. Responding to AIDS in Brazil. In: MISZTAL, Brbara A., MOSS, David. Action on AIDS: national policies in comparative perspective. London: Greenwood Press, 1990. Cap.3 p.51-77.
- PARKER, R., BASTOS, C., GALVÃO, J., PEDROSA, J.S. A AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. 360p.
- PATTON, Michael Q. Qualitative evaluation and research methods. Londres: Sage Publications, 1990. 532p. Cap. 1. The nature of qualitative inquiry, p.9-34, Cap. 9. Enchancing the quality and credibility of qualitative analysis, p.460-494.
- PETERS, Hans Peter. The interaction of journalists and scientific experts: co-operation and conflict between two professional cultures. Media, Culture & Society, v.17, p. 31-48, 1995.

- PINEL, Arletty, INGLES, Elisabete. O que é AIDS. São Paulo: Brasiliense. 1996. 104p.
- PITTS, M., JACKSON, H. AIDS and the press: an analysis of the coverage of AIDS by Zimbabwe news papers. Aids - Care, v. 1, n. 1, p. 77-83, 1989.
- _____. Press coverage of AIDS in Zimbabwe: a five Year review. Aids - Care, v. 5, n. 2, p. 223-30, 1993.
- RABAÇA, C. A., BARBOSA, G. Dicionário de Comunicação. São Paulo: Ática. 1987. 637p.
- REARDON, K. K., RICHARDSON, J. L. The important role of mass media in the diffusion of accurate information about AIDS. Journal Homosex., v. 21, n. 1-2, p. 63-75, 1991.
- RIMÁ, Rozevânia Árabe. A informação como instrumento de prevenção à AIDS: estudo entre escolares da rede pública estadual de João Pessoa. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1995. 123p. (Dissertação, Mestrado)
- ROBERTS, Sarat, SHEPHERD, Louise, WADE, Jenny. The scientific and clinical literature of AIDS: development, bibliographic control and retrieval. Health Libraries Review, v. 4, n. 4, p. 197-218, Dec., 1987.
- ROSA, Feijoo, MARCOS, G., AIBAR, C., GÓMEZ, L. The social impact of AIDS in newspapers - Spain - 1984-87. IN: INTERNATIONAL CONFERENCE ON AIDS , 6, 1990, San Francisco. Proceeding of the sixth... San Francisco [s.n.], 1990.
- ROSS, M. W., CARSON, J. A. Effectiveness of distribution of information on AIDS. A national study of six media in Australia. New York State Journal Med., v. 88, n. 5, p. 239-41, May, 1988.
- ROSSI, Clóvis. O que é jornalismo. São Paulo: Brasiliense. 1995. 88p.

- SANTANA, S., FAAS, L., WALD, K. Human immunodeficiency virus in Cuba: the public health response of a Third World Country. Inter. Journal Health Service, v. 21, n. 3, p. 511-37, 1991.
- SANTA VICCA, Edmund F. Building an AIDS resource file: a rationale and a model. Reference Services Review, v. 15, n. 4, p. 69-72, Winter, 1987.
- SCHEFFER, Mário. A AIDS de Pinóquio. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 fev 1997. Opinião, p.2.
- SILVA, Rodrigo G. O vírus do século XXI. Estado de Minas, Belo Horizonte, 22 jun 1995. Opinião, p.6.
- SONI, S. D., WINDGASSEN, E. AIDS panic: effects of mass media publicity. Acta. Psychiatr. Scand., v. 84, n. 2, p. 121-4, Aug., 1991.
- SOURNIA, J. C. Médias et Sida. Bulletin Acad. Natl. Med., v. 171, n. 6, p. 713-7, June, 1987.
- STRAUSS, A., CORBIN, J. Basis of qualitative research: grounded theory procedures and techniques. Londres: Sage Publications. 1990. 270p.
- STROMAN, C. A., SELTZER, R. Mass media use and knowledge of AIDS. Journalism Quarterly, v.66, n.4, p.881-87, Winter, 1989.
- TURNER, B.A. Some practical aspects of qualitative data analysis: one way of organising the cognitive processes associated with the generation of grounded theory. Quality and Quantity, n.15, p.225-247, 1981.
- VELIMIROVIC, B. AIDS as a social phenomenon. Social Science Med., v. 25, n. 6, p. 541-52, 1987.
- VIÁ, Sarah Chucid da. Opinião pública: técnicas de formação e problema de controle. São Paulo: Ed. Loyola, 1983.

WEAVING, S. Media mustn't treat AIDS as soap opera. Nurs. Stand., v. 11, n. 476, p. 1, Dec., 1986.

WINDGASSEN, E., SONI, S.D. AIDS panic: effects of mass media publicity. Acta Psychiatr Scand , v.84, p. 121-124, 1991.

XU, Li D., LI, Ling X. An information systems approach to the intervention and prevention of AIDS. Information Processing & Management, v. 28, n. 2, p. 269-80, 1992.